ANNO XXXII N. 261

Por 3 mezes adiantados 4$000.
Por 3 mezes vencidos 4$500.

QUARTA FEIRA 5 DE NOVEMBRO DE 1856.

Por anno adiantado 15$000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇAO' NO NORTE

Parahiba, o Sr. Gervazio V. da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim I. Pereira Junior; Aracaty, o Sr. A. de Lemos Braga; Ceará, o Sr. J. José de Oliveira; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Piauhy, o Sr. Domingos Herculano A. Pessoa Cearense; Pará, o Sr. Justiniano J. Ramos; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

PARTIDA DOS CORREIOS.

Olinda: todos os dias, ás 9 e meia horas do dia.
Iguarassú, Goianna e Parahiba: nas segundas e sextas-feiras.
S. Antão, Bezerros, Bonito, Caruarú, Altinho e Garanhuns: na terça-feira.
S. Lourenço, Pau-d'Alho, Nazareth, Limoeiro, Brejo, Pesqueira, Ingazeira, Flores, Villa-Bella, Boa-Vista, Ouricury e Exú: nas quartas-feiras.
Cabo, Ipojuca, Serinhãem, Rio-Formoso, Una, Barreiros, Agua-Preta, Pimenteiras e Natal: quintas-feiras.
(Todos os correios partem as 10 horas da manhãa.)

AUDIENCIAS DOS TRIBUNAES DA CAPITAL.

Tribunal do commercio: segundas e quintas.
Relação: terças-feiras e sabbados.
Fazenda: quartas e sabbados as 10 horas.
Juizo do commercio: segundas as 10 horas e quintas ao meio-dia.
Juizo de orphãos: segundas e quintas as 10 horas.
Primeira vara do civel: segundas e sextas ao meio-dia.
Segunda vara do civel: quartas e sabbados ao meio-dia.

EPHEMERIDES DO MEZ DE NOVEMBRO

5 Quarto crescente as 3 horas 4 minutos e 48 segundos da t.
12 Lua cheia as 7 horas 23 minutos e 48 segundos da m.
19 Quarto minguante as 8 horas, 15 minutos e 48 segundos da m.
27 Lua nova as 2 horas, 24 minutos, 48 segundos da tarde.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira as 10 horas e 54 minutos da manhãa.
Segunda as 11 horas e 18 minutos da tarde.

DIAS DA SEMANA.

3 Segunda. Commemoração de todos os fieis defunctos.
4 Terça. S. Carlos Borromeu arc. card.
5 Quarta. Ss. Zacharias e Isabel pais de S. João Baptista.
6 Quinta. S. Severo b.: S. Athico: S. Leonardo eremita.
7 Sexta. S. Florencio b.: Ss. Prosdocimo e Achileo Bb.
8 Sabbado. Jejum. S. Nicostrato m.
9 Domingo. 25 Patrocinio da SS. Virgem Mãi de Deos.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇAÕ NO SUL

Alagoas, o Sr. Claudino Falcão Dias; Bahia o Sr. D. Duprat; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins.

EM PERNAMBUCO.

O proprietario do DIARIO Manoel Figueiroa de Faria, na sua livraria, praça da Independencia ns. 6 e 8.

PARTE OFFICIAL.

GOVERNO DA PROVINCIA.

Expediente do dia 28 de outubro.

Officio—Ao Exm. marechal commandante das armas, inteirando-o de haver, em vista de sua informação, concedido um mez de licença na forma da lei ao capellão da repartição ecclesiastica, padre Antonio de Oliveira Antunes, para cuidar de seus interesses nesta provincia.

Dito—Ao mesmo, recommendando a expedição de suas ordens, para no dia 31 deste mez as duas horas da tarde se passe mostra ao 1.º batalhão de infantaria da guarda nacional destacada, visto assim convir ao serviço.—Officiou se neste sentido á thesouraria de fazenda.

Dito—Ao chefe de policia, declarando, que transmittio á thesouraria provincial, para ser paga, estando nos termos legaes, a conta que S. S. remetteu das despezas feitas com o caiamento e concertos praticados no interior da cadeia de Serinhãem.

Dito—Ao inspector da thesouraria de fazenda, autorisando-o a mandar effectuar sob a responsabilidade da presidencia os adiantamentos que se mandou fazer aos commandantes dos navios, da estação naval, afim de estarem habilitados a fornecer de rações frescas as respectivas tripolações.

Dito—Ao conego Joaquim Pinto de Campos, inteirando-o de o haver designado para, nos termos do art. 20 do regulamento de 24 de fevereiro de 1855, fazer parte da commissão de julgamento dos exames de preparatorios.—Communicou-se ao director da Faculdade de Direito.

Dito—Ao commandante da estação naval, dizendo que tome a respeito da falta de foguistas as medidas que lhe suggerir a sua experiencia e zelo, inclusive qualquer razoavel despeza com premios ou engajamentos, da qual toma a responsabilidade, indicando Smc. a quanto deve montar.

Dito—Ao director das obras publicas, autorisando-o a receber definitivamente, não só a obra do decimo lanço da estrada do sul, mas tambem a do quinto lanço da estrada da Escada, passando ao mesmo tempo os competentes certificados, afim de que os respectivos arrematantes possam haver da thesouraria provincial, para o que ficam expedidas as convenientes ordens, a importancia das prestações a que tem direito.

Dito—Ao commissario vaccinador provincial, remettendo para o serviço daquella repartição um envolucro contendo laminas de pus vaccinico.

Dito—Ao inspector da thesouraria provincial, mandando entregar, mediante fiança idonea, ao vigario da freguezia do Buique, José Teixeira de Mello, a quantia de 600$ rs., por conta da consignação do art. 14 da lei provincial do orçamento vigente, para a continuação das obras da matriz daquella freguezia.

Dito—Ao mesmo.—No requerimento em que Antonio José Rodrigues de Souza Junior, Joaquim Pereira Arantes e a viuva de Fortunato Pereira da Fonseca Bastos, estabelecidos com casas de vender bilhetes de loteria do Rio de Janeiro, recorrem para mim da decisão dada contra elles pela junta dessa thesouraria, acerca do imposto que os supplicantes devem pagar pela industria que exercem lancei o seguinte despacho:—Aos supplicantes devem ser descontados por meio de compensação no anno seguinte os dias ou mezes, em que por facto da autoridade publica foram impossibilitados de exercer a industria, sobre a qual era lançado o imposto, porque a regra estabelecida pelo procurador fiscal de ser o imposto sempre devido integralmente, não deve ser applicada ao caso presente, em que a circumstancia sobreveniente, que privou o collectado de usar da cousa porque pagou o imposto, he um acto da autoridade. O que communico a Vmc. para seu conhecimento e direcção.

Dito—A José Antonio da Porciuncula Laage, delegado supplente em exercicio do termo do Bonito, declarando que transmittio á thesouraria de fazenda para serem pagos, estando nos termos legaes, os prets que Smc. remetteu da guarda nacional destacada naquella villa, relativos aos mezes de agosto e setembro ultimos.

Portaria—Concedendo ao guarda da alfandega Felix Paes da Silva Pereira, 2 mezes de licença com ordenado na forma da lei, para tratar de sua saude.—Communicou-se ao inspector da thesouraria de fazenda.

—

1.ª Secção.—Palacio do governo de Pernambuco 4 de novembro de 1856.

De novo se apresentaram neste palacio dous dos membros da mesa parochial de que Vmc. he presidente, como juiz de paz mais votado, para fazerem representações contra o procedimento de Vmc.

Sem decidir que Vmc. tenha tido o comportamento de que he accusado, passo a recommendar-lhe, que cumpra os seus deveres com a lealdade que se deve esperar de um homem de sua posição social.

Dizem os membros da mesa acima referidos, que apezar das recommendações que hontem verbalmente lhe fiz na presença delles, Vmc. recusou hoje recolher a urna e mais papeis n'um cofre, com duas chaves, que lhe foi offerecido, e deixou tudo aberto em cima da mesa na igreja.

Dizem mais, que concluida hoje a terceira chamada a meia hora depois de meio dia, Vmc. recusou proceder a contagem das cedulas que manda o artigo 49 da lei de 19 de agosto de 1856, e pretende que não he obrigado a continuar os trabalhos em dias seguidos, mas que os pode interromper, tendo todo o mez de novembro para conclui-los.

Logo que este meu officio lhe for entregue, cumpre que Vmc. faça recolher a urna e mais papeis dentro de um cofre convenientemente fechado, por que assim o manda a lei.

Amanhãa mesmo, Vmc. deve continuar os trabalhos da mesa executando pontualmente os artigos 49 e 54, e seguintes da lei acima citada.

Não he permittido interromper os trabalhos eleitoraes, e estando Vmc. incommodado ou impedido, deve ser chamado para presidir a mesa, e continuar esses trabalhos o juiz de paz immediato em votos.

Um proceder caprichoso ou o esquecimento das prescripções da lei, não podem ser agradaveis ao governo imperial, que deseja ver nas eleições a expressão da vontade nacional, e não o resultado de manobras, embustes e fraudes contrarias á decencia e a honra.

Firmemente creio a Vmc. incapaz de recorrer a esses meios, sabendo o seu alcance, e por isso hei por muito recommendado um cuidado muito escrupuloso em cumprir a lei, e não dar motivos a que se ponha em questão a sua probidade e obediencia a lei.

Deos guarde a Vmc. etc.—Sergio Teixeira de Macedo.—Sr. juiz de paz presidente da mesa parochial da freguezia da Varzea.

1. Secção.—Palacio do governo de Pernambuco, 4 de novembro de 1856.

Dous membros dessa mesa parochial vieram communicar-me que concluida hoje a terceira chamada de votantes a meia hora depois de meio dia, o juiz de paz presidente da referida mesa, recusou proceder a contagem das cedulas que manda o art. 49 da lei regulamentar de 19 de agosto de 1856, e pretende que não he obrigado a continuar os trabalhos em dias seguidos, mas que os pode interromper, tendo todo o mez de novembro para conclui-los.

Nesta data lhe officio declarando que deve elle amanhãa mesmo continuar os trabalhos da mesa executando pontualmente os arts. 49, 54 e seguintes da lei acima citada.

Cumpre que Vmcs., no caso de não comparecer o referido juiz, convoquem o seu immediato em votos para presidir a eleição, cujos trabalhos não devem ficar interrompidos.

Deos guarde a Vmcs.—Sergio Teixeira de Macedo. Srs. membros da mesa parochial da Varzea.

EXTERIOR.

A IGREJA DA ASSUMPÇAO E O ARSENAL HISTORICO, EM MOSCOW.

« Dou-vos pressa em vos fallar da cathedral da Assumpção (Ouspenkii Sobor) na qual desde tempos immemoriaes são coroados os imperadores, e que dentro de alguns dias attrahira' a attenção de todo o mundo.

« Este monumento he a creação mais magestosa e esplendida da architectura byzantina, e ahi he guardada com particular devoção e respeito a mais santa das santas imagens do imperio, a Santa Virgem de Vladimiro.

« As cupulas são sustentadas por elevadas e magestosas columnas cobertas de pinturas a fresco, ornadas umas e outras, assim como as paredes, de quadros sacros.

« O altar-mór fica á esquerda da entrada, e esta immensa parede he toda revestida de esmaltes. Candelabros gigantescos de prata macissa, como os lustres delicadamente cinzelados pendentes da abobadas do templo, ornam a entrada do santuario.

« A' esquerda do altar está a imagem das Virgem de que acima fallei, e que se póde chamar o palladio do imperio. Touxe-a a Moscow o grão-duque Vladimiro, que foi quem introduzio o christianismo na Russia; e no decurso de cinco seculos não deixou, senão por um instante, bem se pode dizer, de occupar o seu primitivo lugar na antiga cathedral. Foi em 1812. As tropas retirando da cidade em chammas, levavam comsigo o precioso symbolo, e attribuiram a sua divina influencia o desastre dos Francezes, em Beresino.

« A Virgem foi reconduzida em triumpho para a sua casa devastada, só depois que, graças a sua poderosa intercessão, os 30,000 homens, restos do grande exercito, passaram o Niemen. Hoje ahi descança n'um relicario de ouro macisso, ornado de fina pedraria, tudo avaliado n'um milhão. Na sua fronte brilha uma esmeralda do tamanho de um ovo de pomba, e sobre a custodia onde estão encerradas estas riquezas levanta-se uma cruz de diamantes, sendo cada um delles de immenso valor. Toda a igreja corresponde a esta magnificencia, e o estrangeiro mais desdenhoso destes esplendores, para offuscado no liminar do templo. Quando centenares de cirios illuminam a igreja; quando nuvens de incenso se elevam até as abobadas, quando harmoniosos cores invisiveis espalham as mais suaves melodias por toda a amplidão do templo, deve sentir-se uma dessas impressões que ficam para sempre gravadas na memoria, e que por um momento attrahem a fé os espiritos mais incredulos.

« Passo em silencio outros objectos que chamam a attenção, como a tribuna de Monomach, os tumulos dos arcebispos, a cadeira onde outr'ora se assentava o patriarcha, e de que o metropolita só occupa os degraos, desde que o conselho do synodo substituio o supremo poder do papado russo. Occupar-me-hei particularmente da ornamentação especial para a sagração do imperador Alexandre.

« Um espaçoso estrado alcatifado de velludo carmesim com franjas de ouro, para o qual se sobe por doze graos occupa o fundo da igreja.

« No primeiro e no ultimo degrão veem-se aguias de ouro. Sobre o estrado ficam os thronos de João III, e de Miguel Fedorovitch, destinados ao imperador e a imperatriz.

« A' esquerda do throno acha-se uma mesa coberta com uma tella de fio de ouro, na qual se collocaram as insignias imperiaes durante a ceremonia. Sobre o throno ha um docel de velludo carmesim bordado a ouro, tendo nos quatro cantos coroas e aguias, e no centro ramalhetes de pennas de avestruz. Todas as tapeçarias tem a firma imperial em campo de ouro, e são ornadas de aguias, cruzes e arabescos.»

As armas do imperio circumdadas polas dos reinos de Kazan, de Astrakan, da Polonia, da Siberia, da Taurida, da Georgia dos ducados de Kiew, de Vladimir, de Novogorod e da Finlandia, apparecem no centro do forro do docel, e nos angulos a firma do imperador cercada do collar de Santo André.

Esta decoração he riquissima, e não contrasta com a esplendida visinhança da Virgem de Vladimiro.

A imperatriz mãi Alexandra Fesdorowna occupara' a direita de seus filhos o throno de Aleixo Mikhailovitch, debaixo de um docel de velludo carmesim, com a sua firma bordada e ornada de aguias de ouro.

As columnas entre as quaes ficam os thronos, estão forradas de velludo até a altura do docel. Em redor armaram as tribunas para os membros da familia imperial, para o corpo diplomatico, para os conselheiros do imperio, altos dignitarios da casa imperial, damas de honor da imperatriz e estrangeiros de distincção.

As primeiras são forradas de velludo carmesim; franjado de ouro, e as outras de damasco encarnado. Os lugares para a cleresia, os degráos do altar e o proprio pavimento da igreja, acham-se alcatifados de estofo da mesma cor.

Imagine-se todas estas tapeçarias vermelhas e douradas neste templo cujas abobadas e paredes brilham com os reluzentes ornatos esmaltados, com as finas pedrarias e pinturas a fresco de brilhantes cores, e assim se pode fazer idea até certo ponto, do que he esse esplendor fabuloso, e ainda isto he apenas a moldura do imponente quadro que se prepara para domingo.

Um artista russo, de muito merecimento, Mr. Tymm esta' encarregado pelo imperador de reproduzir na tella esta scena sem igual entre as pompas que temos visto no nosso seculo.

O espectaculo todavia não se limita ao interior do templo. Aos centenares de felizes que poderam gozar da scena que se passava no interior devem ajuntar-se mais dez mil, os quaes collocados sobre estrados, verão chegar a porta da igreja o cortejo imperial e as equipagens dos embaixadores.

O imperador revestido com o manto soberano, de coroa na cabeça, empunhando o sceptro e o globo, percorrera' o Kremlim depois da ceremonia, e ja se distribuiram ao povo 70,000 bilhetes para presenciarem esta ultima ceremonia de tão fausto dia. Estes bilhetes vendem-se agora de 50 a 100 rublos (36$ a 72$ réis).

Quando sahi da cathedral pude ir visitar o grande arsenal historico no qual estão agglomerados os mais preciosos monumentos da historia da Russia. Andei se nesse labyrintho, guiado por um empregado russo que se empenhava obsequiosamente por me explicar em ronski cousas que eu não comprehendia.

Depois de haver atravessado uma grande sala onde se veem apparelhadas muitas pessas de artilharia de bronze, ahi vi os retratos de Pedro, o grande, de Catharina, de Isabel, de Paulo, de Alexendre, de Nicolao, e de...Napoleão I.

Causa realmente estranheza mostrar o retrato do imperador dos francezes revestido com o manto imperial, n'um arsenal russo.

He verdade que n'outra sala vi uma estatua de marmore do mesmo personagem entre os retratos de Luiz 16º. de França, de Jorge 3º de Inglaterra, e de Alexandre 1º.

He mui digno de menção um retrato da grande Catharina, vestida de homem e a cavallo, de espada na mão. Parece bem a grande soberana de quem o visconde de Segur, pedindo-lhe a imperatriz de fazer um quartetto com estas rimas—amour, frotte, tambour, note,—dizia:

De tout le monde ici Catharina a l' amour,
Au champ d'honneur malheur á qui s'y frotte;
La renom[illegible] est son premier tambour
Et la pos[illegible]é sera son garde-note.

Mais p[illegible]iante veem-se umas ao lado das outras as carro[illegible] que tem servido por occasião da sagração dos czars. Nenhuma vence em magnificencia as que figuraram no cortejo de hontem. Ahi se encont[illegible]n pequenos carrinhos mui graciosos que servir[illegible] a Pedro o grande quando creança; outros ond[illegible]s imperadores iam para as caçadas, e outros ainda, que conduziam os patriarchas as igrejas. Tudo isto he pitoresco e interessante, mas esta um pouco carunchoso.

Perto desta, fica outra sala, que esta' muito bem aferrolhada, onde se guardam os thronos dos czars; alguns delles são de um valor immenso como obras de arte, ha um particularmente que mais attrahe a attenção. He todo de marfim, admiravelmente cinzelado, e foi offerecido pelo imperador grego Thomaz Paleologo ao czar João 3.; um outro ornado de finissima pedraria, pertence a Miguel Fedorovitch. Finalmente nota-se um que encerra um esconderijo, onde se mettia a irmãa de um czar para ouvir o que lhe diziam nas audiencias e ditar-lhe o que havia de responder.

Nesta mesma sala vi bengalas de ouro, de prata de madreperola, de ebano, de christal, de osso de mammouth adornadas de pedras finas, pertencentes a diversos czars illustres. O que mais admiração causa incontestavelmente o junco da India de que se servia Pedro o grande para ditar 'a lei aos boiardos, e dizer-lhes em phrase energica o dito celebre de Luiz 14: O estado sou eu!

Subimos depois uma magestosa escadaria, e entramos atravéz de magnificas portas de ferro, que dirieis obra do Quintino Metsys, nas salas onde se veem amontoados os objectos mais ricos. Aqui tendes armaduras historicas em guerreiros de cera, trophéos de espingardas de peças de artilharia, de pistolas, e alguns delles desenham nas paredes a figura imperial ou aguia de duas cabeças; acolá gualdrapas e capotes de pannos finos e vistosos adornados de pedras preciosas; mais para diante as bandeiras abençoadas que os exercitos russos tinham em Smolensk e em Wilna. Todos estes objectos são interessantes, e bastariam para entreter um curioso se não tivesse de admirar outras maravilhas.

Uma sala espaçosa esta' cheia de aparadores e bufetes com as baixelias dos imperadores. Só aqui ha valores enormes.

A Russia tem passado por diversas revoluções politicas, mas ainda não teve uma revolução social; e os thesouros dos seis seculos conservam-se intactos dentro das muralhas do velho Keremlin. Todos os musculos da Europa não chegariam a reunir tantas taças, amphoras, bacias de ouro, de prata, de esmalte, adornadas de pedrarias preciosas de todos os tamanhos e de todas as cores. O curioso sahe como offuscado desta sala, mas ainda tem mais que ver.

Depois o curioso passa com a cabeça descoberta, ao pé da maca onde foi conduzido Carlos XII depois da sua gloriosa derrota de Pultawa. Ahi se admiram centenares de objectos que pertenceram aos czars e amontoados neste museu ados soberanos tão brilhante como o que agora foi creado no Louvre; depois entra-se na sala onde se acham reunidas todas as antigas insignias da realeza.

Foi ahi que vi a coroa guarnecida de pelles que servia na sagração dos grão-duques da Russia, a cadeia de ouro que pesa duas libras; os sceptros de todos os soberanos desde a mais remota antiguidade e tambem ahi se vê a famosa sella offerecida pelo sultão a Catharina 2.ª

Nesta sala, onde todos estes riquissimos objectos estão guardados por simples globos de christal, acha-se igualmente a coroa de Catharina 2ª, que servira' na sagração do imperador. Compõe-se de perto de 3,000 diamantes engastados em ouro, tendo sobreposto um rubim do tamanho de uma noz. Ao lado da mesa sobre a qual se ostenta esta preciosa insignia, um ourives limpava o septro do czar de todas as Russias, uma vara de ouro ornada de 268 diamantes, de 36 saphiras e de 15 esmeraldas. Tambem ahi vi o globo e a cruz de ouro postas sobre uma almofada: parece que ninguem receiava que todas estas preciosidades podessem tentar a cubiça dos especuladores.

Alli perto, e a um canto vi as ultimas botas que usou o imperador Nicolao. Daqui a alguns seculos esta reliquia historica sera' ao mesmo tempo um objecto de arte acerca do qual os archeologos produzirão as mais curiosas e eruditas dissertações, que talvez venha a ter muitos nomes barbaros em grego e em latim.

(Jornal do Commercio de Lisboa.)

RESUMO DO MANIFESTO DO IMPERADOR ALEXANDRE II, POR OCCASIÃO DA SUA SAGRAÇÃO.

« O primeiro pensamento de S. M. está fixado para os graves acontecimentos que occorriam no principio do seu reinado, para esses dias de provação e de gloria, em que o imperador colheu tão memoraveis e unanimes testemunhos de amor e de inabalavel fidelidade da parte dos seus subditos.

« Para consagrar a memoria desta bella attitude do povo russo durante toda a luta, que felizmente acaba de se concluir, S. M. dignou-se, em recompensa dessas façanhas, assim como em attenção ao futuro, instituir uma medalha commemorativa que devera, segundo o regulamento, ser trazida pendente de uma fita de Santo André, de S. George, ou de S. Vladimiro, por todos os seus subditos que estiveram ao serviço civil ou militar, que tomaram parte nos acontecimentos da ultima guerra.

« Estas medalhas conforme as que o imperador concedeu em particular aos heroicos defensores de Sebastopol, que fizeram a admiração do mundo pela mais aturada e pertinaz resistencia de que os annaes das nações tem conservado memoria, recordarão a posteridade as virtudes guerreiras e civicas que a Russia deu exemplo por occasião da crise nacional que inabalavelmente atravessou.

« Os militares que derramaram o seu sangue pelo paiz, as milicias populares que instantemente surgiram do solo da Russia, o clero, cujas palavras eloquentes, e caridade sem limites, nunca abandonaram a causa nacional; a illustre nobreza russa, que a exemplo dos seus antepassados, ainda uma vez se mostrou no meio das fileiras dos valerosos e dedicados; as classes commerciantes, industriaes, e operarias finalmente, que tão grandes e tão nobres sacrificios fizeram a sua patria ameaçada, todos teem igual direito ao reconhecimento do imperador, que solemnemente lhes agradece neste dia, pedindo para a nação inteira a bonção de Deos Clemente, na esperança de que dentro em pouco permittira a S. Magestade acabar até aos ultimos vestigios os males publicos e particulares que a Russia tão dignamente soffreu.

« Para cumprir este fim sagrado, o imperador principia concedendo grandes immunidades ás provincias de Taurida, de Kherson, de Ekaterinoslaw e de Arkhangel, assim como a todo o littoral do Baltico, e em geral a todas as provincias que mais particularmente soffreram o peso das ultimas campanhas. Além disso, e com o fim de estender tanto quanto fôr possivel o circulo da sua liberdade. S. M. quiz conceder tambem a todo o imperio os beneficios de uma medida geral, cuja importancia não pode comparar-se pela immensa extenção que comprehende.

« O imperador libertou a Russia inteira todo o encargo de recrutamento militar, e de conscripção, por espaço de quatro annos consecutivos, a menos, o que Deos não permitta que as necessidades da guerra não obstem a esta disposição. Fiel ao mesmo pensamento, o imperador na sua sollicitude pelo bem estar dos seus subditos, ordenou ao ministro da fazenda o immediato comprimento de um novo recenseamento da população do imperio, para repartir equitativamente o imposto de capitação, que poderia pesar de uma maneira disproporcionada sobre certas classes, cuja cifra tem mais ou menos diminuido sensivelmente, em consequencia da guerra e das epidemias que as devastaram.

« Sua magestade ordena tambem que os impostos em atrazo, cuja importancia se eleva pelo menos a 24 milhões de rublos de prata, [illegible] como as multas particulares sejam remidas.

« Emfim pela mesma disposição o imperador dignou-se abolir o imposto até aqui lançado sobre os passaportes para o estrangeiro, conservando apenas um direito de sello a favor dos invalidos.

« Estendendo depois a sua clemencia sobre os para os criminosos sentenciados pelas justiças publicas, sua magestade concedeu a todos aquelles cuja conducta tem sido irreprehensivel depois da sua condemnação, ou o perdão, ou uma commutação consideravel nas suas sentenças.

« Quanto aos condemnados politicos, tanto aos que pertenceram a sociedades secretas descobertas na Russia em differentes épocas, como aos que tomaram parte na rebellião polaca em 1831; o imperador ordena quanto a uns, que a sua sorte seja consideravelmente modificada nos proprios pontos onde se acham banidos, quanto a outros que obtenham a faculdade de se estabelecer nas provincias interiores do imperio, e pelo que respeita ao resto, que sejam completamente postos em liberdade, com permissão de escolherem a sua vontade o local da sua residencia em todas as cidades do imperio, assim como no reino da Polonia, á excepção das duas capitaes de Moscow e S. Petersburgo.

« Emfim pondo termo a sua clemencia, o imperador dignou-se conceder a todos os condemnados politicos os seus antigos direitos de nobreza, assim como a todos os seus filhos legitimos, nascidos da condemnação de seus pais, quer estes tenham morrido, quer ainda se conservem vivos.

« Sua magestade desejando estender até aos confins do seu imperio beneficios que se dignou conceder aos seus povos por occasião da sua coroação, dignou-se conceder igualmente ás povoações das provincias occidentaes favores especiaes de uma importancia particular. Por consequencia, o imperador, por dous ukases supplementares dirigidos ao senado, indica as medidas legislativas temporarias que devem regular a entrada no serviço da nobreza dos governos de Vilno Kovno, Grodno, Minski, Volhynia, Podolia e Kieff. De futuro, e em consequencia da benefica decisão de sua magestade, as condições do serviço publico nas provincias occidentaes são as mesmas que existem para os habitantes de todos os outros pontos do imperio.

« Os subditos de sua magestade pertencentes ao culto israelista tambem foram objecto da clemencia do imperador, que se dignou liberta-los dos encargos especiaes que o recrutamento até aqui lhes impunha.

« Emfim, os filhos dos soldados marinheiros, etc., nascidos durante o serviço de seus pais, e que pertençam actualmente ao exercito, serão restituidos a seus pais, podendo gozar das condições que lhes approuver. »

Taes são as principaes disposições do manifesto do imperador, que summariamente indicamos nos seus pontos mais salientes. Um grande numero de outras graças e mercês tanto financeiras como administrativas, que não occupam menos de trinta e oito artigos separados, apresentam novos detalhes, que ainda que sejam da mais alta importancia nacional, não podem offerecer o mesmo interesse aos leitores estrangeiros.

(Le Nord.)
(Idem.)

CORRESPONDENCIA DO DIARIO DE PERNAMBUCO.

Paris 6 de outubro.

REVISTA DRAMATICA.

O outono he precoce este anno e o sol nos deixa antes de ter amadurecido as nossas uvas: os castellães e os viajantes deixam, uns as suas habitações douradas, outros o bello e seductor dominio do grande caminho, e todos voltam a Paris para pedir á grande cidade as festas da nova estação.

Assim, os theatros vão recobrando os seus ares alegres e brilhantes, e ei-los que resplandecem ao mesmo tempo com os seus melhores artistas e com as suas multidões mais ofegantes.

O theatro italiano se annuncia pela publicação das suas illustrações, lança á multidão os nomes de Frezzolini, Alboni, Mlle. Picolomini, Madame Cambardi, Mario, Carrion, Balistra Galli, Salieri, Mathieu, Lucchesi, Zucchini e Gaziani.

A grande opera começou as suas solemnidades deste inverno com as estreas de Mad Borghi Mamo no Propheta. Estas estreas são as mais magnificas de que nos lembramos; á grande cantora executou victoriosamente as difficuldades que se elevam ante ella na estrada da sua nova carreira; a voz limpida e pura que possue e que sempre cantara em italiano, diz maravilhosamente e sem accento o papel de Fidas.

« Guilherme Tell, » depois de muitos annos de mutilações reappareceu nos quatro actos em toda a sua perfeição no meio dos applausos unanimes dos amadores.

O « Trovador » vai apparecer sobre a grande scena, e Verdi prolonga a sua residencia em Paris para preparar a representação da sua obra que será confiada a duas cantoras que nesta producção obtiveram na Italia os mais bellos triumphos, Borghi Mamo e Medori; Gueymard representará o papel de Manrico, Bonnehee o do conde de Luna o Derivis o de baixo. Para que a peça encha todo, e espectaculo, o maestro deve accrescentar-lhe uma overtura, um duo para Borghi Mamo e Bonnehêe, um grande final e um divertimento de dansa; assim dentro de tres mezes ou mais tarde haverá no repertorio da opera uma obra prima de mais.

A opera comica continua a « Estrella do Norte, » Maria Cabel canta Catharina. O theatro lyrico torna a levar á scena a Fauchonnette de Clapisson, deu uma nova opera em tres actos, os «Dragons de Villars» de M. Maillart.

A scena se passa no seculo de Luiz XIV, depois da revogação do edicto de Nantes, quando os dragões de el-rei perseguiam os reformados: Rosa Friquet, uma cabreira ama a Sylvano, um mancebo da sua aldeia que a adora loucamente, sem que elle saiba. Sylvano um dia leva soccorros aos infelizes fugitivos, e como Rosa encontra os mulos que elle deixou no caminho dos dragões, ella pensa que este indicio poderia perder o pobre rapaz, e conduz os animaes para as quebradas. Sylvano não comprehende, se incommoda excessivamente.

Rosa faz vil travessuras aos soldados para protejer aos infelizes fugitivos, e como ella não poz a aldeia na confidencia, fica muito mal vista, e he somente no fim que ella encoutra a estima de todos e a mão de Sylvano.

Ha muito talento na partição do joven compositor que ja produzio o Gassibelza e a Cruz de Maria. » Todos os pedaços são elegantes e cheios de melodia, e mais de um se tornará popular. Infelizmente a distribuição dos papeis necessitou transposições que prejudicaram o effeito das mais bellas cousas.

Se da musica passarmos ao drama encontraremos menos que dizer.

Não he porque não haja peças novas, he porque ha poucas obras notaveis, maxime litterarias. No theatro francez, Henrique Lacrette, um poeta que ainda não tinha dado o espectaculo ao publico senão em uma poltrona, encetou finalmente a rampa.

Fez com Adriano de Courcelles um drama em cinco actos que não se agita somente nas folhas de um livro: *Faze o que deves.*

No seculo XVI, no castello de Chantelle, no aposento do condestavel de Bourbon, o fidalgo Caballo, um enviado secreto de Carlos Quinto, e a rainha Leonor se encontram; um chega para comprar a espada do duque, e outro que o ama vem incognito para constrange-la para permanecer digna de si, não commettendo uma rebellião de vassalo contra o senhor.

Caballo he expulso, mas torna a entrar, convida o duque a ver uma linda dama que neste momento monta em um cavallo: he a rainha Leonor que acompanha Joanna Sajolia. O duque reconhece então a dama dos seus sonhos: seu nome! qual he seu nome? a rainha Leonor, responde Caballo. Tanto peior para a honra, o amor a exalta. Bourbon não-trahira seu paiz por metade do reino, mas Carlos Quinto lhe offerece a mão de sua irmãa.

Bourbon aceita, assigna o tratado, e perde a mão daquella que elle ama precisamente, julgando obte-la. Bourbon vinga-se largamente contra el-rei de França, ganha a batalha de Pavia, mas Carlos Quinto lhe recusa as provincias que promettera, e a rainha lhe recusa a mão para exposar Francisco primeiro.

Ainda isto não he tudo, o infeliz condestavel, esquecando-se ao pé dos camaristas, teve outr'ora uma filha por muito tempo perdida.

He Joanna, a afilhada da rainha, amada do [illegible] que Carlos, o filho do duque de Vilhena: qu[illegible] este ultimo soube a verdade, repelle a alia[illegible] traidor.

Então Bourbon dest'arte abandonado, cu[illegible] um momento no suicidio, mas pensa em morrer como heroe na batalha, e sonha o assedio da cidade eterna.

Esta obra revela a inexperiencia da scena, a arte delicada do escriptor he muitas vezes compromettida pelo paradoxo das situações, e Mr. Henrique de Lacietelle pode ter uma compensação.

N'uma palavra os actores fizeram o que estava ao seu alcance para proteger esta primeira estrea, representaram com a unidade que faz a gloria do theatro francez.

O Odeon deu o *Medico d'Alma*, um drama em cinco actos de Leon Guillard e de Mauricio des Vignes, um drama que ficou a quem das exigencias do respectivo titulo.

O Gymnasio deu o *Annel de Ferro*, uma comedia em quatro actos de Ernesto Serret, que podia ser um drama. Trata-se de um marido e de uma mulher separada; o marido he um miseravel; a mulher he um anjo que na sua viuvez de posição encontra desgraçadamente um homem, ignorante da sua sorte e preoccupado da sua graça e da sua belleza, mas comprehende o perigo, volta para os pés do marido a fim de cumprir o seu dever, e conserva no dedo o annel de ferro. A obra he cuidadosamente escripta, mas he friamente feita.

O *Anbigu Comique* produzio os *Pobres de Paris*, um drama em cinco actos, de Brisebarre e Nus: trata-se do drama desta miseria de casaca preta, muito mais pungente e muito mais terrivel do que a miseria de andrajos. A ideia he muito lugubre, parece que os esplendores da scena que se não pode entristecer, dando-lhe hospitalidade, e os autores infelizmente naufragaram na terrivel promessa do titulo.

O *Circo* tem um drama mui differente. Trata-se da bella e irresistivel Maria Stuart, que apezar das faltas de sua vida, e a despeito do frio prosaismo da nossa época conservou a sua corte de adoradores sem numero, trata-se dessa existencia dramatica que começa no meio das embriagadoras alegrias da corte de França, e que conservando todo o seu prestigio, se extinguio em um captiveiro de 19 annos.

Os autores depois de Schiller não tentaram uma obra litteraria e poetica, basta a ambição delles encher a scena de heroinas e de heroes, trajados de veludos scintillantes de ouro, e preoccupando-se com decorações esplendidas, hão sido bem succedidos: a obra delles he um espectaculo para o prazer dos olhos.

No *Gaitê* Mr. Arnaud poz os 2 annos no theatro, escreveu um drama em cinco actos, que começa em Inkermann e se termina em Malakoff, que mostra os heroes francezes com a negligencia, com o bello humor, com a viva alegria, com os actos petulantes e com a temeridade, e tudo que os caracterisa, e felizmente que elle os encarregou de dar a acção movimento e cor, pois que esta acção he em si mesma a causa mais monotona que se possa imaginar; uma historia de Bruxa Slava que faz morrer de riso. Assim, se houve triumpho foi o que alcançaram os Zouavos com todas as desvantagens da posição.

Temos tido uma nuvem de pequenas peças em um acto, entre outros no Vaudivelle. *A Fada*, um delicioso proverbio de Octavio Feuillet, que toda a gente leu nos volumes publicados por Miguel Levy, e o Bello Leandro, uma farça scintillante italiana, rimada por Mr. Theodoro Bauville.

G. M.

PERNAMBUCO.

PAGINA AVULSA.

BOM DIA!

— Continúa a reinar perfeita tranquillidade em todas as freguezias da capital, e em algumas mais proximas a ella, como Poço, Afogados, Varsea etc. Na Boa-Vista havia terminado a primeira chamada dos quarteirões dos tres districtos.

— O Sr Dr. chefe de policia ha percorrido as freguezias, e nada tem encontrado que lhe tenha merecido censura.

— O cemiterio publico foi extraordinariamente concorrido na tarde do dia 2 pelos *ricos*.

— Consta-nos que o Sr. Dr. Aprigio Guimarães prepara-se para deffender theses; temos fé, que S. S., dotado como he de illustrada intelligencia será feliz no que pretende.

— A torre da matriz de S. Frei Pedro Gonçalves esta tendo o privilegio da antiga *Nesle*, com a differença porem, que quem pratica nesse lugar actos indecorosos, e pronuncia obcenissimas palavras são os moleques, que alli se reunem constantemente para as suas synagogas. As familias que moram por junto ao Corpo Santo vivem sumamente incomodadas com taes visinhos. Não fallemos nos prolongados repiques, que esses tratantes por passa-tempo dão, porque isto he mal sem cura; o que pedimos he, que a policia do Recife *faça premiar* os bons serviços dessa gente na torre dessa matriz.

— No sabbado percorreu algumas ruas desta cidade um magote de *spiklis*, marujos inglezes, que d'entre algumas gracinhas que faziam, uma dellas era empurrar com força as portas das casas terreas, abrirem as janellas, atirarem cascas de laranjas em quem estava nas varandas, e outras finezas de igual jaéz: ou esta gente suppõe que esta cidade he uma tapera, ou se usa isso em Londres; como quer que seja, chamamos a attenção do Sr. consul respectivo e dos inspectores, porque alguns chegaram até a tocar nas senhoras que estavam nas janellas das casas terreas!

— Consta-nos que um individuo fôra bastante maltratado por um dos omnibus da companhia, resultando ficar com uma perna fracturada em tres partes, o sinistro foi passado na rua do Hospicio. O Sr. Claudio, segundo nos consta, tem sido zeloso no tratamento do paciente que se acha recolhido ao hospital portuguez.

— Esse moço que todas as noites se encosta a' porta da casa n.... na rua do H...., attenda que está rodeado de familias, e que alem do escandalo que dá tambem ministra as filhas de Eva, que o observam uma bem soffrivel dose de mau exemplo: não nos tenha ma' vontade, mas entre em si considere, e veja que *assim* perde a poesia; se ainda Smc. tivesse para essas entrevistas uma longa capa, um chapeo desabado e uma espada occulta entre as dobras do capote... esta' bem, havia nisso um quer que seja de hespanhol, mas assim tão a descoberto, he alem de feio, ridiculo.

— Consta-nos que o Sr. Dr. Dourado parte nestes dous dias para Garanhuns a' tomar posse da sua promotoria.

— Não somos os competentes para julgarmos sobre as loterias da provincia, e nem sobre o numero dos cautelistas; quem se julgar prejudicado dirija-se a quem competir. Todos se querem cossar para dentro...

— Ouvimos dizer que uma sentinella na matriz do Recife, desconhecendo o Sr. Dr. chefe de policia, o correra, segundo as ordens que tinha de correr a todos, e que dizendo-lhe o Sr. Dr. chefe de policia quem era, aquella lhe respondêu muito frescamente:

Não o conheço... Dizem que o Sr. Dr. chefe de policia louvara muito a fidelidade da sentinella.

— O Sr. coronel Menezes Drummond partio para Serinhaem, a' tratar dos seus negocios de responsabilidade, perante o Dr. juiz de direito.

— A calma e socego tem presidido as eleições dos Afogados, a mesa parochial, supposto composta de cidadãos do partido conservador, tem offerecido ao lado da opposição todas as garantias que lhe são devidas, tem fielmente executado a lei: como as cousas marcham nos Afogados podemos asseverar sem receio de sermos contestados, que a mesa bem comprehendeu o programma do governo, e os seus actos deverão apresentar a expressão das urnas, e os seus escolhidos a vontade do povo. A mesa he composta da maneira seguinte:

Presidente.—O tenente-coronel Manoel Joaquim do Rego Albuquerque.
Professor Serafim Pereira da Silva Monteiro.
Capitão Filippe Benicio Cavalcanti de Albuquerque.
Capitão Firmino Theotonio da Camara Santiago.
Alferes Antonio Alves da Fonseca.

Terminaram as eleições da freguezia de Jaboatão, com o seguinte resultado:

ELEITORES DA FREGUEZIA DE SANTO AMARO DE JABOATA'O.

Presidente da mesa.
Capitão José Francisco Pereira da Silva.
Escrutador.
Dr. Francisco do Rego B. Barreto.
Secretario.
Major José Francisco de Souza Leão.

Os Srs.	Votos.
Tenente-coronel Francisco Antonio Pereira da Silva	802
Capitão José Francisco Pereira da Silva	800
Major Antonio dos Santos de Souza Leão	791
Dr. Francisco do Rego Barros Barreto	788
Major José Francisco de Souza Leão	786
Dr. Miguel Filippe de Souza Leão	782
Major Antonio Francisco Paes Barreto	781
Major Francisco Pedro Soares Brandão	776
Miguel Augusto d'Oliveira	750
Francisco Antonio de Sá Barreto	722
Manoel Filippe de Souza Leão	693
João Luiz Ribeiro de Farias	641
José Cavalcanti de Albuquerque Wanderley	623
Major Manoel de Souza Leão	602
Commendador João Coelho da Silva	594
Capitão Manoel Pires Ferreira	594
Silvestre Dantas Lima	594
Capitão José Maximino Pereira Vianna	586
Capitão Antonio Pereira da Camara Lima	321

Até amanhãa.

MAPPA *dos doentes tratados no hospital regimental de Pernambuco no mez de outubro de 1856.*

Hospital regimental na rua dos Pires 3 de novembro de 1856.	Existiam.	Entraram.	Sahiram.	Morreram.	Existem.
Numero de doentes.	56	70	53	4	69

Observações.

Falleceram 3 de tuberculos-pulmonares; e 1 de gastro enterite.

Dr. Praxedes Gomes de Souza Pitanga,
1º cirurgião encarregado.

Diario de Pernambuco.

Recife 4 de Novembro as 8 horas da noite.

As eleições tem continuado em todas as parochias da cidade. Concluio-se a terceira chamada em San Pedro Gonçalves. Em Santo Antonio e San José concluio-se a segunda, e o mesmo se fez na Boa Vista. He de lamentar que os espiritos hoje não conservassem a mesma calma. Não tem havido violencias nem desordens, mas as desconfianças se tem espalhado, as decisões das mesas tem merecido censuras amargas, parece até que se tem notado como um mao presagio a ausencia de cidadãos respeitaveis, cuja presença como membros das commissões fiscalisadoras he uma garantia de lealdade e boa fé para seu proprio partido e para seus adversarios.

Cada partido tem attribuido a seus adversarios intenções sinistras, projectos de violencia e desordem. Consta-nos que S. Exc. o Sr. Presidente e o Sr. chefe de policia tem mostrado inquietação e anciedade, e tem tomado medidas que não apparecem ao publico.

Diz-se que um cidadão que devia dar o exemplo a' ordem e a todas as regras fundadas na lei, nas conversações, ou até na simples urbanidade, deu um exemplo contrario. Consta que se deram apupadas a um cidadão que pode ser afastado da eleição pelos votos, mas não o deve ser por semelhantes meios. Falta-se em ditos e palavras ambiguas de pessoas que parecem appellar para a violencia.

Explicam-se estes desvios das boas regras e praticas seguidas nos primeiros dous dias, dizendo que todos guardaram essas regras, emquanto tinham esperanças de vencer regularmente, mas que em cada parochia o partido que crê estar perdida a eleição, pensa em ganha-la pelos meios illicitos e perigosos, ou pelo menos annula-la.

As autoridades tomarão as suas medidas, e de certo não estão dispostos a transigir com a desordem donde quer que ella parta. A guarda porem das leis he a moralidade publica, todos os Pernambucanos dignos deste nome devem repelir com indignação e cobrir de asco, e oprobrio a homens pouco escrupulosos que

FOLHETIM.

PAULO DE ASPREMONT.

Conto.

POR THEOPHILO GAUTIER.

II

Paulo de Aspremont, depois de ter jantado em sua camara, pedio uma caleça. Ha sempre algumas paradas em torno dos grandes hoteis aguardando a phantasia dos viajantes; o desejo de Paulo foi, pois, cumprido immediatamente. Os cavallos de aluguel napolitanos são magros a ponto de fazerem Rossinante parecer mui gordo; sua cabeça descarnada, suas costellas visiveis como arcos de barris, seu espinhaço salliente sempre esfolado parecem implorar a titulo de beneficio a faca do esfolador; porquanto dar alimento aos animaes he considerado como um cuidado superfluo pela indolencia meridional; os arreios quasi sempre quebrados tem supplementos de corda, e quando o cocheiro ajunta as redeas e faz estalar a lingua para ordenar a partida, qualquer pessoa cuidaria que os cavallos vão desapparecer, e a carruagem desfazer-se em fumo como a sege Borratheira quando volta do baile depois de meia-noite, apezar da ordem da fada. Porem não acontece assim; os sendeiros escoram-se nas pernas, e depois de algumas titubações tomam um galope que não largam mais: o cocheiro communica-lhes seu ardor, e o chicote faz saltar a ultima faisca de vida occulta nessas carcassas. Elles offegam, agitam a cabeça, tomam ar fogoso, arregalam os olhos, abrem as ventas e sustentam um passo que não igualariam os mais rapidos trotadores inglezes. Como effectua-se este phenomeno, e que poder faz correr esses esquelétos? Não o explicaremos. O certo he que este milagre da-se todos os dias em Napoles, e ninguem testemunha sorpreza por isso.

A caleça do senhor Paulo voava atravez da multidão compacta rasando as lojas de acquajoli com grinaldas de limão, as cozinhas de peixe frito e de macarronis ao ar livre, e os montões de melancias e outros fructos dispostos nas calçadas como balas nos parques de artilharia. Apenas os lazzaroni deitados ao longo das calçadas, e embuçados em seus capotes dignavam-se de retirar as pernas para subtrahi-las ao alcance dos cavallos; de quando em quando passava um *corricolo* atulhado de frades, amas, lacchini e garotos correndo no meio de uma nuvem de poeira. Os *corricoli* estão agora proscriptos, e he prohibido crear novos; mas póde-se ajuntar uma caixa nova a rodas velhas, ou rodas novas a uma caixa velha, meio engenhoso que permitte a estas carruagens extravagantes durarem ainda muito com grande satisfação dos amadores das cousas antigas locaes.

Nosso viajante dava pouca attenção a esse espectaculo animado e pittoresco, que de certo teria absorvido a quem não tivesse achado no hotel da Victoria uma carta para si, assignada por Alicia W.

Elle contemplava vagamente o mar limpido e azul, no qual distinguiam-se em uma luz brilhante e com côres de amethysta e de saphira, dadas pela distancia, as bellas ilhas semeadas como um leque á entrada do golpho, Capri, Ischia, Nisida, Procida, cujos nomes harmoniosos soam como dactylos gregos; porem sua alma não estava ahi, ella voava para Sorrento, para a cazinha branca, occulta entre as arvores, de que Alicia fallava em sua carta. Nesse momento o semblante de Mr. de Aspremont não tinha a expressão indefinivelmente desagradavel que a caracterisava, quando uma alegria interior não lhe harmonisava as perfeições discordes; estava verdadeiramente bello e sympathico, para servir-nos de um termo amado dos Italianos; o arco de suas sobrancelhas estava estendido; os cantos da bocca não abaixavam-se desdenhosamente, e uma luz terna illuminava-lhe os olhos tranquillos; vendo-o então qualquer pessoa teria comprehendido perfeitamente os sentimentos, que pareciam indicar a seu respeito as phrases meio ternas, meio zombeteiras, escriptas no papel *cream-laid*. Sua originalidade sustentada por muita distincção não devia desagradar a uma joven miss livremente educada a ingleza por um tio velho e muito indulgente.

O galope em que o cocheiro conserva os cavallos, fez que se passasse logo Chiaja, la Marinella, e a caleça correu pelo campo na estrada presentemente substituida por um caminho de ferro. Uma poeira negra como carvão pilado dá aspecto plutonico a toda essa plaga coberta por um céo brilhante, e banhada por um mar da mais bella côr azul: he a ferrugem do Vesuvio peneirada pelo vento, que espalha-se por essa margem e faz assemelharem-se as casas de Portici e de Torre del Greco as fabricas de Birmingham. Mr. de Aspremont não reparou no contraste da terra de ebano e do céo de saphira: estava ancioso por chegar. Os mais bellos caminhos são longos para quem he esperado por uma miss Alicia, tendo-lhe dito adeos ha tres mezes sobre o molhe de Folkestone: até o céo e o mar de Napoles perdem nesse caso sua graça.

A caleça deixou a estrada, tomou um atalho e parou diante de um portão, sobre cujos pilares de alvenaria haviam vasos de barro onde os aloes abriam suas folhas semelhantes a laminas de lata, e pontudas como punhaes. Uma grade de madeira pintada de verde servia de porta. O muro era substituido por uma sebe de cardos, cujos ramos faziam cotovelos disformes e misturavam seus numerosos e agudos espinhos.

Acima da sebe tres ou quatro figueiras enormes ostentavam suas largas folhas com um viço proprio da Africa; um pinheiro grande balouçava sua cupula, e apenas atravez dessa folhagem a vista podia perceber a alva fachada da casa que brilhava atras dessa cortina.

Uma criada trigueira, de cabellos crespos e tão bastos, que o pente nelles ter-se-hia quebrado, acudio ao rumor da carruagem, abrio o portão, e precedendo a Mr. de Aspremont em uma avenida de loendros, cujos ramos afagavam-lhe as faces com as flores, conduzio-o a um terraço, onde miss Alicia Ward tomava chá em companhia do tio.

Por um capricho muito inconcebivel em uma donzella habituada a todas as commodidades e elegancias, e talvez tambem para contrariar o tio, de cujos gostos plebeos ella zombava, miss Alicia preferira a habitações civilisadas essa *villa*, que ficara muitos annos sem habitantes, porque os donos andavam viajando. Achava uma poesia agreste, que agradava-lhe nessa quinta abandonada á natureza, onde tudo crescêra com prodigiosa actividade debaixo do vivo sol de Napoles.

As larangeiras, as murtas, as romanzeiras vicejavam alegremente, e os ramos não temendo mais a foucinha do podador, cruzavam-se de um a outro lado da avenida, ou penetravam familiarmente na casa por alguma vidraça quebrada. Não reinava ahi como no Norte a tristeza de uma habitação deserta, mas a louca alegria e a petulancia da natureza do Meio-dia entregue a si mesma; na ausencia do senhor os vegetaes viçosos divertiam-se á porfia em lançar folhas, flores, fructos e perfumes; recobravam o lugar que o homem lhes disputa.

Quando o commodore (era assim que Alicia chamava familiarmente o tio) vio esse bosque emmaranhado, em que não podia-se penetrar sem o auxilio de uma fouce como nas florestas da America, deu altos gritos, e affirmou que sua sobrinha estava decididamente doida. Mas Alicia prometteu-lhe gravemente mandar abrir desde a porta até o salão, e dahi até o terraço uma passagem sufficiente para um tonel de vinho de Malvasia, concessão unica, que podia fazer ao positivismo avuncular. O commodore resignou-se porque não podia resistir a sobrinha, e nesse momento assentado diante della no terraço, bebia pouco a pouco, sob o pretexto de chá, uma grande chavena de aguardente de Jamaica.

Este terraço que seduzira principalmente a joven miss, era na verdade mui pittoresco, e merece uma descripção particular, porquanto Paulo de Aspremont em de vir ahi, muitas vezes, e deve-se pintar a decoração das scenas que se contam.

Subia-se para esse terraço por uma escada de largas pedras desunidas, onde vicejavam plantas selvagens. Quatro columnas tiradas de alguma ruina antiga, e cujos capiteis perdidos tinham sido substituidos por soccos de pedra sustentavam uma latada de varas coberta de parreiras. Dos lados cahiam em cachos e em grinaldas a videira brava e as plantas parietarias. Ao pé das paredes cresciam em bella desordem, a figueira da India, o aloes e o medronheiro, e além de um bosque, onde sobresahiam uma palmeira e tres pinheiros da Italia, a vista estendia-se sobre um terreno semeado de alvas *villas*, e parava no perfil arroxeado do Vesuvio, ou perdia-se na immensidade azul do mar.

Quando Paulo de Aspremont appareceu no alto da escada, Alicia levantou-se dando um gritinho de alegria, e deu alguns passos ao seu encontro. Paulo tomou-lhe a mão á ingleza; mas a moça elevou essa mão prisioneira á altura dos labios de seu amigo com um movimento cheio de gentileza infantil e de ingenua garridice.

O commodore tentou levantar-se sobre suas pernas um tanto gotosas, e o conseguio depois de algumas caretas de dor as quaes contrastavam comicamente com o ar de jubilo que illuminava-lhe a larga face; chegou-se ao bello grupo dos dous moços e apertou vigorosamente a mão de Paulo, o que he a suprema expressão da cordialidade britannica.

Miss Alicia Ward pertencia á variedade de Inglezas morenas que realisam um ideal, cujas condições parecem contrariar-se: isto he, uma tez de alvura deslumbradora, capaz de tornar amarello o leite, a neve, a açucena, o alabastro, a cera virgem, e tudo o que serve aos poetas para fazerem comparações de alvura; labios de carmim e cabellos pretos como de noite as azas de um corvo. O effeito desta opposição he irresistivel, e produz uma belleza particular, de que não se poderia achar equivalente. Talvez algumas Circassianas criadas desde a infancia no serralho apresentem essa tez maravilhosa; mas devemos confiar a tal respeito nas exagerações da poesia oriental, e nos quadros de Lewis que representam o harem do Cairo. Alicia era certamente o typo mais perfeito desse genero de belleza.

A oval alongada de sua cabeça, a incomparavel pureza de sua tez, seu nariz delicado e transparente, seus olhos azul escuros guarnecidos de longas pestanas que palpitavam-lhe sobre as faces rosadas como borboletas pretas, quando ella abaixava as palpebras, seus labios cor de purpura, seus cabellos cahidos em forma de volutas brilhantes como fitas de setim de cada lado das faces e do pescoço de cisne depunham a favor das mulheres de Maclise que na Exposição universal pareciam bellas imposturas.

Alicia trazia um vestido de seda com folhos recortados, e bordados de palminhas vermelhas que concordavam maravilhosamente com as tranças de continhas de coral que adornavam-lhe o toucado, com seu collar e seu bracelete; cinco cabacinhas suspensas a uma perola de coral lapidada tremiam pendentes de suas orelhas pequenas e delicadas. Se alguem estranhar este abuso do coral, lembre-se de que estamos em Napoles, e que os pescadores sahem do mar de proposito para apresentar-nos esses ramos que o ar torna vermelhos.

Depois do retrato de miss Alicia devemos dar aos leitores, ainda quando seja só para fazer-lhe opposição, ao menos uma caricatura do commodore á maneira de Hogarth.

O commodore que tinha uns sessenta annos de idade apresentava a particularidade de ter a face de carmesim uniformemente inflammada, na qual sobresahiam sobrancelhas brancas e suissas da mesma cor, o que tornava-o igual a um velho Peau-Rouge que se houvesse manchado com giz. O calor do sol inseparavel de uma viagem da Italia dera a ultima mão a esse ardente colorido, e o commodore fazia involuntariamente pensar em uma amendoa enorme rodeada de algodão. Estava vestido da cabeça até os pés, palito, collete, calças e polainas, de um estofo de lãa cinzenta tirando a cor de vinho, a qual seu alfaiate affirmára ser a cor que estava mais em moda, no que talvez não mentisse. Apezar dessa tez ardente, e desse vestuario grotesco o commodore não tinha ar commum. Seu asseio rigoroso, seu porte irreprehensivel, e suas maneiras elegantes indicavam o perfeito cavalheiro, embora elle estivesse a certos respeitos em relação com os Inglezes de comedia, como os parodiam Hoffman ou Levassor. Seu caracter era adorar a sobrinha, e beber muito vinho do Porto e aguardente de Jamaica para conservar a humidade radical, segundo o methodo do cabo de esquadra Trimm.

— Veja quão [illegible] agora, e como estou bella! Observe minha cor! [illegible] não he tão viva como a de meu tio; mas espero que nunca a terei assim. Todavia estas faces [illegible] rosadas, disse Alicia passando sobre a [illegible] o rosto seu dedo afilado terminado por uma [illegible] luzente como a agatha; tambem tenho [illegible] e não vêem-se mais as covas que tanto angustiavam-me quando eu ia ao baile. Diga, he preciso ser casquilha para privar-se durante tres mezes da companhia do noivo, afim de parecer-lhe encantadora depois dessa ausencia?

Dizendo estas palavras com o tom jovial e crepitante que lhe era familiar, Alicia conservava-se em pé diante de Paulo como para provocar e afrontar seu exame.

— Não, he verdade, accrescentou o commodore, que ella agora está robusta como as raparigas de Procida que carregam a cabeça amphoras gregas?

— De certo, commodore, respondeu Paulo, miss Alicia não ficou mais bella porque era cousa impossivel; mas goza visivelmente de melhor saude do que quando por casquilharia, como affirma, impoz-me tão penivel separação.

Entretanto o olhar do mancebo estava extraordinariamente fito sobre a moça collocada diante delle.

Repentinamente desappareceu das faces de Alicia a cor que ella gabava-se de ter recobrado, assim como o rubor da tarde deixa as faces de neve da montanha quando o sol desce ao horisonte; mui tremula ella levou a mão ao coração, e seus lindos labios empallidecidos [illegible]ram-se.

Paulo assustado levantou-se, bem como o commodore; a côr de Alicia reappareceu, ella sorrio com algum esforço e disse:

— Prometti-lhe uma chavena de chá, ou um copo de sorvete; posto seja Ingleza aconselho-lhe o sorvete. A neve he preferivel a agua quente neste paiz vizinho da Africa, e onde o secoro chega em linha recta.

Todos tres assentaram-se em torno de uma mesa de pedra debaixo da latada para tomar sorvete; o sol merguthara no mar, e o dia azul que chama-se noite em Napoles, succedia ao dia amarello. A lua semeava moedas de prata sobre o terraço por entre as folhas; o mar bramia suavemente sobre a praia, e ao longe ouviam-se os pandeiros que acompanhavam as tarentelles...

Forçoso foi separar-se: Giovannina, a feroz criada de cabellos crespos trouxe uma lanterna para reconduzir Paulo atravez dos dedalos do jardim. Emquanto servia os sorvetes ella fitára sobre o recemchegado um olhar de curiosidade e de receio. Sem duvida o resultado do exame não fora favoravel a Paulo; pois a fronte de Giovannina ja trigueira tornara-se ainda mais sombria, e acompanhando o estrangeiro ella dirigia contra elle de maneira que não fosse percebida o dedo minimo e o index emquanto os outros dous voltados para a palma reuniam-se ao pollegar como para fazerem um signal cabalistico.

(*Continuar-se-ha.*)

Vide *Diario* n. 260.

MUTILADO MELHOR EXEMPLAR ENCONTR.

se não importam de plantar neste paiz esses actos de má fé, essas violencias que só servem para accumular combustiveis para novos incendios.

Todas as classes conhecem os males da guerra civil, e todos a querem evitar. Os excitadores de desordens não hão de achar sectarios, não hão de achar janisaros que dêem o seu sangue, ou derramem o de seus concidadãos para satisfazerem caprichos muitas vezes de homens que nada esperam se não a folia, e o saciamento de paixões rancorosas. Não nos dirigimos a nenhum dos partidos em particular, ou a nenhum individuo grande ou pequeno. Desejamos ser convencidos de que são infundadas as aprehensões que hoje tem circulado.

Em Iguarassu foi suspensa a eleição, o mesmo aconteceu na Gloria do Goita'. Na Varzea fervem as intrigas, chicanas e irregularidades. Em Pa'o d'Alho tudo se ultimou em paz. Nos Afogados tudo se passou optimamente. O mesmo aconteceu no Poço da Panella. Em Goianna tudo promettia socego e ordem. Nada consta de outros lugares, mas como as ma's novas têem azas, seguimos o proverbio—nenhuma noticia he boa noticia.—

Sabemos que o expediente da secretaria da presidencia ainda continua a esta hora, e que S. Exc. não tem estado um momento sem receber representações, deputações, queixas, petições.

He arduo o officio do governante, mas a honra, a imparcialidade e as boas intenções hão de achar sua recompensa. A actividade do Sr. chefe de policia nunca foi excedida. A rectidão de todos os sensatos lhe concilia o respeito e a affeição de todos.

Lembrem-se os nossos patricios que esta eleição ha de plantar para sempre nesta provincia as verdadeiras tradições constitucionaes, e a segurança da ordem, do progresso verdadeiro, e da liberdade legal.

Communicados.

Carta do amigo Y ao amigo Z sobre o destino do homem, pelo Sr. Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitoza.

II.

Querido amigo, na outra que te escrevi parece-me haver mostrado bem claramente que o Dr. Feitoza, negando a liberdade de Deos, se constituira em opposição manifesta com toda a igreja catholica e tambem com todos os principaes philosophos assim antigos como modernos; mas isso não basta; eu te prometti analysar os principaes argumentos desenvolvidos em seu discurso por tanto releva que cumpra essa promessa.

Antes porem de o fazer, peço-te licença para expor ainda aqui a opinião de mais alguns sabios modernos acerca dessa questão importante.

O cavalheiro Steffens he sem contradicção o maior philosopho da peninsula escandinava; seu nome, bem que entre nós pouco conhecido, he pronunciado com respeito não só em sua terra natal senão tambem na Dinamarca e mesmo em toda a Allemanha.

Queres saber qual he o seu pensamento acerca da personalidade de Deos? Ei-lo explicado por elle mesmo.

« O verdadeiro objecto da philosophia, diz o sabio escandinavo, he contemplar a personalidade divina que a personalidade humana reflecte e que a vida dos reinos inferiores ao genero humano, figura previamente em graos descendentes. Em outros termos a philosophia investiga e assignala os effeitos do amor divino, e o amor he o signal distinctivo da verdadeira personalidade. A religião não tem outro fim tambem senão reconhecer e adorar o amor de Deos. Personalidade e amor, vontade pura e abandono absoluto, são portanto expressões equivalentes.

« Quem tiver comprehendido bem a essencia da individualidade, não poderá duvidar de que Deos he uma pessoa. Toda a consciencia que ama a Deos, que quer as cousas divinas, proclama immediatamente, como um facto, a personalidade de Deos, essa relação he tão directa que o homem perde o sentimento de sua propria individualidade a medida que vai perdendo a crença no Deos vivo e pessoal. O dom particular, o talento que cada *eu* tem recebido, he o fundamento immaterial de toda a personalidade, isto he, do poder pelo qual o espirito eleva-se acima da natureza. Esse dom he pois o germen da fé, de um certo gosto por tudo o que pode ligar a personalidade creada ao Creador. O talento, desenvolvendo-se debaixo da influencia do amor, ou do principio que apura e melhora, leva-nos a reconhecer que Deos he a fonte, não somente das personalidades perfeitamente puras, senão tambem de toda a personalidade. » (1)

Krause he depois de Hegel a cabeça mais enciclopedica e ao mesmo tempo mais systematica da Allemanha moderna.

Em uma obra recente que ainda em agosto deste anno foi premiada pela academia franceza, o autor dando conta da doutrina desse philosopho, acerca de Deos, conforme se acha desenvolvida em seus differentes escritos, exprime-se nos seguintes termos.

« A vantagem da prova ontologica, diz Krause, he mostrar que haveria contradicção em duvidar da existencia de Deos. A idéa de Deos e a existencia de Deos se confundem; não ha por tanto nenhuma necessidade de approxima-las por uma operação logica, por uma argumentação. Como nada ha fóra de Deos, nada pode ser collocado na mesma ordem que elle, nem apresentar os mesmos caracteres. De outro lado, como a analyse do *eu* nos fez conhecer primeiramente « o ente primitivo, depois o « ente», podemos do mesmo modo elevar-nos das propriedades do *eu* as qualidades do « ente. » Só essas qualidades podem constituir o typo ideal das propriedades do *eu* e dos outros entes. Ora, as qualidades fundamentaes da Divindade não podem differir dos pensamentos supremos, pelos quaes conhecemos a Deos, isto he, das cathegorias.

« Segundo Krause, o quadro dessas essencias, ou condições universaes, transportadas para Deos he o seguinte: A essencia em Deos he a divindade. A unidade em Deos, apresenta-se como espontaneidade, e como totalidade, e esses dous modos reunidos se compoem um ser de harmonia. Assim em suas relações comsigo mesmo, Deos he uma harmonia perfeita, uma identidade de si mesmo com o todo, uma unidade absoluta e de infinito. Assim como a unidade da essencia se compõe de dous elementos, a espontaneidade e a totalidade, assim a unidade de forma resulta de duas disposições: a direcção que he um regresso do *eu* sobre si mesmo, qual o da-lhe a consciencia de si, e a extensão ou a continencia pela qual o eu se comprehende como total. Em Deos, a relação de si será a relação de sua essencia com seus attributos, ou sua personalidade. O Ente he só para si e para si só; elle he infinito e independente, alcança e contem tudo aquillo de que he razão; está portanto presente por sua essencia em todos os entes, ou todos os entes lhe são presentes. Sendo o unico que se possue por sua essencia, tendo uma consciencia perfeitamente feliz de si mesmo, abraça toda a essencia pela direcção sobre si mesmo, e abraça todas as ordens de essencia pela continencia que enche. Na ordem do pensamento, esses dous attributos constituem a omnisciencia; na ordem do sentimento, o amor sem limites. He isso o que Krause chama a pessoa infinita.

« Em fim as duas unidades, a da essencia e a da forma compoem juntas a existencia; mas a existencia por si tem tres modos: a variação, a vida e a liberdade. A variação, ou o tempo, não pode ter alcance sobre a essencia immutavel do ente: Deos he eterno, seu poder absoluto exclue todo o limite. A vida he a união do ente immutavel com a formação temporaria, isto he, do principio de essencia com o principio de forma. Essa união suppõe uma unidade que a domina, que a torna possivel; Deos he essa unidade: Deos he por tanto mais que a vida, elle he a fonte inesgotavel e a razão suprema de toda a vida.

« A vontade, a tendencia que um ente experimenta para realisar sua essencia, para igualar outros entes ou para a elles unir-se, he absolutamente livre em Deos. Eternamente superior a toda a condição, sempre capaz de fazer entrar a eternidade na realidade da vida, a harmonia na diversidade das cousas e de attingir assim ao fim absoluto de sua essencia,—o bem e o bello,—a liberdade divina he ao mesmo tempo bondade perfeita e belleza completa, a plena e pura expressão de sua existencia sobre essencial. (2) »

Bem que não seja facil de comprehender-se essa theoria do philosopho de Altemburgo, todavia he visivel a todos os olhos que elle professa o dogma da liberdade de Deos.

Emmanuel Hermann Fichte (escrevo o nome inteiro para distingui-lo de Theophilo Fichte que confundindo Deos com a ordem moral, despojou-o da personalidade), pensa que Deos hé o eu primitivo, a monada original que em cada existencia he a propria raiz da individualidade.

« O finito como finito, diz elle, absorve-se no infinito; mas como produzido pelo proprio infinito, não pode ser anniquilado, he imperecivel. O infinito he o eu que se affirma em todas as pessoas finitas: nelle desapparece toda a distincção entre eu, tu e elle. A liberdade relativa dos homens, longe de ser excluida pela liberdade divina, confunde-se necessariamente com ella. He porque o infinito contem e abraça a ordem universal do mesmo modo que a creara e mantem. No ente absoluto não ha mais differença entre pensar e crear, do [illegible] entre pensar e ser. Elle he o unico e[illegible]ramente livre, pois que basta-lhe c[illegible]ar, e seu pensamento he tam[illegible] execução de sua vontade. Se [illegible] elle he a pessoa verdadeira ou [illegible], porquanto nada do que em outra parte divide e limita, differe ou aparta se de sua natureza. Essa natureza não se manifesta senão pelo mundo finito, por isso Deos quer não somente sua propria natureza, senão tambem uma outra natureza ainda. » (3)

« A logica com sua necessidade negativa, diz Weisse, combatendo o systema de Hegel que confunde Deos com a ordem logica, não tem alcance senão sobre a forma dos pensamentos e das cousas. A substancia, a materia, a realidade foi livremente creada por um Deos pessoal.

« O espirito eleva-se e alarga-se, passando por tres phases successivas, a linguagem, o estado e a historia universal. Chegado a este ultimo grão, elle manifesta-se como espirito absoluto, e isso debaixo de tres aspectos, como verdade, como belleza, como Divindade. No estado de verdade, não tem ainda senão uma consciencia impessoal; no estado de belleza, dispersa-se através das formas que exprimem a arte; no estado de Divindade apparece com os attributos de uma realidade viva. Nessa altura suprema, o espirito absoluto constitue uma pessoa absolutamente espiritual possuindo todos os caracteres proprios á verdade e á belleza, e preenchendo todas as dimensões, todas as revoluções da duração. Não he para chegar á consciencia de si, he para completar todos os seus designios sobre a creação, que a Divindade accommoda suas revelações as condições do tempo. Uma tal submissão não ataca em nada a sua liberdade. Longe de excluir a liberdade, a creação a chama e exige da parte da creatura, bem como da parte do Creador. Em primeiro lugar a creatura não he possivel senão porque o Creador a quiz; em segundo lugar, para que esta possibilidade converta-se em realidade, he preciso que a substancia divina queira sahir de si mesma e communicar-se. » (4)

Weisse não só ensina a liberdade e personalidade de Deos, senão tambem sustenta que um Deos pessoal he forçosamente um Deos trinario, porquanto uma pessoa não pode ser pessoa, senão quando outras pessoas da mesma natureza acham-se em face della.

Elle considera Deos debaixo de tres pontos de vista differentes: o ontologico, o cosmologico e o teleologico.

« Na esphera *ontologica*, diz elle, as noções do verdadeiro, do bello e do bem conduzem ao pantheismo. Deos constitue nella primeiramente a idéa do bem, a do genio creador da natureza, que annuncia-se por um triplice amor, o amor platonico, a amizade e a attracção dos sexos. Só porque he o principio gerador e formador do mundo, Deos possue a belleza perfeita no grão soberano, e dispensa-a por todas as partes. Elle he finalmente a idéa da verdade, porque concebe e produz fóra de si as noções dos entes particulares. Na esphera *cosmologica*, que he a do deismo, Deos apparece distincto do universo e inteiramente individual; sua idéa isola-se para concentrar-se na unidade dessa natureza que constitue a substancia commum do verdadeiro e do bello. Quando Deos offerece-se, não como uma pessoa unica, porem como tres pessoas, elle apresenta-se debaixo de um aspecto teleologico, o unico completo e supremo. Assim o verdadeiro Deos não he, como o pantheismo o crê, a reunião das creaturas sabidas da substancia divina; nem segundo o deismo, a acção materialmente creadora: elle he espirito, o espirito divino pairando com liberdade sobre a creação; Deos he pois o ente por essencia, o ente livre e vivo por excellencia. » (5)

Não creias, querido amigo, que adopto inteiramente nenhuma destas theorias; não. Se aqui as exponho, he somente para fazer mais patente a falsa posição em que se acha o Dr. Feitoza, negando a Deos um attributo que nenhum escriptor de primeira ordem, nem sagrado nem profano, tem deixado de reconhecer nelle.

Examinemos agora os argumentos em que se funda para assim pensar.

« Deos quer *ab æterno*, diz o doutor, e a manifestação de sua vontade he o—bem absoluto;—a vontade de Deos, só porque he vontade e vontade infinita, não pode deixar de querer. Logo Deos quer necessariamente, Deos quer absolutamente, Deos quer pela necessidade de sua natureza. A liberdade em Deos seria uma imperfeição, uma fraqueza, uma concepção repellida pela essencia divina. » (6)

« Quero o que? Se quero absolutamente, infinitamente, quero necessariamente, quero o bem sem poder querer o mal, e o bem não he uma cousa distincta do meu querer e sim o meu proprio querer. Senão quero absolutamente, infinitamente, não posso querer *necessariamente*; quero então livremente, e o meu querer não he o *bem* em si; o bem então será externo ao meu querer, sera uma lei com a qual devo ou não me conformar. Temos, pois, que a *liberdade* no homem não he uma faculdade distincta da vontade do homem, mas sim essa mesma vontade com o seu limite que a distingue da vontade necessaria. Daqui se vê que se o homem he livre na vontade, Deos he pelo contrario necessario na vontade. Deos tem a vontade como o homem, mas Deos não tem a liberdade. » (7)

« Deos não he livre, porque a liberdade suppõe a escolha, e Deos não tem a escolha, porque a escolha em Deos suppõe entidades ontologicas increadas, externas ao ser que escolhe; porque he Deos quem ordena a escolha. A vontade de Deos de qualquer modo que se manifeste, exprime sempre o—bem absoluto;—o bem absoluto não he uma entidade externa para Deos, e a manifestação da vontade de Deos deve ter essencialmente o caracter de necessidade. Em que consistiria a liberdade de Deos? Na contradicção a manifestação de sua propria vontade? A liberdade só pode ser o apanagio da vontade que não dá absolutamente o bem, qualquer que seja o modo de sua manifestação;—a liberdade consiste na possibilidade da queda, na possibilidade da infracção.—A liberdade em Deos seria o principio de contradicção na vontade divina, o que anniquillaria o caracter inflexivel de lei. Nem Deos poderia ser considerado legislador para si mesmo; em semelhante hypothese, ou Deos obedeceria a sua propria lei por força da liberdade, o que atacaria a sua qualidade de ser absoluto e infinito, ou lhe obedeceria pela necessidade de sua natureza, o que daria no Spinosismo. Em Deos não pode haver limite ou relação de especie alguma que contrarie a sua natureza. Elle portanto não pode exprimir ao mesmo tempo a lei e a obediencia livre a lei. » (8)

« O homem he a vontade; tirai ao homem a vontade e elle não será mais um ser apreciavel e um ser distincto com acção propria e especial. He logo na vontade do homem que está o seu destino. Essa vontade, não sendo necessaria, isto he, não podendo ser eternamente conforme comsigo mesma, isto he, não podendo ser ao mesmo tempo principio e termo da acção, deve ter uma norma exterior, deve ser livre, isto he, deve ter a faculdade da escolha, pode, ou seguir o bem, conformando-se com a vontade divina, com a vontade necessaria, ou praticar o mal, infringindo essa vontade: as idéas de bem e de mal, sem relação á vontade, não exprimem cousa alguma. Mas o bem absoluto he a vontade divina, ou antes he para o homem a manifestação dessa vontade divina; e o mal he a infracção dessa vontade divina. Logo a vontade humana, cujo limite natural he a liberdade, a escolha, contém em seus proprios destinos a possibilidade da infracção; e a possibilidade da infracção para a imputação, suppõe o exame dos motivos, o elemento intelectual.

« A vontade de Deos, tendo o caracter da necessidade, não está e nem pode estar sob o imperio dos motivos. Na abstracção do ser infinito, deve haver na vontade a respeito da intelligencia uma relação de geração; são o pai e o filho na Trindade Christã. A intelligencia infinita, embora conhecendo *ab æterno*, ha mister de alguma cousa que se lhe manifeste *ab æterno*; a manifestação he acção. O que se manifestaria *ab æterno* á intelligencia divina, senão a vontade de Deos? E como se pode prescindir da vontade divina para que essa mesma intelligencia divina conheça a divina vontade, visto como em Deos não pode haver jugo possivel de fatalidade?

« Logo a vontade de Deos não depende absolutamente do poder e força dos motivos; ella quer porque quer, ella he a lei absoluta, necessaria, inflexivel, sempiterna. Aquelles pensadores que buscam na ordem o motivo da vontade divina, atacam a doutrina da Trindade, não só nos limites da religião, senão como nos limites da razão; elles suppõem a intelligencia conhecendo antes da manifestação da cousa conhecida, o que he desconhecer os destinos da intelligencia e a sua funcção intima e actoral.

« E se a propria intelligencia de Deos não pode fornecer motivos á vontade de Deos, que quer por que quer, como ousara a intelligencia humana pedir a Deos os motivos de sua vontade? Logo todo o exame estabelecido sobre os motivos da vontade divina he um esforço impotente da razão, e o verdadeiro partido para a vontade livre deve ser—seguir a vontade divina só porque he ella a vontade de Deos. O porque da vontade de Deos he um começo de reacção, he um protesto de egoismo, he o vacillar da vontade satanica; e a convicção da possibilidade da infracção posta em acto na escalla inteira da liberdade, da o extremo opposto á vontade divina, dá a vontade satanica sem possibilidade de redempção.

« Temos, pois, que a escalla do egoismo na vontade do homem percorre todos os motivos, que não a vontade inflexivel, absoluta, sempiterna de Deos. Receber a vontade de Deos por intuição, ou por meio de revelação, sem exame, sem raciocinio, he a verdadeira expressão do dever. Em quanto se não chegar a essa formula, emquanto a razão se não convencer plenamente de sua incapacidade para fornecer motivos a' vontade, esta-se ainda no egoismo. » (9)

Taes são, querido amigo, as proprias palavras com que o Dr. Feitoza expõe os seus argumentos contra a liberdahe de Deos. Elles não são novos, pelo contrario, exceptuando um que por demasiadamente extravagante ainda não tinha occorrido a ninguem, que eu saiba, todos os outros ja foram produzidos e refutados.

A vontade de Deos, só porque he vontade e vontade infinita, não pode deixar de querer, logo não he livre. Deos quer necessariamente, Deos quer absolutamente, Deos quer pela necessidade de sua natureza.

Eis aqui o primeiro desses argumentos reduzido á sua expressão mais simples.

He verdade, querido amigo, que a vontade de Deos, só porque he vontade e vontade infinita, não pode deixar de querer, nisso tem toda a razão o Dr. Feitoza, e pela minha parte acrescentarei que tambem a intelligencia de Deos, só porque he intelligencia e intelligencia infinita, não pode deixar de conhecer; mas qual he a consequencia que dahi podemos tirar? Ao meu ver a boa logica não autorisa outra que a seguinte.—A vontade de Deos, a intelligencia de Deos não soffrem nenhuma interrupção em seu exercicio, o qual he necessario e eterno como ellas proprias e como o ente infinito que as possue; mas concluir em vez da necessidade do exercicio, a necessi[dade] do modo desse exercicio, e affirmar que a vonta[de] divina não he livre nelle, he logica que ainda não [fo]i ensinada por nenhum philosopho do meu conhecimento.

A vontade infinita não pode deixar de querer, isto he, não pode deixar o [e]xercer-se; mas nada se oppõe a que nesse exercicio [sob]eranamente livre, pelo contrario tudo conc[orre p]ara demonstrar que o he.

O argumento acima exposto he da classe daquelles a que os logicos chamam enthymemas. Falta-lhe a primeira premissa, e sendo completado, podera' enunciar-se deste modo:

A vontade livre he aquella que pode querer ou deixar de querer.

Ora, a vontade de Deos não pode deixar de querer.

Logo a vontade de Deos não he livre.

Este argumento, querido amigo, que á primeira vista parece mui rigoroso, não passa de um grosseiro paralogismo que não era de esperar-se do talento e illustração que todos reconhecem no autor do discurso.

Elle pode illudir os espiritos superficiaes, mas o homem pensador a quem não forem estranhos os processos scientificos, rir-se-ha de sua futilidade.

O Dr. Feitoza não comprehendeu o valor real das premissas que empregou, por isso tirou dellas uma consequencia que lhes he estranha.

Quando dizemos que a vontade livre he aquella que pode querer ou deixar de querer, não nos referimos nunca ao exercicio dessa faculdade tomado em sentido geral, mas sim a uma acção determinada acerca da qual ella tem de resolver-se.

A vontade livre pois não he aquella que pode desenvolver-se ou deixar de desenvolver-se, absolutamente fallando; por outra, não he aquella que pode entrar em acção ou permanecer sempre em inacção, porque então nenhuma seria livre. A vontade livre he aquella que em presença de uma acção collocada dentro da esphera do seu desenvolvimento, pode querer ou não querer faze-la. (10)

Escrevendo-te a primeira carta, por exemplo, minha vontade foi livre, pois em minhas mãos estava não escreve-la. Do mesmo modo he ella ainda livre em escrever-te a presente, pois nada ha que a isso me obrigue.

Passemos á segunda premissa.

Quando dizemos que a vontade de Deos, sendo infinita, não pode deixar de querer, entendemos que ella não pode deixar de sempre desenvolver-se na esphera que lhe he assignada pela propria natureza divina. Referimo-nos pois ao exercicio tomado em sentido absoluto e não a nenhuma acção determinada. Dizemos que Deos não pode deixar de querer alguma cousa, mas não dizemos que não pode deixar de querer tal ou tal cousa determinada.

Dadas estas explicações, não tomarei o trabalho de refutar o argumento do Dr. Feitoza, basta enuncia-lo com as premissas assim rectificadas para pôr patente o seu absurdo.

A vontade livre he aquella que em presença de uma acção collocada dentro da esphera de seu desenvolvimento, pode querer ou não querer faze-la.

Ora, a vontade de Deos não pode deixar de desenvolver-se na esphera que lhe he assignada pela propria natureza divina.

Logo a vontade de Deos não he livre. Deos quer necessariamente, Deos quer absolutamente, Deos quer pela necessidade de sua natureza.

Como estes são todos os mais argumentos.

Deos querendo absolutamente, infinitamente, quer o bem sem poder querer o mal.

Logo sua vontade não he livre

Deos não tem a escolha, porque a escolha em Deos suppõe entidades ontologicas increadas por externas ao ser que escolhe, pois he elle que ordena a escolha;

Logo sua vontade não he livre.

A vontade de Deos não esta' nem póde estar debaixo do poder dos motivos, porque Deos quer por que quer;

Logo não he livre.

Nada disso he novo, querido amigo, e admira que o Dr. Feitoza não saiba que não somente estas, senão tambem varias outras difficuldades da mesma natureza, tem sido de diversos modos victoriosamente respondidas.

Eis-aqui como o douto Christian Bartholmés, ha pouco fallecido, resume as idéas de Leibnitz a este respeito:

« Mas assim como a creatura tende a realisar todas as suas concepções, do mesmo modo o Creador aspira a tornar actuaes as idéas que enchem sua intelligencia, as possibilidades que lhe apraz escolher. O Creador, portanto, he não sómente sabedoria, senão tambem vontade, vontade perfeita ou bondade infinita.

« A bondade dirige-se ao bem, assim como a sabedoria dirige-se ao verdadeiro. Além de que uma e outra são necessariamente acompanhadas de um caracter que falta ao saber e ao querer dos homens, a independencia que só pertence a omnipotencia. Graças a este privilegio unico, o entendimento divino forma, não um espelho em que pintam-se algumas verdades; porém a propria fonte da verdade, una e eterna, sua patria e sua residencia; e a vontade divina constitue a inimitavel perfeição do querer, uma bondade sem medida, um amor inefavel. Graças a este privilegio, a sabedoria e a bondade, a sciencia e o amor unem-se em Deos de uma maneira tão indissoluvel quanto simples. Todavia porque he posta em duvida esta união? Como podia ella ser mal comprehendida ou severamente censurada a Leibnitz? Tentemos esclarece-la mais.

« Eis-aqui primeiramente porque razão o autor da *Theodicéa* crê que não pode separar a bondade suprema, *perfectio voluntatis*, da sciencia suprema que he *perfectio intellectus*. Toda a vontade verdadeira, pensa elle, não he realmente vontade senão tanto quanto he livre, senhora de si mesma. A vontade de Deos, eminentemente soberana, he a mesma liberdade, o typo completo de uma liberdade absoluta. Ella exclue todo o constrangimento, toda a servidão, toda a necessidade, tomada esta palavra em um sentido intellectual. Mas dahi não segue-se que exclua tambem o que poderia chamar-se a *necessidade moral*: deve-se pelo contrario admittir que ella suppõe e implica semelhante genero de lei ou de ordem. O que he que póde determinar a vontade divina, isto he, presidir ás acções de um ente soberanamente bom e justo? Aquillo que he soberanamente justo e bom, que he reconhecido por esse ente como o melhor, como a excellencia do bem, como o bem supremo. He esse bem dos bens que Deos escolhe naturalmente, pois não póde conceber-se que o não escolha, elle cuja natureza confunde-se com a essencia do bem. Não he por effeito de um movimento arbitrario e quasi aleatorio, de uma especie de capricho despotico; tão pouco he sob o imperio de uma fatalidade logica, semelhante a cega necessidade das mathematicas: he por que o vê conforme a' sua sabedoria, a' sua grandeza, a si mesmo, que Deos escolhe o bem. De não differirem em Deos a intelligencia e a vontade, como na creatura imperfeita, não resulta que Deos não tenha liberdade. A liberdade divina não he por ventura o amor puro de tudo o que uma intelligencia divina póde conceber de melhor, de mais bello, e por assim dizer de mais divino? Não são todas as qualidades de Deos igualmente infinitas, igualmente divinas; e a perfeição que distingue todas no mesmo grão, não as reune em uma mesma identidade, como em uma mesma pessoa? Por ser inevitavel esta fusão do querer e do saber, por ser a sublime prerogativa de um ente perfeito, ella assemelha-se talvez a uma necessidade, a um destino; porém, torna Leibnitz, não he mais do que uma necessidade moral, um destino apparente. «Esse pretendido *fatum* que obriga a propria divindade, não he outra cousa senão a propria natureza de Deos, seu proprio entendimento que fornece as regras a' sua sabedoria e á sua bondade: he uma necessidade feliz, sem a qual elle não seria bom nem sabio.» Accrescentemos: he uma necessidade livremente adoptada, bem como uma liberdade regulada por uma razão infallivel; por quanto he o amor do espirito perfeito para com a perfeição.

« He assim que Leibnitz concebe a relação da sabedoria divina e da liberdade divina: uma dirige ou inspira a outra, sem que na essencia uma diffira da outra. Duas accusações graves tem-se formado contra esta maneira de ver. Uns affirmam que ella destroe a omnipotencia de Deos: outros que compromette até sua existencia pessoal. Mostremos pois que essas accusações provém de um engano, e que Leibnitz, não ensina nenhum fanatismo intellectual, nem o pantheismo dos idealistas.

Em que acha-se diminuido o poder de Deos, se ol[h]ando segue a sabedoria e a sciencia que reside [n]o seu entendimento? Fica elle menos illimi[tado] sendo illuminado por um conhecimento unive[rsal] e dirigido por uma intelligencia infalivel? Ell[e nã]o he mais absoluto, dizem, porque obedece a razã[o] porque he eminentemente razoavel. Não he mais independente, dizem ainda, visto que obra por um motivo determinado, em vista de um fim certo, e que acha-se encadeado a esse motivo, attrahido a esse fim. Mas esta objecção annuncia uma noção falsa da liberdade divina. A liberdade, não sendo de ordinario mais do que uma faculdade no homem, a faculdade de escolher, deve ser em Deos um estado permanente, a mesma harmonia do querer e do saber. Para comprehender isto basta notar que quanto mais um espirito eleva-se e apura-se, tanto mais ficam suas tendencias activas de accordo com seu pensamento e com sua razão: não amando mais senão o verdadeiro, elle não quer mais senão o bem. E ousaria alguem dizer que merece o titulo de escravo por que obra com plena conhecimento, porque antes de obrar concebeu um designio, porque obrando, executa uma intenção? Então, como Leibnitz faz observar, sómente seria livre o bruto que obra sem designio. Se a razão fosse uma cousa abstracta ou passiva, uma entidade inerte, comprehender-se-hião esses escrupulos extraordinarios: nesse caso almas piedosas poderiam receiar que o amor infinito não achasse nenhum lugar, nenhuma influencia no governo do mundo, e que os actos divinos não fossem mais do que a applicação rigorosa de um principio mathematico. Mas seria esquecer primeiramente que, segundo Leibnitz, Deos he pura energia e pura harmonia; em segundo lugar que, sendo Deos um espirito activo e perfeito, seu pensamento he animado pelo mesmo genio que sua vontade, sua sabedoria respira o mesmo sopro que sua bondade, e experimenta assim o amor do bem que faz sua essencia e que elle satisfaz não só contemplando-o como realisando-o. Pode, pois, differir o que Deos concebe do que Deos quer, ou o que realisa do que pensa? Na verdade a intelligencia humana para alliviar suas operações, pode admittir que em Deos tambem o pensamento precede e determina a vontade; porém não he menos evidente que a substancia de sua vontade he o nervo de seu pensamento, assim como seu pensamento he o olho ou a luz de seu querer. Sim, Deos queria pensar o que elle proprio pensa, bem como o que nos faz pensar expondo nos o seu pensamento em suas obras. Não he sua perfeição tal que sua razão he tão livre quanto he sabia sua liberdade; sua vontade tão independente quanto he inflexivel sua razão; sua bondade tão poderosa quanto seu poder he ao mesmo tempo regulado e absoluto? não pensando senão conforme a si mesma, não obrando senão por si mesmo, não he elle igualmente senhor em tudo? Contanto que essa sabedoria seja a de um ente perfeitamente amante, ou que essa vontade seja a de um ente soberanamente intelligente, pouco importa a ordem ou a relação que possais estabelecer entre essas duas faculdades: no verdadeiro Deos ellas devem formar um só todo, e querer pretendesse subordinar uma a outra não faria mais do que produzir uma vã disputa de palavras. Nem o poder de Deos, nem sua liberdade serão diminuidos pela sua sabedoria e pela sua intelligencia, visto que um ente eminentemente sabio deve querer tudo o que pode, e que um ente eminentemente intelligente deve poder tudo o que quer; visto que emfim sua propria sabedoria he uma parte de seu poder, uma forma de sua liberdade, um modo dessa perfeição sobrenatural e incommensuravel de que o amor e a bondade são novas manifestações. O espirito de sabedoria não he outro senão o espirito de liberdade, se crermos aquelles que mais profundaram os mysterios da vida espiritual, os estoicos e os christãos. O Ente dos entes que possue esse duplo espirito, essa dupla maneira de ser em uma medida infinita e por conseguinte em perfeita unidade, não pode deixar de ter do de nossas distincções subtis, e desapprovar as contendas suscitadas pela questão de saber se em sua natureza incomparavel a razão he anterior ou posterior á vontade! » (11)

A' primeira vista a doutrina do Leibnitz parece favorecer um pouco o que diz o Dr. Feitoza, mas sendo bem considerada, refuta-o completamente pois não so estabelece que Deos he livre na escolha do bem, que o escolhe porque o acha conforme com a sua natureza divina, senão tambem que harmonisa o seu querer com o seu saber.

Deos não tem a escolha, a vontade de Deos não esta nem pode estar debaixo do poder dos motivos, diz o Dr., entretanto se tu lhe perguntasses porque razão move-se a terra em torno de seu eixo de Occidente para o Oriente, elle não poderia deixar de responder-te que isso tem lugar porque Deos assim o quiz; e se não contente com esta resposta lhe perguntasses ainda porque razão quiz Deos que a terra assim se movesse, elle mui provavelmente te responderia: —foi para que os dias se succedessem ás noites em toda a estenção da mesma, e fosse marcado para o homem o tempo de trabalho e o tempo de repouso.

Se lhe perguntasses mais porque razão gira a mesma terra em torno do sol, descrevendo uma elypse da qual elle occupa um [illegible] te responderia tambem que he porque Deos assim o quiz, e se passando adiante, lhe perguntasses porque Deos o quiz assim, elle mui provavelmente te responderia ainda que Deos assim o quiz para que as estações se succedessem umas as outras em toda a estenção da mesma afim de que podesse ser habitada.

Se lhe perguntasses porque razão he o homem intelligente, o Dr. te responderia que Deos assim o quiz, e se passando adiante, quizesses saber o motivo desse querer, elle te responderia que Deos fez o homem intelligente para que podesse conhecer o verdadeiro, o bello e o bem que são a sua propria natureza.

Se lhe perguntasses ainda porque fez Deos o homem livre não sei como responderia, visto que faz consistir a liberdade na possibilidade da queda, na possibilidade da infracção, mas pela minha parte responderia que assim o fez para que podesse representa-lo no mundo, para que resistindo ás solicitações da animalidade, podesse abandonar a esphera do mal que he a da imperfeição e girar como elle na do bem que he a da perfeição.

Completando o primeiro dos tres argumentos acima enunciados, ficará elle concebido nos seguintes termos:

O ente livre he aquelle cuja vontade pode querer o bem e pode querer o mal.

Ora a vontade de Deos, querendo absolutamente, infinitamente quer sempre o bem sem poder querer o mal.

Logo Deos não he livre.

He falso, querido amigo, que o ente livre seja aquelle cuja vontade pode querer o bem e pode querer o mal absolutamente fallando.

O ente livre como ja te fiz ver, he aquelle cuja vontade em presença de uma acção comprehendida dentro da esphera de seu desenvolvimento, pode querer ou não querer faze-la.

O poder a vontade humana querer o bem e querer o mal não prova que seja livre, prova sim que he imperfeita, que he finita. O poder a vontade divina querer o bem sem poder querer o mal não prova tambem que não seja livre, prova sim que he perfeita, que he infinita.

Ninguem ainda negou que a vontade humana possa querer o bem [e p]ode querer o mal, mas he grande, como sabes, o numero daquelles que sustentam que ella não he livre querendo ou deixando de querer uma [ou ou]tra cousa.

O be[m e o] mal formam duas espheras differentes para o [des]envolvimento da vontade. Na do bem que he a da perfeição, desenvolve-se a vontade divina que he perfeita: na do mal, que he a da imperfeição, desenvolve-se a vontade humana que, he imperfeita, bem que esta tambem se possa desenvolver na esphera da perfeição pela affinidade que tem com a vontade divina.

Determinadas assim as espheras do desenvolvimento das duas vontades, importa determinar igualmente a natureza desse desenvolvimento, se he livre ou necessario.

O Dr. Feitoza diz que a vontade humana he livre no seu desenvolvimento, mas sustenta que a divina o não he no della; porque não podendo Deos querer o mal, ha de querer necessariamente o bem.

He verdade, querido amigo, que Deos não pode querer o mal, que este esta fora da esphera do desenvolvimento de sua vontade, mas isso não o impede de ser livre pois sem sahir da esphera da perfeição, pode escolher entre os diversos gráos de bem.

Essa he boa! dirás tu talvez comtigo mesmo. Pois não vio que o Dr. Feitoza sustenta que Deos não tem a escolha, que sua vontade de qualquer modo que se manifeste, exprime sempre o bem absoluto?

Vi, querido amigo, mas que queres que eu faça se o Dr. não tem razão nisso que diz? Ou o bem absoluto não he para elle o que he para os principaes philosophos, ou então não comprehende bem a natureza da faculdade a que chamamos vontade.

O bem absoluto, o bello absoluto, a verdade absoluta são attributos de Deos, são o proprio Deos; assim entre outros o demonstrou ultimamente com solidas razões o pai da escola ecclectica moderna. (12)

Se pois o bem absoluto he o proprio Deos, como poderá ser objecto da vontade de Deos?

A vontade he uma faculdade toda pratica, que exerce-se sempre sobre as acções que temos de fazer, ou ellas devam produzir-se dentro de nós ou fóra de nós: o que pois faria a vontade divina do bem absoluto que não he uma acção que se deva obrar ou não obrar; mas que existe ab æterno em Deos que he o proprio Deos?

A intelligencia divina conhece o bem absoluto, o bello absoluto, a verdade absoluta, mas a vontade divina não pode querer realisa-los fora de Deos, porque isso he impossivel. Posto que Deos seja infinito, todo o que elle obra fóra de si he necessariamente finito, pois repugna que haja muitos infinitos.

Demais se a vontade de Deos de qualquer modo que se manifeste, exprimisse sempre o bem absoluto, como diz o Sr. Feitoza, sendo o bem absoluto Deos, como o demonstra entre outros Mr. Cousin, este mundo he Deos, cada um de nós he um Deos, porquanto somos o que a vontade de Deos quiz que fossemos.

Rectificada assim a primeira premissa, o absurdo do argumento torna-se tão evidente que dispensa qualquer refutação.

Ei-lo, para que o possas apreciar,

O ente livre he aquelle cuja vontade em presença de uma acção comprehendida na esphera do seu desenvolvimento pode quer ou deixar de querer faze-la.

Ora a vontade de Deos não pode querer fazer o mal, isto he, não pode querer fazer uma acção que está fora da esphera do seu desenvolvimento.

Logo Deos não he livre.

Mr. de la Luzerne refutando esse argumento, ao qual chama *objecção dos incredulos*, exprime-se nos seguintes termos.

« O poder de Deos, não obstante ser infinito, não estende-se ao que contrariaria suas perfeições. Assim elle não he livre para fazer o que he opposto á sua sabedoria, a' sua santidade, a' sua justiça, a' sua bondade. Sua vontade não tem mais extensão do que o seu poder, pois nenhum desses attributos se distingue delle proprio. Isso responde a uma objecção dos incredulos; — Deos não he livre, visto que não pode fazer o mal.—Elle não he livre nesse ponto, concordamos, mas não he isso falta de liberdade, assim como não he falta de poder. He uma perfeição de sua liberdade não estender-se ella até a contrariar suas perfeições.

« Assim pois não são senão os actos relativos ás suas creaturas e aquelles que não são oppostos aos seus attributos, que Deos pode fazer livremente. Por exemplo foi livremente e não por constrangimento, nem por necessidade que creou o mundo, e que o creou tal qual elle he. »

Para demonstrar esta verdade, o sabio escriptor procede indirectamente; isto he, procura tornar patente o absurdo e mesmo o ridiculo da opinião contraria.

Eis aqui as suas palavras:

« Se todas as acções de Deos são necessarias como sua existencia, tudo o que existe, existe necessariamente em sua forma actual, do modo porque he e existe assim, não por uma necessidade hypothetica, mas por uma necessidade absoluta. Sendo o acto de crear absolutamente necessario, a creação que he effeito delle o he igualmente. Todos os entes neste systema são necessarios como o proprio Deos, pois o são pela sua necessidade. Admittindo que Deos se determine livremente a crear, os entes que elle produz tornam-se necessarios por uma necessidade condicional, isto he, segundo a hypothese de sua determinação, he impossivel que não recebam a existencia; mas, se Deos he necessitado na creação, não he segundo uma hypothese que suas creaturas existem, pois que o principio de sua existencia não pode absolutamente não ser. Os sustentadores desse systema, são obrigados a chegar ao ponto de dizer, que não se pode conceber o mundo não existente; que não se pode concebe-lo existindo de outro modo; que não se pode conceber que houvesse em suas diversas partes, quér no numero, quér na forma, quer na disposição, a mais ligeira differença, que não se pode conceber, por exemplo, que houvesse no céo uma estrella, na terra uma planta de mais ou de menos; e que seria impossivel, absurdo, repugnante. contradictorio, suppor a mais pequena particula de materia faltando ao universo, ou de outra sorte collocada. Essas consequencias immediatas e inevitaveis do systema que necessita as acções divinas, mostram a sua falsidade e fazem sentir o seu ridiculo.

« Outra consequencia igualmente certa: todos os entes existindo necessariamente, terão todos os attributos que vimos pertencerem essencialmente ao ente necessario. A immutabilidade, a eternidade, a perfeição infinita etc. Dirá' alguem que cada um dos entes que compõem o universo he dotado dessas propriedades!

« O ente que obra pela necessidade de sua natureza não he senhor de conter-se, e faz necessariamente tudo o que sua natureza he capaz de produzir. Como a natureza de Deos he infinita, sera portanto preciso que todas as suas obras, isto he, todos os entes existentes o sejão.

« Onde quer que virmos conselho, designio, um fim e meios a esse fim adaptados, devemos crer que he uma vontade livre que regulara essa ordem. O ente que obra em virtude de uma necessidade imperiosa, que não tem o poder de determinar-se por si mesmo, está na impotencia de propor-se um fim. A escolha dos meios lhe he igualmente impossivel, a escolha suppõe a faculdade de escolher. Os fatalistas sentem a força deste raciocinio, pois para estabelecerem seu dogma da necessidade, negam a doutrina das causas finaes. Sustentam que o olho não he feito para ver, o ouvido para ouvir, o estomago para digerir. Assim, quando provamos a verdade das causas finaes, estabelecemos o dogma da liberdade divina. » (13)

Resta-me agora tratar do argumento que pertence exclusivamente ao Dr. Feitoza.

A liberdade he o contingente, o relativo na vontade; ella consiste na possibilidade da queda, na possibilidade da infracção;

Logo só pode ser o apanagio da vontade que não dá absolutamente o bem, isto he, da vontade humana e não da vontade divina.

Que outro rebaixasse assim a liberdade, eu não estranharia, mas que o fizesse o Dr. Feitoza, um de seus mais extrenuos campeões nesta provincia, he o que não posso comprehender.

Se a liberdade consistisse na possibilidade da queda, na possibilidade da infracção, eu de muito bom coração agradeceria a quem della me despojasse.

O cahir, querido amigo, o infringir a lei, não he usar da liberdade, he pelo contrario não usar della, he obedecer ás paixões, he ser escravo da carne.

Sera' para manter a possibilidade da queda, a possibilidade da infracção que se tem derramado tanto sangue no mundo, que se derrama e se ha de derramar? Não, querido amigo; luta-se e ha de lutar-se pela liberdade, porque ella he o mais bello dos privilegios do homem, aquelle pelo qual a creatura pode mais approximar-se da divindade.

Sêde perfeitos, ou sêde santos, como vosso pai celestial he santo, diz-nos o Salvador; quer isso dizer. Não gire nunca vossa vontade na esphera do mal, que he a da imperfeição, gire ella sempre na esphera do bem que he a da perfeição, que he a da vontade divina, se quizerdes ser no mundo a verdadeira imagem de Deos.

E o que he que pode fazer com que a vontade finita abandone a esphera da imperfeição, que lhe he propria para só girar na da perfeição que lhe he estranha? A liberdade, querido amigo. Tão longe pois esta' ella de consistir na possibilidade da queda, na possibilidade da infracção, que pelo contrario he o instrumento de nossa perfeição.

« A vida do homem, diz a *Enciclo[pedi]e des gens du monde*, he uma luta continua, um [lon]go duello da liberdade e da necessidade. Collo[cado] entre o mundo sensivel, dominio da fatalida[de, e o] mundo das idéas necessarias ou absolutas, elle acha-se igualmente limitado, quér pelas leis inflexiveis da materia, quér pelas leis geraes da intelligencia. N[ão] depende de nós sentir ou não sentir; não d[epe]nde tambem de nós fazer que uma verdade não se[ja v]erdadeira. Assim como nossa natureza sensivel esta submettida a's condições do tempo e do espaço, assim nossa intelligencia deve curvar-se debaixo do jugo da razão, e nossa vontade submetter-se a' regra da lei moral. He nesses limites que lhe oppõem, de uma parte a natureza, e da outra [a razã]o, que a liberdade humana deve exercer-se. Sua dupla missão he trabalhar para domar a natureza e aperfeiçoar a humanidade. »

O que prova bem isso he o merito que acompanha as acções boas e o demerito que acompanha as más.

O merito não he senão o galardão da victoria que o homem alcança resistindo pela liberdade as inclinações de sua natureza animal; o demerito he o estigma que se lhe imprime na fronte por não ter feito uso dessa sublime faculdade para resistir ás mesmas inclinações, como he do seu dever.

O merito provém de ter elle procurado approximar-se de Deos, apartando-se dos brutos; o demerito de ter preferido ficar confundido com estes, sem querer approximar-se daquelle.

Se a liberdade fosse o que o Dr. Feitoza diz que ella he, que sentido teria esta bella palavra do Salvador referida por S. João?—Vós conhecereis a verdade e a verdade vos tornara' livres.

Não, querido amigo, se a liberdade tem tantos adoradores, não he porque consiste na possibilidade da queda, na possibilidade da infracção, he pelo contrario, porque somente por ella somos senhores de nossas acções, vencemos as inclinações naturaes, apartamo-nos dos brutos e approximamo-nos de Deos.

Com effeito, em quanto obedecemos aos instinctos e impulsos da carne, não nos distinguimos em nada dos animaes, não fazemos nenhum acto de liberdade; he somente quando lhes resistimos que somos livres.

Só então he que começamos a apartar-nos dos brutos, só então he que começamos a aperfeiçoar-nos, só então he que começamos a approximar-nos de Deos.

Sabes quem he que neste mundo representa mais fielmente a imagem de Deos? He o santo que, depois de longo e doloroso exercicio da virtude, chega a praticar, como se foram naturaes, os actos de renuncia de si mesmo que mais repugnam a' fraqueza humana; tambem he nelle que a liberdade, apurando-se, eleva-se e engrandece-se.

Tão longe esta' a liberdade, repito, de consistir na possibilidade da quéda, na possibilidade da infracção, que o homem só cahe, só infringe a lei quando obedecendo, como os animaes, aos impulsos da carne, não usa da liberdade.

« A vontade, diz Mr. Cousin, não he nem o desejo nem a paixão; he precisamente o contrario. A liberdade da vontade não he, portanto, o desencadeamento dos desejos e das paixões. Longe disso, o homem he escravo no desejo e na paixão, elle não he livre senão na vontade.

« Não se deve confundir em psychologia, para não confundi-las em outra parte, a anarchia e a liberdade. As paixões abandonando-se a seus caprichos he a anarchia.

« As paixões chocentradas em uma paixão dominante he a tyrannia.

« A liberdade consiste no combate da vontade contra essa tyrannia e contra essa anarchia; mas he preciso um objecto, um motivo para esse combate, esse objecto he o dever de obedecer a razão que he nossa verdadeira soberana, e a' justiça que ella nos ensina.

« O dever de obedecer a' razão he a lei da vontade, e a vontade não he nunca mais vontade do que quando submette-se a' sua lei. Nós não nos possuimos em quanto a' dominação do desejo, da paixão e do interesse, a razão não tem opposto o contra-peso da justiça.

« A razão e a justiça libertam-nos do jugo das paixões, sem impor-nos nenhum outro, pois repito, obedecer-lhes, não he abdicar a liberdade, he salva-la, he engrandece-la.

« He na liberdade e no accordo da liberdade (14) com a razão e com a justiça que o homem pertence-se, propriamente fallando. Elle não he uma pessoa senão por que he um ente livre, esclarecido pela razão.

« O que distingue a pessoa da simples cousa he sómente a differença da liberdade e do seu contrario. Uma cousa he o que não he livre, o que não tendo *seu proprio* não tem se não uma individualidade numerica, simulacro da verdadeira individualidade, que he a da pessoa.

« Uma cousa não se pertencendo a si mesma, pertence a' primeira pessoa que della se apodera e lhe imprime o seu signal.

« Uma cousa não tem dignidade; a dignidade não esta' ligada senão a' pessoa.

« Uma cousa não tem valor por si; ella não tem senão aquelle que a pessoa lhe confere. He um puro instrumento cujo preço todo esta' na utilidade que delle tira a pessoa que o emprega.» (15)

Eis-aqui, querido amigo, por que razão o homem prefere morrer a perder a liberdade. Elle a considera justamente como o mais precioso dom que lhe fez o Creador, pois he della que lhe vem toda a sua dignidade, he por ella, mais ainda que pela intelligencia, que elle se aparta dos brutos e se aproxima de Deos.

A liberdade do Dr. Feitoza, repito, eu a renunciaria de muito bom grado, e creio que és tambem da minha opinião.

Embora ainda tivesse muita cousa que dizer sobre este ponto, não continuo, pois julgo ter ja sido demasiadamente longo. Na seguinte occupar-me-hei com a trindade do Deos vontade, do Deos intelligencia e do Deos sensibilidade, e então ficarás ainda mais convencido do que na antecedente te disse, isto he, que o Dr. Feitoza ou não conhece o Deos a quem adora, ou alias adora a um Deos que não he o de Abraham e de Jacob, que não he o dos Christãos, que não he o nosso.

Teu amigo do coração, Y.

Outubro 20 de 1856.

(1) Philosophie chretienne, p. 108.
(2) Histoire critique des doctrines religieuses de la philosophie moderne, T. II, pag. 226.
(3) Ibidem p. 370.
(4) Ibidem p. 372.
(5) Ibidem p. 374.
(6) Atheneu Pernambucano, n. 2, p. 85 (nota).
(7) Ibidem p. 84 (nota).
(8) Ibidem p. 83.
(9) Ibidem p. 87.
(10) Du vrai, du beau et du bien, L. XII e seguintes.
(11) Histoire critique des doctrines religieuses des la philosophie moderne, T. I, p. 68.
(12) Du vrai, du beau et du bien, L. XVI, p. 430.
(13) Dissertation sur l'existence de Dieu.
(14) Eu diria da vontade.
(15) Du vrai, du beau et du bien, L. XIV, p. 374.

CRITICA DA CRITICA.

Analyse do esboço critico-litterario, do Clarim Litterario, pelo Sr. P. de alasans.

Introducção.

IV.

Quem observar com reflexão o desenvolvimento da litteratura contemporanea—ainda o dizemos—conhecerá que essa terrivel corrupção que se tem apoderado de mais de um escriptor, e que se vai disseminando tão rapidamente no espirito do jornalismo, reflecte mais do que em tudo em muitos quadros da litteratura portugueza, que he, sem duvida, a que mais soffre os effeitos dessa extrema degradação.

Formigam a cada passo pertenciosos cultores das lettras, que não as comprehendem, que as prostituem, e em cujas mãos inutilisam-se e quebram-se aquellas mesmas armas, que bem manejadas, serviriam somente para dar ganho de causa no interesse da civilisação e do progresso.

Abundam extraordinariamente saios feitos a pressa, ostentando de uma erudição que não podem sustentar, e quasi sempre dominados, apenas por uma pequena serie de ideas communs, de principios geraes, que nem perfeitamente conhecem, nem sabem applicar a proposito e com vantajoso resultado.

D'entre estes não são raros os que se arrogam o pomposo titulo de censores e criticos de primeira força; e, possuidos de uma decahida filaucia, julgam poder sugeitar aos juizo de sua intelligencia toda e qualquer composição litteraria, seja qual for o genero a que ella pertença; e ainda quando a respeito dessa especialidade não tenham elles a menor somma de conhecimentos.

D'ahi, o batalhão dos improvisados *Aristarchos* enxame de zangões importunos, que voam por toda a parte, e accommettem e fustigam até as reputações mais qualificadas. Outros (e o numero destes não he pequeno,) lançam-se no extenso campo das novellas, dos romances e contos phantasticos: viajam com a imaginação até os mais reconditos paizes perdem-se nos raptos das mais elevadas abstracções, tornam-se enigmaticos e misteriosos.

Ordinariamente occupam-se de visões de creações aereas; divagam sempre n'um mundo de idealidades e parecem reproduzir-nos seus escriptos as tradicções do maravilhoso pagão, todos os sonhos da fabula todas as ficções mithologicas de mais exaggerado gosto. A' esse bando pertencem pela maior parte certos fazedores de folhetim, que enchem com suas inepcias e mal apontados artigos, paginas e paginas inteiras de jornaes recreativos: especie de litteratos vaporosos, que sobem as azas de imaginação fervida, e só deixam após-si um rasto de ligeirissimo fumo que breve se dissipa.

São esses que marcham mais rapidos no caminho das originalidades: vivem n'uma atmosphera propria e exclusiva, respiram n'um ambiente que se não pode confundir com qualquer outro: he povoado de seres novos e extraordinarios o universo em que elles gyram: e as inspirações brotam-lhes de uma fonte inaccessivel as pesquizas de muitos espiritos atilados.

A geração dos novelleiros excentricos acha em taes escrevinhadores representantes dignos de perpetuar a memoria de todas as estravagancias da fantazia, e desde Gallandi, nas Mil e Uma Noites até Hoffenan, nos Contos Phantasticos, desde as lendas arabes, e as tradicções da civilisação oriental, até os romances especialissimos e singulares de Topffer, tudo lhes esta' presente: e, como por encanto, vem figurar em seus rasgos de sublimado engenho. Julgar-se-hia mesmo que as—sylphides, ondinas e gnomos,—todas as allegorias sui generis d'arte nos seus [pr]imeiros symbolos e mythos particulares, ahi vêm apparecer atravez de um manto lustroso de app[are]nte illustração e gosto romantico, e tanta he a [vai]dade que reina por vezes nos trabalhos des[ses au]tores, para quem a litteratura parece um brinco de criança, ou antes um manequim que se volve para todos os lados! Destes monopolisadores, ou talvez, melhor, mercadejadores das lettras esta' o mundo cheio. Gazeteiros, folhetinistas principalmente, redactores de elogios dramaticos, que se apregoam de novos Eschylos pelo genio, e de segundos Schlegel pela theoria e pela critica; fabricadores de correspondencias sobre assumptos politicos, propaladores de noticias scientificas, jornalistas de toda a casta, desde o simples repetidor das expressões da moda, até o emphatico panegyrista das innovações e das exentricidades, ahi disputam n[illegible]lica, como outros tantos Hercules, apoiados na formidavel clava do « ultra-romantismo. »

Alguns ha que, bem longe de se consagrarem simples e exclusivamente a um ramo particular de escriptos, e escolherem uma especialidade que, talvez podesse vir a ser menos sacrificada por elles, abraçam ao mesmo tempo todas as materias, comprehendem n'um só artigo muitos assumptos, extendem-se, n'uma só composição, em longas e difficeis dissertações.

Esses escriptores proferem muitas palavras, dizem muita cousa, mas desprezam o principal, e não tocam, se quer, n'um dos pontos que lhes deveriam merecer attenção.

Taes escriptos que a' primeira vista pareceriam uma encyclopedia viva, mais apparatosa e esplendida que essa com que os espiritos fortes do seculo passado mimosearam o mundo; taes escriptos, que ligeiramente considerados fariam lembrar a um antiquario ou a um solicito archeologo a remotissima tradição da *Cariath-Sepher*, ou cidade dos livros, e lhes estimularia o desejo de perscrutar os arcanos dessa illustração monumental que desde tantos seculos julgam irremissivelmente perdida, não são mais do que insignificantes artefactos, destituidos de base, vastos de ideas, pequenissimos miseraveis em substancia, e proprios apenas para levantar mais um brado que assignale na carreira da vida os progressos da ignorancia e do charlatanismo.

Infelizmente, essa mania de escrever com a maior liberdade possivel sobre todos os pontos de sciencia, em todos os ramos dos conhecimentos humanos, parece hoje uma etiqueta da moda, que tem as suas formulas e os seus registros, como todas as etiquetas dos salões, dos bailes e dos *rendez-vous* de alta aristocracia *casquilha*. A *gens* litteraria, como a denomina mui judiciosamente um espirituoso escriptor portuguez dos nossos dias, nas suas — *Memorias Extemporaneas* —, encontra-se por toda a parte munida de — importantissimos diplomas —, em virtude dos quaes a' torto e a' direito se imagina autorisada para empunhar o sceptro e dictar leis soberanas a todos os adeptos da sciencia, a todos os amadores da illustração.

Nessa grandissima, indefinida circulação de idéas, a qual mais estrambotica, mais exquisita e descommunal; nesse continuo mercadejar de escriptos sem sabor, atirados a' face do publico sensato como outros tantos protestos da completa mediocridade presumida, e, até certo ponto, da completa insciencia contra o verdadeiro saber, e a solida instrucção; descobre o leitor perspicaz todos os excessos a que se póde condemnar a intelligencia irreflectida e privada dos necessarios recursos; e he que, sobretudo, se patentea he a vergonhosa degradação a que he arrastrada a sublime causa das lettras.

Dignos de respeito, credores até da admiração geral são aquelles que, tendo forças para conjurar essa tempestade produzida pelo máo gosto e favonecida pela pedanteria, ousam lançar na arena jornalistica um pensamento grave e ponderoso, que, bem comprehendido, tende a radicar-se na terra como semente apropriada a preciosos fructos, a abundantissima colheita para o futuro.

Os nomes desses não ha duvida que hão sobrenadar incolumes e apreciados sempre, na ruidosa alluvião dos escrevinhadores parvos e tresloucados.

Se um dia trabalhadores mais activos e conscienciosos olharem para este espectaculo que se descortina diante de nós; se a geração que vier depois desta, melhor conduzida e experimentada, fixar vistas de comprehensivo estudo e meditação sobre o quadro litterario do seculo XIX, ha de reconhecer, por certo, que um espirito de novidade extrema, baralhando elementos que não pode combinar, plantando a anarchia no centro do mundo moral e scientifico, arrastando a uma intoleravel exageração o principio salutar da liberdade bem entendida, não receiara profligar preceitos e regras, destruir as prescripções do bom senso, arvorar o estandarte da mais precipitada e estulta de todas as transformações nos dominios do engenho e da imaginação.

Procedendo a uma analyse minuciosa, distinguirão sem duvida, aquelles que vierem depois, assim como já hoje distinguem os verdadeiros criticos, o que he melhoramento puramente litterario do que so pode chamar-se desregramento e corrupção completa: verão que uma tendencia desorganisadora e fatal, insinuando-se com a força de principio dominante, com o prestigio de instincto restaurador e independente, levou o exterminio do classismo até os ultimos resultados do extravagante e do absurdo. Verão que essa tendencia em vez de produzir obras gigantescas, monumentos brilhantes e duradouros, não fez mais do que sanccionar o imperio exclusivo da sandice, que he de todos os imperios o mais illimitado e facil de percorrer.

Será então que os legitimos titulos do saber e do indisputavel merito hão de ser imparcialmente apreciados: e ao passo que se desenvolver mais essa apurada investigação, que não estará sugeita aos preconceitos do romantismo degenerado e anti-natural, irá crescendo mais a reputação daquelles que, no meio dessa torrente revolucionaria, souberam conservar illesa a primeira de todas as heranças, a herança intellectual, a herança do progresso reflectido e escoimado das futilidades de um modernismo excentrico.

Entretanto, esta esperança que nutrimos, depende de muitas circumstancias ulteriores, para que se possa realizar. Se a época he de transição, como tem parecido a mais de um escriptor sensato, não he menos certo que o seu principal pensamento, a sua idéa caracteristica, he a insaciavel sede dos melhoramentos materiaes; e poder-se-ha dizer, porventura, com bastante razão que, negligenciando-se a boa educação, e pondo-se de parte a disseminação dos principios inherentes ao aperfeiçoamento moral, a cultura do espirito, cuida-se hoje menos accuradamente do que possa concorrer para firmar a solidez do edificio litterario e scientifico.

He por este motivo que tanto se barateiam presentemente os titulos de talento, que se improvisam tantos genios, que tumultuam tantas illustrações bastardas, que fervem tantas publicações desordenadas, que superabundam criticos, poêtas, romancistas, historiadores e engenhos de toda a classe. Exceptuados aquelles que em qualquer desses ramos teem direito a um profundo apreço, a uma rasoavel acceitação; postos de parte e devidamente considerados muitos dos modernos escriptores, que são outros tantos apostolos do progresso da restauração nas lettras; he incontestavel que sobejam as mediocridades, que fluctuam ao infinito as nullidades, e estenta-se ainda uma innumeravel multidão de escrevinhadores, pretenciosos, pedantes, charlatães, mergulhados na miseria da ignorancia, e, não poucas vezes, da estupidez.

Se não se rotear de novo esse terreno que tem sido tão pessimamente arado; se do meio dessa vegetação enfezada e rude se não arrancar o pouco de semente productiva que pode haver misturada ahi; se se não separar o joio do trigo, os germens fructificadores da raiz tosca e bruta; se, propriamente fallando, se não declarar uma guerra de morte a esses especuladores, a esses bofarinheiros das lettas, a esses tolos impertinentes e prejudiciaes; he claro que essa lepra devastadora invadirá sem remedio a todos os espiritos inexperientes, e matará em sua essencia os instinctos nobres da regeneração e do movimento civilisador.

Arranque-se, pois, de uma vez essa mascara que encobre os falsos reformadores litterarios; abra-se uma generosa cruzada contra os obscuros monopolisadores da sciencia que somente a querem prostituida e amquilada; opponha cada um o mais que poder de marachões, a essa enchente assoladora que vai minando os alicerces do edificio litterario.

Concorram todos os apologistas sinceros do incremento social nessa grande obra, em que se tem de salvar as preciosas reliquias da boa litteratura; supplantem denodados esses audaciosos profanadores do santuario da sciencia, que são os peiores adversarios da illustração e dos melhoramentos da humanidade; liberiem o jornalismo desse jugo aviltante que lhe tem sido imposto pelos empertigados doutrinadores do dia. Vão adiante.

Revoquem, para inteiro desaggravo da sublime causa que defendem, as crenças da justa liberdade litteraria, defraudadas por esses innovadores indiscretos, por esses sparvalhados sectarios das extravagancias e licenças do ultra-romantismo; e não deixem por um só momento correr á revelia o processo que se tera de instaurar perante a opinião publica desprevenida e prudente, de cuja solução depende o posterior engrandecimento ou decadencia da civilisação.

Se a este seculo cabe uma bem merecida gloria pelos amples recursos e invenções miraculosas com que tem augmentado a somma das producções no reino das sciencias physicas e naturaes; se pode ufanar-se de haver apressado a marcha dos melhoramentos materiaes de toda a especie, abrindo assim uma porta franca as transformações da industria, as multiplices operações do commercio, aos processos da navegação, ás aspirações uteis das classes laboriosas, ao progredir fervoroso das creações artisticas; he mister que se não arrefeça o enthusiasmo pelas lettras e pela sciencia que se lhe vai despertando; e, por outro lado, que a perturbação e anarchia dos excentricos partidistas da moda encontre um limite nos arrojos de suas absurdas concepções e escriptos.

As primeiras intelligencias de todos os paizes reconhecem hoje a necessidade urgente de professar o progresso, de recebe-lo e segui-lo sem ir dar nos extremos que o pervertem e desvirtuam.

O mundo europeu que tem passado por tantas modificações politicas e sociaes; esse grande theatro onde se teem representado todos os dramas de mais elevada importancia na vida comprehensiva da humanidade; applaude, sem duvida, os rasgos atrevidos da nova geração litteraria, venera e admira os talentos de primeira ordem, as tendencias rasoaveis, os ensaios felices, aprecia sinceramente a idéa fecunda do romantismo; porem não vai atraz desse precipitado tropel de novidades disparatadas, não ergue altares, não queima incenso a essas ridiculas demonstrações da *gens* litteraria, que só quer a completa inversão dos principios, o exaggerado na substancia e na forma. He porque os genuinos conhecedores da materia presentem que ha um grande mal nesses voos excessivos da intelligencia e da imaginação; he porque reconhecem que, se se não destruir em tempo esses instinctos desorganisadores, essas propensões ultra-naturaes no desenvolver e cultivar das lettras, a perdição dellas será inevitavel, e, em vez de se legar aos seculos que vierem depois, um typo eminente de gosto, de aperfeiçoamento intellectual, succederá uma decadencia espantosa a essas já raras manifestações dos engenhos e illustrações legitimas.

Em summa, o que se não póde contestar he que na actualidade o mau genio da corrupção litteraria ja se vai desencadeando na maior escala possivel. Em vez de se cultivar com esmero e primor esse dilatado solo, do qual devem brotar esperançosos e vividos, fructos e flores com que se enfeite a corôa dos reconhecidos talentos, e se robusteça a arvore poderosa da sciencia, attende-se mais ás *nihilidades* aos destemperos da imaginação exaltada. Toma-se como guia, nas composições de qualquer genero, o arbitrio discricionario da natureza, independente das leis que devem mante-la nos seus justos e bem traçados limites. O que ninguem podera pôr em duvida he, que certa mania de celebrisar-se, um certo desejo de passar por extremado adepto da liberdade romantica em tudo, sem ao menos comprehende-la, sem aprecia-lhe as condições que são necessarias ao seu desenvolvimento, ha conduzido muita gente, que se preza de illustrada e erudita, aos maisextravagantes excessos, a's mais desastradas irregularidades e monstruosos defeitos.

O mal, porém, não esta' só nas opiniões insensatas que se sustenta; não esta só no pronunciar de ideas originaes, singulares e exquisitas; não consiste somente no tom dogmatico e magistral com que se pregam relativamente ás lettras, em geral, as mais pueris e risiveis doutrinas, as theorias mais disparatadas e repugnantes: se apenas fosse isso, menos haveria que receiar. Das discussões oraes passa-se as discussões escriptas: do recinto obscuro do gabinete corre-se para a praça publica; do embasbacado grupo que bate palmas ao primeiro dito espirituoso, a' primeira phrase estrondosa, voa-se para a imprensa; volvem-se os typos, gemem os prelos, avultam as paginas, multiplicam se as folhas, enfardam-se periodicos, chovem *pamphletos*, accumulam-se as brochuras, reduplicam os livros, e o jornalismo vê-se opprimido debaixo de um formidavel peso de composições de toda a casta. Observa-se então que a litteratura, como diz o illustre escriptor portuguez o Sr. Antonio de Serpa, na sua obra ha pouco citada, accresce em extensão, o que não he o mesmo que *augmentar em profundidade*; [acont]ece-se, como elle, que por ora escreve-se mai[s do] que não he exactamente synonimo de escrever [bem e] melhor. Eis o que se póde chamar uma verdade incontestavel. A alluvião dos escriptos he immensa, mas esta' na razão inversa da grandeza das idéas, e na directa das superficialidades e parvoices mais repulsivas e insipidas. Assim como se póde fallar sem acerto, estouvadamente, e fica livre ao ignorante, ao que não tem sizo, dizer tudo quanto lhe vem ao bestunto; do mesmo modo se póde escrever mal, e não se devem exigir conhecimentos e illustração de quem os não possue, ou antes os despreza como inuteis e escusados. Em todo o caso o trabalho esta' feito, e vai as mil maravilhas. Não se presuma que a machina venha a parar por falta de exercicio; estão as rodas em continuada agitação, ha uma effervescencia espantosa: e póde ser que a prodigiosa lei da electricidade no mundo physico, apezar de tão gabada e applaudida em muitos inventos de recente data, não produza, dadas as mesmas condições de tempo e de impulsão externa, tão maravilhosos e repentinos phenomenos. Para tudo ha um laboratorio prompto e d'antemão preparado: não escaceam as formas para cada uma das composições uma vez intentadas: acham-se com a maior facilidade titulos e desenvolvimento para todas as materias sobre que se pretenda escrever.

Quando se não plagia miseravelmente, fazendo de um artigo qualquer uma safada manta de retalhos, o que não poucas vezes entra no gosto e no caracter do mais apurado modernismo, recorre-se por certo, a' inexaurivel fonte das sediças divagações, aos passeios da fantasia pelos illimitados reinos das mais abstrusas idealidades. Então o plano esta' concebido, o caminho esta' feito. Peçam-se a taes escriptores quaesquer artigos, elogios pomposos, ou invectivas picantes; exija-se delles uma critica de alto calibre, uma fundação commemorativa das façanhas de um guerreiro distincto, a recommendação de uma obra litteraria, uma revista bibliographica, uma memoria scientifica, um trabalho de qualquer natureza, e elles promptamente o apresentam.—Encaixam-lhe as citações, arrumam-lhe trechos de que se haviam munido, ou sejam a proposito ou não; dispõem a forma, e em poucos minutos ahi terão um artefacto completo. Especies de camaras opticas, em que se reproduzem, mediante as combinações da arte, desenhos e pinturas que não seriam percebidas em tal dimensão com o soccorro apenas do orgão visual: taes escriptores podem representar todos os objectos que se lhes põem diante, embora esteja embaciado o vidro que os transmitte, ou desparafusado o machinismo. Pouco importa: nem he indispensavel que as idéas avultem, que se encontrem pensamentos, que haja ligação de principios: basta que as palavras affinam, que não rareem as expressões, e que os vocabulos por vezes ocos e tenues, se enfileirem e disponham como as partes integrantes de um bem preparado authomato.

Cabe trazer para este lugar as expressões de verdadeira critica e de grave meditação com que o insigne escriptor, de que ha pouco fallamos, retrata ao vivo esse estado lamentavel da moderna litteratura, vilipendiada pelos seus falsos apologistas e cultores. He tão engenhoso e aprofundado o seu ajuizar a semelhante respeito; de tal modo pinta elle essa situação anormal dos espiritos e do jornalismo na actualidade; tão destramente zurze essa turba de escriptores parasytas, que não podemos resistir ao desejo, á necessidade mesmo de transcrever as suas observações. Ellas, alem disto, resumem da maneira mais significativa e completa o que largamente poderiamos dizer em tão abundante assumpto, he a linguagem viva e energica da razão reflectida e seria, inspirada pelo puro amor as lettras, e por uma luminosa experiencia. Ouçamo lo em suas Memorias Extemporaneas.

« Porque, diz elle, não ha de ser toda a gente escriptora? Assim como todos fallam, porque não hão de todos escrever? O que he a escripta senão uma forma da manifestação do pensamento? E se a todos he permittido manifesta-lo pela voz, porque lh'o não será por outro qualquer modo? Exige-se a alguem que seja instruido para fallar? N'outros tempos, os escriptores publicos formavam uma classe distincta de todos os outros mortaes, como o clero, como a milicia, como a nobreza, como a advocacia.

« Para ser escriptor era necessario possuir os segredos da arte pela iniciação dos livros; quem não sabia não podia escrever. Hoje terminou o reinado do privilegio. A rasoira niveladora achatou por uma vez todas as protuberancias sociaes. A antiga Minerva era uma divindade austera e casta; a de hoje humanisou-se, tem porta franca, e tornou-se inaccessivel aos mais insignificantes mortaes. » « Eis como hoje se pensa » continua elle mais adiante « e até certo ponto com razão. Porem como o bom senso não pode vedar ao nescio que o seja, fallando não lhe pode tambem tolher a liberdade de escrever sem sizo. Eis aqui como todos hoje são escriptores, por simples direito de nascimento. Se só fallassem os atilados, que silencio sepulcral não reinaria por esse mundo! que cemiterios não pareceriam as cidades! Não acontece assim. Todos fallem bem ou mal. As palavras vãas e inuteis, que são quasi todas, passam sem deixar vestigio; mas a parcella, a minima parcella da verdade eterna, que emitte uma idéa na circulação do pensamento, essa radica-se no solo da humanidade e fructifica para todos. Assim he da imprensa ou da palavra escripta.

« Todos se julgam com direito a escrever como a fallar: um incommoda os prelos, para dizer mal de um visinho, que ninguem conhece, ou para assoalhar a vida particular de individuos, que a ninguem importa; outro dá o seu voto, que ninguem

MUTILA[DO] MELHOR EXEMPLAR ENCONTRA[DO]

lhe pede, sobre uma questão de que nada entende; este censura o que está acima da sua comprehensão, aquelle elogia o que está abaixo da critica. Foi o que sempre aconteceu no mundo, fallando, he o que agora acontece pela escripta. O peior he que nesta abundancia de joio, quasi que se afoga a boa semente. »

Dando mais expansão a' sua idéa prosegue ainda o mesmo escriptor nestas palavras:

« A litteratura he hoje um officio, quasi tão méchanico como o de fazer chapéos ou talhar casacas. A ponto chegou o progresso, que a instrucção e a intelligencia, os dotes do espirito e a sua cultura, são as qualidades mais dispensaveis para um escriptor publico. Basta-lhe conhecer os processos materiaes da arte e servir-se das machinas com discrição. Admira-se? O que eram no seu tempo os realejos e os pianos-machinas? Instrumentos de que a mão mais ignorante podia fazer sahir as melodias mais inspiradas da divina arte de Orpheo. Hoje tambem ha realejos litterarios e machinas de fazer artigos de fundo, folhetins, critica ou obras de arte. O caso he saber trabalhar com estes instrumentos mechanicos, para o que he preciso dar algum tempo ao officio. A erudição esta feita, as citações dispostas, as phrases ordenadas: resta mecher as caravelhas e dar convenientemente aos registros........

« O mais difficil he ter a idéa, por isso anda por ahi a litteratura tão falta deste ingrediente, que lhe deveria ser a principal substancia. Crea-la não he para todos. Por isso a maior parte usa do que outros ja crearam. Deste uso immoderado desta repetição continua da mesma idéa, vasada em milhares de moldes mais ou menos parecidos, nasceu n'outro tempo a banalidade, hoje flagello litterario, epidemia, especie de *oidium tukere* do mundo intellectual. A' proporção que a idéa se torna rara, como materia prima, para os productores e para os consumidores, como substancia fabricada pelos processos litterarios, o seu preço sobe no mercado, segundo a indicação inalteravel das leis economicas.»

Depois de pensamentos tão felizmente concebidos e expressados, nada nos cumpre accrescentar á semelhante respeito senão que essa espantosa desordem litteraria, da qual são os homens illustrados e sinceros amantes do progresso os primeiros expectadores, os que mais se envergonham e indignam, desenhando-se visivelmente no quadro da moderna litteratura, em nenhuma outra se tem manifestado tanto como na portugueza. Este nosso pensar nós o proferimos sempre, e não cessaremos de repeti-lo, porque he o resultado das nossas observações, he uma verdade constante que se reproduz quasi diariamente.

O ex-academico—*T. B.*
(*Continua.*)

Correspondencia.

Srs. redactores.—Penhorado pelas maneiras urbanas, com que fui tratado pelo Illm. Sr. José Angelo de Moraes Rego capitão de artilharia, e commandante da fortaleza de Itamandaré, quando ha dous mezes e meio achei-me nella recluso sob sua guarda, devedor a S. S. de obsequios que me parecem debitos insoluveis, busco seu conceituado jornal para dar uma prova a este distincto official de que se a minha situação torna quasi impossivel uma compensação de seus immensos favores, ao menos não me deverá ter em conta de um devedor remisso, porque faço publica a minha obrigação, e sinto mesmo a maior satisfação em confessa-la.

Verdade he, que a educação culta, o trato polido e delicado, e a illustração de que he ornado o espirito do Sr. Moraes Rego, lhe fazem da obsequiosidade uma lei, que elle observa para com todos; mas tão nobres qualidades, de que faz uso sem distincção de individuo, não excluem por modo algum os deveres correlativos, que para comigo estabelece a gratidão por virtude dos bons officios de amisade que delle recebi.

Dignem-se pois, Srs. redactores, de dar publicidade a estas poucas linhas que, quando outro prestimo não tenham, servirão como um protesto da alta estima, respeito e consideração, que tributo a este honrado official, verdadeiro ornamento do exercito brasileiro.

José de Mello Albuquerque Monte-Negro.
Recife 31 de outubro de 1856.

Publicações a pedido.

CIDADÃOS GUARDAS NACIONAES!

Não he para forçar a liberdade do voto, não he para derribar direitos, e interesses legitimos, que o governo vos chama hoje ao aquartelamento. Supposições bem fundadas e receios existem de que s ordem publica seja alterada, e a paz perturbada. O governo, primeiro garante da nossa liberdade, e socego, no circulo de suas attribuições, pretende preparar-se, para que mantendo a ordem, possa inutilisar qualquer disturbio, e desordem, que haja por ventura de apparecer em qualquer dos lados, que actualmente se combatem. O governo, fiel ao seu programma, quer a expressão livre das urnas, e não que seja o povo forçado pelas posições officiaes, e menos pelas calumnia, e infames trapaças, que nessas épocas empregam aquelles, que não possuem as qualidades, e habilitações precisas, e serviços ao povo; e illudindo, e insuflando as massas, dellas se servem para a desordem, e anarchia em proveito unicamente de seus calculos e interesses mesquinhos. O governo, emfim, tem em vós toda a confiança, espero que não será illudido. Na quadra actual e norte do 6.º batalhão da guarda nacional deve ser a lei, a monarchia, a integridade do imperio, e a liberdade do voto. Em defeza de tão sagrados objectos me tereis sempre á vossa frente.

Viva Sua Magestade o Imperador!
Viva a integridade do imperio!
Viva o Exm. presidente da provincia!
Viva o 6.º batalhão de guarda nacional do Recife

Manoel Joaquim do Rego e Albuquerque.

Illm. Sr.—Tenho presentes o diploma, e os estatutos com que se dignou essa mui distincta e benemerita Associação Commercial Beneficente nomear-me seu socio honorario, e grato a tanta benevolencia, eu me felicito por tão distincta honra. Aproveitando o ensejo para offerecer os meus humildes serviços á mesma Associação no desempenho de seus arduos trabalhos, peço a V. S., como seu digno orgão, queira levar o exposto ao seu conhecimento, dignando-se V. S. dispor do meu particular serviço.

Deos guarde a V. S. Recife 1.º de setembro de 1856.—Illm. Sr. João Matheus, digno presidente da Associação Commercial Beneficente de Pernambuco.—Firmino Antonio de Souza, presidente do tribunal do commercio.

Variedades.

PROFISSÕES NOS ESTADOS-UNIDOS.

As occupações a que se entrega a população dos Estados-Unidos apresentam nas cifras algumas comparações assás curiosas. Assim o numero dos correctores igual ao dos cabelleireiros. Felizes aquelles que só deixam tosquiar pelos ultimos!

Conta-se um coveiro por 80 medicos, 100,000 ferreiros e outros tantos mercadores. Os chapeleiros são tão numerosos como os fabricantes de tabaco.

As casas são construidas por 200,000 carpinteiros e 64,000 pedreiros: 50.000 alfaiates vestem a população dos Estados-Unidos, em quanto 23,000 correeiros arreiam os seus cavallos.

Ha tantos segeiros como editores, o que não implica que cada editor tenha a sua carruagem.

Os advogados são dez mil vezes mais numerosos que os padeiros, estes contam 14,000 fornos.

Ha mais pasteleiros do que relojoeiros, e mais teceloes do que professores.

Dos 2,000 individuos que se declararam artistas, só 82 tem a profissão de autores.

Serra da Arrabida. Do Setubalense copiamos a seguinte noticia sobre esta serra:—A serra da Arrabida he um monte alto que fica no termo de Setubal e fora antigamente de Palmellas, de subida mui ingreme e escabrosa, chamaram-lhe os antigos Barbaricum Promontorium.

Pelo sul lhe fica o oceano, pelo norte (a distancia de 6 legoas) Lisboa. Nesta serra no anno do nascimento do Senhor appareceu uma extraordinaria e refulgente luz ou formosa estrella, assim o refere Manoel de Faria na sua Europa.

Reinava em Portugal D. Affonso II quando sahindo de Inglaterra certo mercador que seria pelos annos de 1215 pouco mais ou menos porque Affonso II começou o seu reinado em 1212. Ja na altura de Lisboa cresce o mar a nada obedece, na nau vinham catholicos e christãos como entao eram todos os inglezes, e vinha um religioso ermita de Santo Agostinho chamado D. Bartholomeu. Trazia este religioso uma imagem de N. Senhora, e indo encommendar a ella como todos os que nau vinham, não acharam e exclamando e pedindo a Deos viram n'um alto uma grande luz no meio da escuridão da noite que lhe alumiou a náu viram como se fosse com o sol.

Alli foram no outro dia de manhãa e acharam a Senhora no lugar onde haviam visto a luz, e com esmolas que ajuntou dos companheiros ali o ermita, com licença do bispo de Lisboa, lhe dedicou uma ermida e junto a ella uma cella para si, e para D. Bartholomeu que o quiz acompanhar naquella solidão.

Depois erigio o mesmo Haildebrant um convento da sua mesma ordem de Santo Agostinho com licença do bispo de Lisboa D. Sueiro Viegas.

* Como consta de uma escriptora feita em 1228 que se conserva no archivo da mesma cathedral de Lisboa. Desampara-se com o tempo este convento, mas no reinado de D. João III, sendo duque de Aveiro D. João de Lencastre, irmão do bispo de Leiria D. fr. Antonio de Santa Maria, o reparou ja quasi arruinado, e o deu como casa do seu padroado ao geral de S. Francisco para que nelle pozesse religiosos da sua ordem reformados, o qual aceitou e pondo por primeiro prelado o padre fr. Martinho de Santa Maria, natural de Cartagena no Levante, filho dos condes de S. Estevão, com o qual se juntaram muitos varões entre elles S. Pedro de Alcantara e fr. João de Aguila, filhos da provincia de S. Gabriel, e estes padres he que deram principio a provincia da Arrabida, tomando o titulo por devoção a Senhora.

Esta Senhora era toda de pedra e de muito rica escultura, sentada n'uma cadeira: o Menino Jesus que tinha sobre o braço esquerdo, esta com um passaro na mão esquerda e com a mão direita tirando um espinho do pé. Parecendo depois a alguns que seria melhor estar a Senhora em pe, cerraram a pedra que tocava a cadeira, e lhe fizeram um meio corpo de madeira, e assim ficou em pe, porque a mão direita estava sobre o braço da cadeira lhe fizeram outra mão, e nella lhe pozeram um sceptro. Hoje a Senhora está differente do que quando appareceu.

Na ermida primitiva existe hoje uma Senhora invocada da memoria, e a Senhora da Arribada está no convento.

Conversões—Os padres hespanhoes da Terra Santa, segundo se lê no relatorio apresentado no capitulo geral da Ordem dos Menores em 10 de maio em Roma, obraram desde 1768 até 1856 as seguintes conversões:

Gregos	1,555
Armenios	1,040
Cophtos	189
Protestantes	149
Hebreus	17
Gentios, idolatras etc.	137
Nestorianos, monothelitas e jasobitas	110
	3,197

Além disto teem publicado 38 obras, senda 23 em lingua arabe, para instrucção das povoações musulmanas.

(*A Nação.*)

Commercio.

PRAÇA DO RECIFE 4 DE NOVEMBRO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Desconto de lettras de 5 mezes—9 % ao anno.

Frederico Robilliard, presidente.
P. Borges, secretario.

CAMBIOS.

Sobre Londres, 27 3/4.
« Paris, 346.
« Lisboa, 98 a 100 por % de premio.
« Rio de Janeiro, 1/2 a 1 por 0/0 a 15 e 30 dias.
Acções do Banco, 40 a 45 de premio.
« « companhia de Beberibe 54$000.
« « companhia Pernambucana ao par.
« « Utilidade Publica, 30 por cento de premio.
« « Indemnisadora. —52 idem.
« « da estrada de ferro —20 por 0/0 de premio.
Disconto de lettras, de 7 a 7 1/2 por 0/0.
Dito do banco—7 a 8 por 0/0.

Ouro.—Onças hespanholas		28$ a 28$500
	Moedas de 6$400 velhas	16$000
	« « 6$400 novas	16$000
	« « 4$000	9$000
Prata.—Patacões brasileiros		2$000
	Pesos columnarios	2$000
	» mexicanos	1$860

Caixa Filial do Banco do Brasil

EM 4 DE NOVEMBRO DE 1856.

Directores da semana, os senhores:—Manoel Gonçalves da Silva e José Pereira Vianna.

Descontos para lettras a vencer até 30 de dezembro proximo 8 %, para lettras com vencimentos posteriores 9 %.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 3	24:085$177
Idem do dia 4	14:492$566
	38:577$743

Descarregam hoje 5 de novembro.

Barca ingleza—*Midas*—bacalhao.
Escuna ingleza—*First Fruit*—idem.
Barca ingleza—*Titania*—idem.
Barca portugueza—*Maria José*—mercadorias.
Barca ingleza—*Nanphante*—idem.
Barca hamburgueza—*Johanne Kahlman*—idem.
Brigue inglez—*George*—carvão.

IMPORTAÇÃO.

Brigue inglez «Georges» vindo de New Port, consignado a Scott Wilson & C., manifestou o seguinte: 358 toneladas carvão de pedra; aos consignatarios.

Brigue inglez «Midas» vindo de Terra Nova, consignado a Saunders Brothers & C., manifestou o seguinte:

2,800 barricas bacalhao; aos consignatarios.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 3	2:229$312
Idem do dia 4	1:023$045
	3:252$357

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 3	444$822
Idem do dia 4	208$389
	653$211

DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO PELA MESA DO CONSULADO DESTA CIDADE NO DIA 4 DE NOVEMBRO DE 1856.

Gibraltar—Escuna ingleza «Nox», C. J. Astley & Companhia, 600 saccos assucar mascavado.

Lisboa—Brigue portuguez «Soberano», Francisco Severiano Rabello & Filho, 100 saccos assucar mascavado.

Lisboa—Brigue portuguez «Bom Successo», Thomaz de Aquino Fonseca & Filho, 10 barricas assucar branco.

Lisboa—Brigue portuguez «Laia III», Francisco Severiano Rabello & Filho, 130 saccos assucar mascavado.

Liverpool—Barca ingleza «Oberon», James Ryder & Companhia, 555 saccos assucar mascavado.

Exportação.

Buenos-Ayres por Montevidéo, patacho brasileiro «Pelicano», de 139 toneladas, conduzio o seguinte:—650 barricas, 50 meias ditas e 100 saccos assucar.

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 3	3:405$740
Idem do dia 4	534$702
	3:940$442

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 3	2:418$379
Idem do dia 4	1:173$882
	3:592$261

Movimento do porto.

Navios entrados no dia 4.

Terra Nova—50 dias, brigue inglez «Jersey», de 142 toneladas, capitão Henry Rother, equipagem 10, carga 2,676 barricas com bacalhao; a Johnston Pater & Companhia. Pertence a S. João.

Idem—57 dias, barca ingleza «Voyager», de 215 toneladas, capitão O. Crotell, equipagem 10, carga 2,830 barricas com bacalhao; a Saunders Brothers & Companhia. Pertence a Halifax.

Navio sahido no mesmo dia.

Rio de Janeiro—Brigue brasileiro «Adolpho», capitão Manoel Terencio Correia da Silveira, carga milho e mais generos. Passageiro, José Antonio de Siqueira Junior.

Editaes.

—O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia de 27 de corrente, manda fazer publico, que no dia 20 de novembro proximo vindouro, perante a junta da fazenda da mesma thesouraria, se ha de arrematar, a quem por menos fizer, a obra da ponte do Brumzinho na estrada do Pao d'Alho, avaliada em 8:030$000.

A arrematação será feita na forma da lei provincial n. 343 de 15 de maio de 1854, e sob as clausulas especiaes abaixo copiadas.

As pessoas que se propozerem a esta arrematação compareçam na sala das sessões da mesma junta no dia acima declarado pelo meio-dia, competentemente habilitadas.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo «Diario.»

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco, 30 de outubro de 1856.—O secretario, A. F. d'Annunciação.

Clausulas especiaes para a arrematação.

1. As obras da ponte do Brumzinho serão feitas de conformidade com a planta e orçamento approvado pela directoria em conselho e apresentado a approvação do Exm. Sr. presidente da provincia na importancia de 8:030$.

2. O arrematante dará principio as obras no prazo de um mez, e deverá concluí-las no de cinco mezes, ambos contados na forma do artigo 31 da lei provincial n. 286.

3. O pagamento da importancia da arrematação realisar-se-ha em quatro prestações iguaes; a primeira depois de feito o primeiro terço das obras; a segunda depois de concluido o segundo terço; a terceira depois do recebimento provisorio; e a quarta depois da entrega definitiva.

4. Para tudo o mais que não se achar determinado nas presentes clausulas nem no orçamento, seguir-se-ha o que dispõe a lei provincial n. 286.

Conforme.—O secretario, A. F. d'Annunciação.

Declarações.

CORREIO GERAL.

As malas que tem de conduzir o palhabote brasileiro «Dous Amigos» com destino aos portos da Bahia, fecham-se hoje (5) do corrente, as 10 horas da manhãa.

—De ordem do Exm. Sr. Dr. juiz de direito especial do commercio, Anselmo Francisco Peretti, convoca-se a todos os credores do fallido João Chrisostomo de Lemos, para comparecerem no dia 6 do corrente, as 10 horas da manhãa, na sala das audiencias deste juizo, afim de ter lugar a nomeação de depositario ou depositarios, que hão de receber e administrar provisoriamente a casa fallida, visto não se terem reunido no dia 31 do proximo passado mez os mesmos. Recife 3 de novembro de 1856.—O escrivão, Maximiano Francisco Duarte.

—Pela subdelegacia da freguezia da Varzea se faz publico, que se acha recolhido a casa de detenção o preto Apolinario, o qual diz ser escravo de Francisco José de Mello, senhor do engenho Camaragibe do termo do Rio-Formoso: a pessoa que se julgar com direito compareça nesta subdelegacia munido de seus documentos. Subdelegacia da Varzea 4 de novembro de 1856.—O subdelegado de policia,

Francisco Sotter de Figueiredo Castro.

REPARTIÇÃO DA VACCINA.

Com autorisação do Exm. Sr. presidente da provincia faz-se publico, para conhecimento dos habitantes desta cidade, que os dias de vaccina serão de hoje em diante nas quintas e domingos de cada semana, no lugar e horas anteriormente declaradas: nos domingos estara' esta repartição aberta até a's 11 horas da manhãa. Dr. João Nepomuceno Dias Fernandes, commissario vaccinador provincial.

—O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, manda fazer publico, que do dia 4 do corrente por diante se pagam os ordenados e mais despezas provinciaes vencidas até o ultimo do mez de outubro proximo findo. Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 3 de novembro de 1856.—No impedimento do secretario, o official da secretaria,

Miguel Affonso Ferreira.

—O Illm. Sr. capitão do porto, em cumprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia datada de 20 do corrente, referindo-se a contida no aviso circular do ministerio da marinha, de 2 tambem do corrente, manda dar publicidade as traducções, juntas a este por copia, de tres avisos sobre o estabelecimento de luzes na ilha dos enforcados no Mediterraneo, e no canal dos Principes a entrada do Tamisa, e de casas de asylo para as pessoas que naufragarem na parte do mar de Sunderbunds em Bengalla.

Capitania do porto de Pernambuco em 21 de outubro de 1856.—O secretario, Alexandre Rodrigues dos Anjos.

TRADUCÇÃO.

Aviso aos navegantes.

N. 18.

Mar Mediterraneo.

Pharol nas ilhas Baleares.

O ministerio da marinha de Hespanha acaba de participar, que do dia 1.º de maio de 1856 em diante, se estabelecerá uma luz fixa na ilha dos Enforcados, entre as ilhas Baleares, Eviça e Formentera no Mediterraneo.

A luz he fixa e clara, e está collocada na altura de 82 pés acima do nivel medio do mar; e deve avistar-se do convez de um navio em tempo claro, na distancia de 10 milhas.

O aparelho illuminador he catadioptrico da 6.ª classe.

A torre do pharol acha-se collocada na latitude 38.º 48' 49" Norte; e longitude 1.º 29' a leste de Grenwich.

O objecto e fim da luz he para marcar o canal conhecido pelo nome de Freo-Grande ou o principal dos tres canaes, ou Freos entre as ilhas de Iviça ao lado do norte, o Formentera ao do sul.

Este canal tem quasi uma milha de largura e nove braças de fundo; mas como o fundo he de rochedo, as embarcações de vela devem a cautelar-se em navegar para o canal com o vento escasso ou variavel, para evitar o perigo de ter de fundear.

Por ordem de S. Senhorias.

Assignado, John Washington, hidrographo.

Repartição Hidrographica, Almirantado, Londres 28 de abril de 1856.

Este aviso affecta os seguintes mappas do Almirantado.

Geral do Mediterraneo, n. 2158, de Alicante para Palamos n. 1187; ilhas de Iviça e Formentera n. 145, e mais a lista de pharoes do Mediterraneo n. 10 A.

TRADUCÇÃO.

Aviso aos navegantes.

N. 31.

Canal dos Principes.

Entrada no Tamisa, pharol addicional.

Trinity House 5 de junho de 1856.

Para melhor navegação do canal dos Principes, resolveu-se, que nelle se estabelecesse uma luz addicional.

Pelo presente se faz publico, que antes do dia 1.º de outubro proximo, uma embarcação pharol estará fundeada ao lado norte do dito, a meio caminho pouco mais ou menos, entre os pharoes Tongue e Guindler, e que uma luz encarnada revolvente apparecerá da mesma, depois do pôr do sol, daquelle dia.

Nova informação a respeito da posição exacta, demarcações, etc., da luz projectada, será publicada em tempo competente.

Por ordem.

Assignado, P. H. Berthon, secretario.

TRADUCÇÃO

Aviso aos navegantes.

A directoria da companhia das Indias Orientaes recebeu ultimamente do governo de Bengala a seguinte noticia, que se publica para conhecimento geral.

Para a gente do mar que naufragar na parte do mar de Sunderbunds tem-se estabelecido as seguintes casas de asylo.

N. 1, pintada de encarnado. Edificada um pouco para o norte de Jacksons Grove na ponta de Sezers formando a entrada de leste para o canal «Creek.» Está em uma extensa planicie coberta de capim pela parte interior, ou para leste de uns montes altos de area, que formam a linha da praia.

N. 2, pintada de branco. Edificada na entrada de leste para o rio Subtermookey, 400 jardas ao norte da ponta que se forma da ilha Bulcherry e 20 jardas do signal ou marca das marés cheias. Está collocada no meio de arvoredo baixo e mui unido (jungle).

N. 3, pintada de preto. Edificado a entrada de leste do rio Jeuneva, 400 jardas ao norte da ponta que forma a entrada para o rio Subtermookey, e 200 jardas do signal ou marca das marés cheias.

Em cada casa ha um suprimento de bolacha e agua, que facilmente se acha lendo as instrucções, que existem em cada uma, que contem igualmente outras direcções de utilidade, cada casa tem junto a si um catamarau.

Os naufragos que alcançarem a terra a leste de Saugor devem procurar as casas de asylo, e devem lembrar-se que quando uma embarcação se perde com um pratico a bordo, o facto he logo sabido na estação dos praticos e em Calcuta. Os naufragos por tanto, que acharem caminho para as casas, devem n'estas permanecer e cuidar nos meios de subsistencia, na certeza de que, em breve serão socorridos, ou se forem obrigados a abandona-las, esforçarem-se para seguir o caminho do oeste até a ilha de Saugor, e viajar pela praia até que cheguem ao pharol, ou caminharem para uma grande povoação de pescaria, situada no lado do sueste da ilha de Saugor, servindo-se do catamarau até onde for praticavel.

Por ordem de superintendente da marinha. Assignado, Jas Sutherland, servindo de secretario.

Repartição da superitendencia da marinha em Fort William, a 8 de março de 1856.

Publicado por ordem da directoria da companhia das Indias Orientaes. Assignado, James C Melvell, secretario.

Casa da directoria 7 de maio de 1856.

THEATRO DE SANTA IZABEL.

Quinta-feira 6 de novembro de 1856.

BENEFICIO DO SANTA ROSA.

Logo que o Exm. Sr. conselheiro presidente desta provincia se dignar comparecer na tribuna, dara principio o divertimento com uma bella symphonia

A MARQUEZA.

executada pela muito conceituada banda de musica militar do corpo de policia, de que he mestre o distincto professor, o Sr. Pedro Nolasco Baptista.

Depois representar-se-ha o novo drama em 3 actos, que pela primeira vez vai a scena neste theatro, e tem por titulo

O retrato DE MUITAS FAMILIAS.

Actores que fazem partes no drama: as Sras. Ds. Florinda Kneth, mademoiselle Alexandrina Menar, Jesuina Josephina da Silva; os Srs. Santa Rosa, Ribeiro, Alves, Rozendo, Lima, convidados, criados, etc.

Os intervallos serão preenchidos com as melhores peças de musica de repertorio do dito Sr. Pedro Nolasco, e entre as quaes executarão o novo terceto da opera

MARCO VISCONTI.

e um dueto da mesma opera, tambem novo.

No fim do drama seguir-se-ha o passo a dous por duas Jovens Pernambucanas.

Terminará o espectaculo com a sempre muito applaudida comedia em 1 acto.

O INGLEZ MACHINISTA.

Actores:

Sras. mademoiselle Alexandrina, D. Jesuina e D. Januaria; Srs: Santa Rosa, Lima, Alves, Rozendo, moços, etc.

A scena se passa no Rio de Janeiro no anno de 1812.

Principiará as horas do costume.

Os bilhetes de camarotes, cadeiras e platea, estão desde já expostos a venda em casa do beneficiado, na rua de Santa Isabel n. 13, a qualquer hora do dia, e no dia do espectaculo no escriptorio do mesmo theatro.

Avisos Maritimos.

COMPANHIA TRANSATLANTICA DE VAPORES SARDOS.

O vapor *Genova* de 2.000 toneladas, a hélice e de força de 300 cavallos, sahio de Genova em 20 de outubro corrente, tocando nos portos de Marselha, Malaga, Cadiz, Tenerife, e deve chegar aqui no dia 12 de novembro, e seguirá para a Bahia e Rio de Janeiro no dia 13. Os passageiros que se destinarem ao Rio da Prata passam no Rio de Janeiro para outro vapor da mesma companhia destinado a fazer aquella viagem mensalmente. No 1. de dezembro sahira do Rio de Janeiro o dito vapor *Genova* em sua volta para Europa, tocando na Bahia, e deve chegar aqui no dia 8 e sahira' no dia 9 as 4 horas da tarde em direitura a S. Vicente, Tenerife, Cadiz e Genova. Recebe passageiros para todos estes portos e tambem para Marselha, para o que tem os mais bellos commodos, excellente tratamento de mesa e cama, bom medico, botica e grande numero de criados. Os preços dos passageiros para a Bahia 25 patacões, e Rio de Janeiro 50.

Tabella DOS PREÇOS DAS PASSAGENS PARA A EUROPA.

	1.ª CLASSE. Camarotes dobrados.	1.ª CLASSE. Camarotes singelos.	2.ª CLASSE. Camarotes dobrados.	2.ª CLASSE. Camarotes singelos.	3.ª CLASSE. Convez.
De Pernambuco a Genova.	Fr. 750	Fr. 900	Fr. 600	Fr. 800	Fr. 300
» » a Marselha.	Fr. 700	Fr. 900	Fr. 600	Fr. 800	»
» » a Tenerife.	Fr. 500	Fr. 600	Fr. 350	Fr. 500	»

Tanto a primeira como a segunda classes tem os camarotes a ré e comem em mesa separada.

Os passageiros de terceira classe tem o comer igual ao dos marinheiros, e sem vinho nem colxão, nem roupa de cama.

Os menores de tres annos não pagam passagem, os de tres a oito annos pagam a quarta parte e os de 8 a 12 annos pagam meia passagem.

Os criados pagam meia passagem e as criadas dous terços.

No escriptorio dos agentes Lemos Junior & Leal Rodrigues, rua do Torres n. 11.

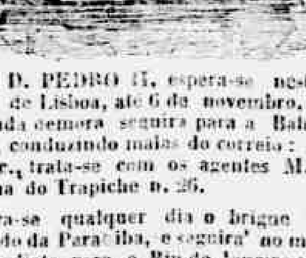
Lemos Junior & Leal Reis.

—Para Lisboa, com brevidade, por ter parte da carga prompta, o brigue portuguez «Soberano»: quem quizer carregar, dirija-se aos seus consignatarios Francisco Severiano Rabello & Filho.

Para o Maranhão

segue com muita brevidade a barca BRILHANTE, tem a bórdo a meia carga que trouxe do Rio de Janeiro, e aqui alguma prompta: para o resto que lhe falta, trata-se com os consignatarios Novaes & C., rua do Trapiche n. 54, ou com o capitão, na praça.

Companhia de navegação a vapor Luso-Brasileira.



O vapor D. PEDRO II, espera-se neste porto, procedente de Lisboa, até 6 de novembro, e depois da costumada demora seguira para a Bahia e Rio de Janeiro, conduzindo malas do correio: para passageiros, etc., trata-se com os agentes M. D. Rodrigues, rua do Trapiche n. 26.

—Espera-se qualquer dia o brigue brasileiro «Leão» vindo da Paraciba, e seguira' no mesmo, ou no dia immediato para o Rio de Janeiro; póde receber a frete escravos: trata-se no escriptorio de Isaac, Curio & Companhia, rua da Cruz n. 49.

Rio de Janeiro.

Espera-se do Assu' o brigue «Imperador do Brasil», o qual depois da sufficiente demora para receber escravos a frete, seguira' para o porto indicado: a tratar com Manoel Alves Guerra, na rua do Trapiche n. 14.

RIO de Janeiro.

Segue com brevidade o bem conhecido e veleiro brigue FIRMA, capitão Manoel de Freitas Victor, tem parte da carga prompta: para o resto, trata-se com os consignatarios Novaes & C., rua do Trapiche n. 54, ou com o capitão, na praça.

—Para Lisboa, com brevidade, por ter parte da carga prompta, o brigue portuguez «Laia III»: quem quizer carregar, trata-se com os seus consignatarios abaixo assignados.

Francisco Severiano Rabello & Filho.

—Para o Rio Grande do Norte e Assu' sahira' em poucos dias o hiate «Angelica»; para carga e passageiros, trata-se com Antonio Joaquim Suer, rua da Cruz n. 13, primeiro andar.

—Para o Ceara' sahe o hiate «Aurora», ainda recebe carga: trata-se com Martins & Irmão, rua da Madre de Deos n. 2.

Para a Bahia

O veleiro palhabote «Dous Amigos» pretende seguir para a Bahia no dia 6 do corrente; só recebe passageiros, para os quaes tem excellentes commodos: trata-se com o seu consignatario Antonio Luiz de Oliveira Azevedo, rua da Cruz n. 1.

Leilões.

P. M. Bogort, capitão do palhabote americano «Patrick Henry», fará' leilão por autorisação do Illm. Sr. inspector da alfandega, por intervenção do agente Oliveira, em presença do Sr. representante do Seguro de New-York dos Estados Unidos, e por conta e risco de quem pertencer, do dito palhabote, de lotação de 241 toneladas, com mastros, vergas, cordoalha, ferros e correntes, velame completo, bote, e todos os mais pertences, tal qual se acha ancorado neste porto, onde os pretendentes podem tudo examinar antecipadamente, e foi legalmente condemnado em consequencia de ter batido a' entrada da barra, na sua recente viagem procedente de Harbor Grace, da Terra Nova: quinta-feira, 6 do corrente, as 11 horas da manhãa, a' porta da associação commercial desta praça.

LEILÃO DE ESCRAVOS.

O agente Borja fara' leilão em seu armazem, na rua do Collegio n. 15, de diversos escravos de ambos os sexos, bem como uma bonita mulata optima costureira e labyrinteira, 2 negrinhas e 1 mulatinha de 10 a 12 annos, 4 pretas excellentes cozinheiras, 2 ditas engommadeiras, 2 pretos bastante robustos, proprios para todo o serviço, 1 mulato de bonita figura, de 18 a 20 annos, proprio para pagem, diversos escravos para serviço de campo e engenho, e outros muitos etc., os quaes se acharão expostos no supradito armazem ao exame dos senhores pretendentes: quinta-feira, 6 do corrente, as 11 horas em ponto.

Leilão.

O agente Oliveira fara' leilão, por ordem do Illm. Sr. consul da França nesta cidade, da mobilia, algumas joias, e obras de prata, espingarda, relogio, e varios outros objectos pertencentes a' liquidação da massa do finado L. A. Boudoux, subdito francez: sabbado 8 do corrente, a's 10 horas da manhãa, na casa onde residio dito finado, rua das Pernambucanas na Capunga.

Leilão.

Paton Nash & C. farão leilão por intervenção do agente Oliveira, de grande sortimento de fazendas inglezas, as mais proprias do mercado: quarta-feira 5 do corrente, a's 10 horas da manhãa, no seu armazem rua do Trapiche.

Leilão

O agente Vieira da Silva fara' leilão sabbado, as 11 horas da manhãa, no seu armazem na rua da Madre de Deos, dos objectos que se acharem presentes, assim como de uma preta moça, perfeita engommadeira.

LEILÃO

O agente Vieira da Silva fará leilão, por conta e risco de quem pertencer, de 100 saccos com farinha de mandioca, em lotes a vontade dos pretendentes; sexta-feira, 7 do corrente, as 11 horas da manhãa, no armazem do Cazuza, defronte da alfandega.

Leilão.

O agente Pestana fara' leilão de grande porção de obras de marcineiria, novas e usadas, inclusive uma mobilia de jacaranda' em muito bom estado, e excellente gosto, assim como uma armação para loja de fazendas, e muitos outros objectos que estão patentes, e serão vendidos a' vontade dos compradores: sexta-feira 7 do corrente, no seu armazem na rua da Cadeia do Recife n. 55, a's 11 horas da manhãa.

Avisos Diversos.

—Precisa-se alugar uma escrava para o serviço de uma casa: quem a tiver queira annunciar, ou dirigir-se a' rua do Cabuga', loja de miudezas de quatro portas n. 1—B.

—Não tendo tido lugar a reunião dos credores do fallido João Chrisostomo de Lima, no dia designado, foi dita reunião transferida para o dia quinta-feira, 6 do corrente a's 10 horas, na sala das audiencias.

—O Dr. Pedro de Athayde Lobo Moscozo, tendo muito breve de fazer uma viagem, roga a quem se julgar seu credor o obsequio de apresentar suas contas até o dia 10 de novembro, e espera que os que lhe devem, tambem a bondade de mandar-lhe pagar até esse dia, pelo que lhes ficara' muito agradecido.

HOSPITAL TODOS OS SANTOS DA VENERAVEL ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO DO RECIFE.

Achando-se vagos os lugares de enfermeiro e enfermeira do mesmo hospital, por deliberação da mesa administradora da dita ordem, são convidados os senhores que estiverem nas circumstancias do final do artigo 158 dos estatutos, a apresentarem o seu requerimento, assim como precisa-se para o sobredito hospital de um servente. O final do artigo a que se refere o annuncio acima he: serão preferidos para estes empregos, um homem e uma mulher, que além de casados, ou aparentados no primeiro grao, possuam as eminentes virtudes, que caracterisam os verdadeiros christãos, para que dignamente cumpram com os sagrados deveres que reclama a humanidade soffredora.

—Pergunta-se a razão porque a caixa filial do Banco do Brasil nesta provincia, recusa emprestar dinheiro sobre penhores de acções da Companhia Costeira, sendo ellas de todo o valor realisado? não obstante o paragrapho 5. do artigo 17 de seus estatutos, dizer que podera' emprestar sobre penhores de acções de companhias, com abatimento nunca menor de um terço do valor realisado, ou do preço do mercado, quando este for inferior a' aquelle valor? Este procedimento indo assim de encontro aos seus estatutos, não tendera' a desacreditar a referida Companhia Costeira, não querendo os seus directores emprestar dinheiro algum sobre penhor de suas acções?—Um accionista da Companhia Costeira.

—Precisa-se de uma ama que seja fiel, que cozinhe e engomme com toda perfeição, para uma familia estrangeira de duas pessoas, paga-se bem; na rua do Trapiche n. 40, primeiro andar.

Cozinheiro.

Precisa-se alugar um cozinheiro, escravo, que seja asseado e não bebado, fiel, etc.: na rua da Cadeia de Santo Antonio, segundo andar da casa amarella.

—Na rua da Prata n. 38, precisa-se de um bom official de alfaiate de obras miudas.

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES.

CAPITAL 16,000:000$000.

A companhia tem sua agencia no escriptorio de viuva Amorim & Filho, rua da Cruz n. 45, onde aceita todas as propostas de seguros de riscos e fortuna do mar.

Sobre o casco, quilha e pertences de navios de qualquer lotação na navegação de longo curso, de cabotagem, ou fluvial, ou na pesca, em viagem ou prestes a viajar, em carga ou descarga, amarrados ou ancorados, em concerto ou no estaleiro, quer por tempo certo, quer por viagem simples, ou a premio ligado.

Sobre mercadorias desde o momento de seu embarque até o de sua descarga e deposito.

Sobre os lucros esperados de mercadorias encaminhadas para qualquer mercado.

Sobre o casco e quilha de embarcações miudas empregadas em descarga e trafico dos portos.

Sobre o capital e premios de dinheiro a risco.

Sobre o premio dos seguros e premio dos premios.

Sobre acções de terceiro por damnos causados por abalroamentos fortuitos.

Sobre os fretes.

A companhia recebe tambem propostas de seguro de riscos de incendio e damnos causados para preveni-lo ou extingui-lo de raio ou fogo celeste, e inundações.

SOBRE OS SEGUINTES OBJECTOS.

Predios urbanos ou ruraes, igrejas e quaesquer estabelecimentos, com exclusão de depositos, fabricas e laboratorios de polvora, e materias incendiarias ou inflammaveis, theatros e casas de espectaculos.

Mercadorias em qualquer parte que estejam, mobilia e utensilios de fabricas de quaesquer estabelecimentos industriaes, quer sejam feitas por seus proprietarios, quer pelos uso-fructuarios, locatarios, sublocatarios ou credores hypothecarios.

Finalmente aceita propostas sobre re-seguros, quer dos seguradores, quer dos segurados, nos casos em que a estes póde competir o re-seguro.

A companhia garante a prompta indemnisação da importancia de quaesquer sinistros, e a modicidade dos premios; igualmente um abatimento as pessoas que na roda do anno fizerem uma avultada somma de seguros.

PARA PASSAR A FESTA.

Continuam ainda a estar desoccupados os dous sitios já annunciados na Ilha do Retiro, com duas excellentes casas: a tratar com João Tavares Cordeiro, na rua da Madre de Deos n. 36.

ORDEM TERCEIRA DO CARMO.

O secretario da veneravel ordem terceira do Carmo tem aberto tenções de missa constantemente com a esmola de 640, e continúa de presente até novembro de 1857 para sufragar os irmãos fallecidos, por isso roga aos senhores sacerdotes, tanto seculares como regulares, hajam por suas bondades de darem preferencia a dita ordem em consequencia do grande numero de suffragios. Ordem terceira do Carmo 1. de novembro de 1856.—O secretario,

Manoel Joaquim Muniz Baranda.

GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA.

Tenho por diversas vezes demonstrado que este estabelecimento tem progredido espantosamente, muito principalmente do anno de 1854 a esta parte; mas, ou porque nos associados ha pouca vontade em ajudar a actual administração, para ella melhor poder desempenhar seus deveres, ou porque ella vacille em suas deliberações; o certo he, que desde a retirada para a Europa do mui digno director, nada se tem adiantado?!

Ha pouco foi endereçada ao conselho deliberativo uma queixa de grande ponderação, contra um dos empregados, na qual muito em duvida se punha sua fidelidade. E como até o presente o conselho senão tenha resolvido a entrar na apreciação deste facto; eis o motivo por que lanço mão da penna para o despertar no cumprimento de seus deveres, e isto o faço nestes termos, por me persuadir que esta falta he proveniente dos muitos afazeres de alguem, a quem muito respeita o seu admirador. ***

—Desappareceu no sabbado, 1.º de novembro, pelas 4 horas da tarde, um escravo crioulo por nome Clemente, com os signaes seguintes: idade, pouco mais ou menos, 25 annos, altura regular, cheio do rosto, costuma a embrisgar-se, levou calça e camisa preta, foi sem chapéo na cabeça, quando se pergunta alguma cousa costuma responder de vista fincada no chão, já ha noticia que anda aqui dentro da cidade: portanto roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo, que o prendam e levem a seu senhor no botequim da rua larga do Rosario n. 27, que serão recompensados generosamente.

—Na tarde do dia 3 do corrente perdeu-se no cemiterio publico uma pulceira de ouro, sendo uma grade larga lavrada, dividida por uma escama com rubins: quem a achou, querendo restituir, leve atraz da matriz da Boa-Vista, casa terrea n. 16, que sera' generosamente recompensado. Roga-se aos senhores ourives que não comprem no caso de lhe ser offerecida, e levem a casa acima dita.

—Uma senhora estrangeira, cuja familia consta unicamente do seu marido e um filho de 2 annos, precisa de uma ama para comprar e cozinhar, a qual querendo póde passar a noite fóra de casa: procure-se no Corredor do Bispo, loja a entrada, lado direito, junto a taberna.

—Para não interromper o serviço da linha do Brasil, em consequencia dos reparos que tem soffrido os navios, a companhia Franco-Americana tem sido obrigada a negligenciar a escala de Pernambuco durante duas ou tres viagens na sua vinda. Esta interrupção não he momentanea, na volta os vapores tocarão como de costume; o *Cadiz*, que devia partir do Rio em 31 do corrente, tomara' frete e passageiros, para cujo fim se poderão dirigir a agencia dos mesmos, em casa de Lasserre & Tisset-frers. Pernambuco 27 de outubro de 1856.

—Precisa-se de uma mulher brasileira ou estrangeira, que saiba dirigir a casa de um homem solteiro que tem tratamento: na rua do Hospicio n. 3, sobrado.

—Retalham-se os generos e utencilios, sendo medidas, pesos, caixões, fiteiros, pipas proprias para azeite, um tonel, louça e mais generos, da taberna da rua da Cadeia de Santo Antonio n. 26.

—O bacharel Cypriano Fenelon Guedes Alcoforado, tendo de estar ausente desta cidade por um mez, avisa a quem possa interessar, que deixa encarregado de seus negocios e suas causas aos Srs. Dr. José Bernardo Galvão Alcoforado, Dr. João Silveira de Souza, e Dr. Joaquim de Souza Reis.

—Antonio Ferreira, portuguez, retira-se para a Europa no brigue «Bom Successo».

—Precisa-se de um caixeiro que tenha pratica de taberna, e que dê fiador de sua conducta: na rua das Cruzes n. 20.

—Quem precisar de um caixeiro de taberna, brasileiro, tendo pratica da mesma, dirija-se a rua do Rangel n. 53, no fundo, achara' com quem tratar.

—Desappareceu do sitio da Tacaruna, de D. Maria dos Passos, no dia 3 do corrente, o moleque crioulo, Daniel, com 7 a 8 annos de idade, levou calça e camisa branca de algodão, chapéo de palha ordinaria, tem os olhos grandes e esbranquiçados, a côr muito negra, e conduzia uma bandeja, sendo visto até as 6 horas da tarde no cemiterio de Santo Amaro: quem o pegar leve-o a seu senhor Cassiano Alberto Pimenta, que sera' recompensado.

—O director da sociedade popular de soccorros mutuos avisa a todos os seus socios, que no dia quarta-feira, 5 de novembro, havera' reunião, afim de tratar-se dos interesses da mesma sociedade. Principiara' das 6 horas da tarde do mesmo até 10 da noite. Recife 4 de novembro de 1856.—Romualdo Alves de Oliveira, director.

—Precisa-se de uma mulher idosa e de bons costumes para uma casa de pouca familia, assim como de um homem cozinheiro: a tratar em casa do desembargador Mendes da Cunha, junto ao quartel do Hospicio.

—No engenho Bom Jesus do Cabo precisa-se de um distilador para alambique de Derosne, que seja honrado e de boa conducta, preferindo-se solteiro; quem se julgar habilitado póde dirigir-se ao referido engenho, ou ao sitio do commendador Luiz Gomes Ferreira no Mondego.

—O escrivão Silva Rego, mudou-se da rua do Collegio para a de S. Francisco n. 6, sobrado.

O abaixo assignado, avisa aos senhores estudantes de preparatorios, que já abrio em novo curso das linguas ingleza e franceza: aquelle que quizer utilisar-se de seu prestimo dirija-se a' rua da Gloria n. 44.—Joaquim Barboza Lima.

—Roga-se ao Illm. Sr. thesoureiro das loterias que haja de não pagar o n. 2180 garantido por Antonio da Silva Guimarães, e o outro dito 2787 garantido por Antonio Francisco das Chagas, porque foi perdido no dia 2 do corrente em uma carteira com 10$ dentro: quem a achar leve a rua das Larangeiras n. 14, que sera' gratificado.

—O abaixo assignado deixou de ser caixeiro do Sr. Lourenço Pugi desde o dia 31 de outubro de 1856, e agradece ao mesmo senhor o bom tratamento que lhe prodigalisou durante o tempo que foi seu caixeiro.—Guilherme Malaquias de Souza Gomes.

—Na rua Nova n. 39, precisa-se de uma ama que saiba engommar e cozinhar.

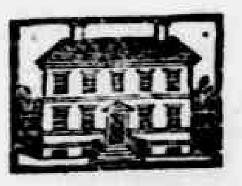
—J. Praeger vai a negocios para Europa, e deixa na sua ausencia por seus bastantes procuradores o Sr. C. A. van der Linden, e seu irmão Gustavo H. Praeger.

—O Sr. José da Silva Araujo tem uma carta na rua do Crespo, loja n. 12.

—Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e engommar, para casa de pouca familia: na rua do Crespo n. 11.

—Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e engommar: atraz da matriz da Boa-Vista n. 16.

SOCIEDADE EM COMMANDITA,



fundadora da fabrica de fiação e tecidos de algodão.

Não se tendo reunido numero sufficiente de socios em assemblea geral, fica adiada a reunião para o dia 12 de novembro proximo, quando se tomara uma definitiva deliberação com as pessoas que se acharem presentes. A reunião terá lugar em casa do Sr. Antonio Marques de Amorim, rua da Cruz, no referido dia 12, ao meio dia em ponto.

Pernambuco 28 de outubro de 1856.

Amorim, Faria, Guerra & C.

—Precisa-se de um preto para uma casa estrangeira, que seja fiel e não tenha vicios, paga-se bem: a tratar na rua do Torres n. 38.

—Pelo juizo de orphãos desta cidade vai a' praça por venda a casa de sobrado de dous andares n. 18, na rua de José da Costa, no bairro do Recife, a requerimento da viuva inventariante, para pagamento das dividas do seu casal, por fallecimento de seu marido Joaquim José de Figueiredo, na audiencia de 7 de novembro.

—Aluga-se a loja da casa da rua da Aurora n. 54, onde foi officina do fallecido marcineiro Henrique: quem pretender dirija-se ao Sr. João Pinto de Lemos Junior, no seu escriptorio, ou casa de sua morada, na rua da Aurora.

—Precisa-se de uma ama que saiba bem cozinhar, e para fazer as compras: na rua do Queimado n. 38.

—Precisa-se para uma casa estrangeira de um cozinheiro bom, de uma costureira, de um feitor, de uma engommadeira e de uma preta, para o serviço de casa: a tratar na rua do Crespo, no escriptorio da companhia da estrada de ferro.

—Permuta-se o arrendamento de um sitio na Soledade, com grande casa de sobrado e mais commodos, por uma casa de dous andares nos bairros de Santo Antonio ou Boa-Vista: quem este negocio quizer realisar, dirija-se a loja de fazendas n. 20, na rua do Queimado, que ahi achara' com quem tratar.

—Alugam-se duas casas recentemente concertadas e pintadas, no lugar dos Remedios, proprias para se passar o verão: a tratar na rua do caes do Ramos, sobrado de dous andares, no primeiro andar.

—Aluga-se uma escrava ja' idosa para o serviço diario de uma casa de pequena familia: quem tiver annuncie ou dirija-se a rua dos Martyrios, sobrado n. 2, primeiro andar, das 6 as 8 horas da manhãa, e das 4 as 8 da noite.

—Pede-se ao Illm. Sr. thesoureiro das loterias desta provincia haja de não pagar, sendo saia premiado, o meio bilhete da primeira parte da primeira loteria da matriz de S. Miguel de Barreiros n. 1371, pertencente aos abaixo assignados.—João da Silva Leite, Joaquim Theodoro da Silva, Manoel Carneiro da Silva, Francisco Romão de Sena.

—Na rua da Cadeia, defronte da casa da Relação, alugam-se e vendem-se bichas hamburguezas, por preço commodo.

—O abaixo assignado, consul de sua magestade britanica na provincia de Pernambuco, roga a todos os subditos britanicos que não estiverem registrados no dito consulado, o queiram assim fazer quanto antes. Consulado britanico em Pernambuco 31 de outubro de 1856.—H. Augustus Cowper, consul.

—Aluga-se a propriedade Passagem da Barreta, com grande coqueiral, viveiros de peixe, mangues, e pasto para grande numero de animaes: na rua da Cadeia do Recife n. 52.

—Precisa-se de um escravo de meia idade, que seja fiel e sem vicio, para serviço de sitio e tratamento de um cavallo: na rua da Cadeia do Recife n. 52, primeiro andar.

—Precisa-se alugar um sitio para um estrangeiro com pouca familia, com boa casa de vivenda, jardim e baixa de capim para 2 ou 3 cavallos: quem tiver dirija-se a praça do Corpo Santo n. 18, em casa de Rostron Rooker & Companhia.

—Da-se 600$000 a juros com hypotheca em alguma casa nesta cidade, e mesmo por partes com penhores, e para desempenhar outros: na botica da rua do Livramento n. 22, se dirá quem da.

—O abaixo assignado, agente de leilões, para o que acaba de tirar titulo no meritissimo Tribunal do Commercio, offerece ao respeitavel publico e especialmente ao corpo de commercio desta cidade seu prestimo, affiançando-lhe que não poupara' esforços para desempenhar seu officio, achando-se sempre prompto no seu armazem, rua da Cadeia n. 55.—José Maria Pestana.

COMPANHIA PERNAMBUCANA.

Os Srs. que subscreveram novas acções desta companhia são convidados a entrar com a primeira prestação de 30 por cento no praso de 30 dias: no escriptorio do Sr. Antonio Marques de Amorim, rua da Cruz.—Recife 18 de outubro de 1856.—Manoel Alves Guerra, secretario interino.

Aferição.

O abaixo assignado, arrematante das aferições do municipio do Recife, scientifica a quem convier, que tem estabelecido o seu escriptorio no pateo do Terço n. 16, aonde dará expediente das 8 da manhãa as 3 da tarde.—José Custodio Peixoto Soares.

Seguros contra o fogo.

LONDRES.

Companhia Northern.

CAPITAL,—£ 1,260,000—Estabelecida em 1836.

Para effectuar seguros sobre propriedades, mercadorias, mobilia e generos de quasi toda a qualidade. Premio de 5/8 até 1/2 0/0 ao anno.—Agentes, C. J. Astley & C.

—Aluga-se um sitio para passar a festa, ou por anno, com os seguintes commodos: 2 salas, 7 quartos, copiar, estribaria, muitas arvores, por preço muito em conta: os pretendentes dirijam-se em Sant'Anna de dentro, defronte do mesmo sitio, a João Vinas-a Machado do Passo, ou na rua Nova n. 22.

AO PUBLICO.

No armazem de fazendas baratas, rua do Collegio n. 2,

vende-se um completo sortimento de fazendas finas e grossas, por mais barato preços do que em outra qualquer parte, tanto em porções como a retalho, affiançando-se aos compradores um só preço para todos: este estabelecimento abrio-se de combinação com a maior parte das casas commerciaes inglezas, francezas, allemãos e suissas, para vender fazendas mais em conta do que se tem vendido, e por isto offerecem elle maiores vantagens do que outro qualquer; o proprietario deste importante estabelecimento convida á todos os seus patricios, e ao publico em geral, para que venham (a bem dos seus interesses) comprar fazendas baratas: no armazem da rua do Collegio n. 2, de—Antonio Luiz dos Santos & Rolim.

ROB LAFFECTEUR.

O unico autorisado por decisão do conselho real e decreto imperial.

Os medicos dos hospitaes recommendam o arrobe de Laffecteur, como sendo o unico autorisado pelo governo e pela real sociedade de medicina. Este medicamento de um gosto agradavel e facil a tomar em secreto, está em uso na marinha real desde mais de 60 annos; cura radicalmente em pouco tempo com pouca despeza, sem mercurio, as affecções da pelle, impingens, as consequencias das sarnas, ulceras e os accidentes dos partos, da idade critica e da acrimonia hereditaria dos humores; convém aos catarrhos, a bexiga, as contracções e a fraqueza dos orgãos, procedida do abuso das injecções ou de sondas. Como anti-syphilitico o arrobe cura em pouco tempo os fluxos recentes ou rebeldes, que volvem incessantes em consequencia do emprego da copahiba, da cubeba ou das injecções que representem o virus sem neutralisa-lo. O arrobe Laffecteur he especialmente recommendado contra as doenças inveteradas ou rebeldes ao mercurio e ao iodoreto de potassio.—Lisboa.—Vende-se na botica de Barral e de Antonio Feliciano Alves de Azevedo, praça de D. Pedro n. 88, onde acaba de chegar uma grande porção de garrafas grandes e pequenas vindas directamente de Paris, de casa do dito Boyveau-Laffecteur 12, rua Richelieu á Paris. Os formularios dão-se gratis em casa do agente Silva, na praça de D. Pedro n. 82.—Porto, Joaquim Araujo; Bahia, Lima & Irmãos; Pernambuco, Soum; Rio de Janeiro, Rocha & Filhos; e Moreira, loja de drogas; Villa Nova, João Pereira de Magates Leite; Rio Grande, Francisco de Paula Couto & C.

MUTILADO

DEPOSITO DE LIVROS E BOTICAS HOMEOPATICAS, DO CONSULTORIO DO DR. P. A. LOBO MOSCOSO.

O Dr. P. A. Lobo Moscoso, tendo de fazer uma viagem deixa a sua botica sôb a direcção de pessoa habilitada e de inteira probidade, e um deposito na loja de livros do Sr. Manoel Nogueira de Souza na rua do Crespo, sobrado novo do Sr. Magalhães Bastos.

PREÇOS FIXOS.

Botica de 12 tubos grandes. . . .	10$000
Dita de 24 » » . . .	15$000
Dita de 36 » » . . .	20$000
Dita de 48 » » . . .	25$000
Dita de 60 » » . . .	30$000
Manual de medicina homeopathica do Dr. Jahr com o diccionario dos termos de medicina	20$000
Medicina domestica do Dr. Henry. . . .	10$000
Tratamento do cholera morbus. . . .	2$000
Repertorio do Dr. Mello Moraes. . . .	6$000

— Ensina-se a pilotagem theorica-pratica, o curso mathematico e francez, contas para o commercio: a tratar na rua do Nogueira n. 7.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, de volta de sua viagem á Europa, está morando na rua Nova n. 41, primeiro andar, onde pode ser procurado a qualquer hora.

— Alugam-se 4 pretos para o serviço de armazem de assucar: quem os tiver dirija-se a rua de Apollo, armazem n. 1 A, que se pagará generosamente.

—O Rvm. Sr. Joaquim José de Faria, que morou ou mora na Boa-Viagem, tem uma carta na livraria ns. 6 e 8, da praça da Independencia.

J. JANE, DENTISTA,

continúa a residir na rua Nova n. 19, primeiro andar.

SEGURIDADE.

Companhia de seguros maritimos, estabelecida no Rio de Janeiro.

Capital mil contos de reis.

Offerece ao commercio vantagens que nenhuma outra companhia tem feito até agora. Aceitam-se propostas de seguro no escriptorio de Isaac, Curio & Companhia, agentes da companhia, rua da Cruz n. 49.

SEGURO CONTRA FOGO.
Companhia Alliance.

Estabelecida em Londres, em março de 1824.
Capital cinco milhões de libras esterlinas.

Saunders Brothers & C., tem a honra de informar aos Srs. negociantes, proprietarios de casas, e a quem mais convier que estão plenamente autorisados pela dita companhia para effectuar seguros sobre edificios de tijolo e pedra, cobertos de têlha e igualmente sobre os objectos que contiverem os mesmos edificios quer consista em mobilia ou em fazendas de qualquer qualidade.

— O abaixo assignado faz sciente aos Illms. Srs. de engenhos e mais pessoas que negociam com assucar, remettendo-o para esta praça, que se acha habilitado em receber por commissão dito genero, e espera de seus patricios e amigos, e de quantos de seu prestimo se queiram utilisar, as remessas de seus assucares, promettendo o mesmo abaixo assignado exercer todo o zelo e actividade que lhe são naturaes, envidando todo o esforço possivel nas funcções da liquidada apuração de dito genero, como bem o tem demonstrado. As pessoas cujas remessas excederem de 10:000$ por safra, sómente pagarão 2 0/0 de commissão, sendo 3 0/0 as demais como he costume; e para todas se obriga o mesmo abaixo assignado a toda e qualquer compra de objectos sem como muitos tirar porcentagem. Recife, rua Direita, primeiro andar n. 93.
Francisco Seraphico de Assis Vasconcellos.

JOAÕ DA SILVA RAMOS,
MEDICO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,

continúa a receber em sua casa na rua do Cabugá n. 16, das 8 as 10 horas da manhãa, e das 3 a 5 da tarde, as pessoas que o queiram consultar: bem como se presta a sahir com a já reconhecida promptidão, a visitar qualquer enfermo, a toda a hora do dia ou da noite, quer dentro quer fóra da cidade.

— Precisa-se alugar seis pretos para armazem de assucar: quem tiver e quizer alugar, dirija-se a rua de Apollo, armazem n. 40, que encontrará com quem tratar.

ALVIÇARAS, RAPAZEADA!

Boa nova tenho a dar;
Este sol que vos abraza
Vai-se em gelo transformar.

La' do Pólo, onde os Lapões
Vivem na toca enfurnados,
Chegou nectar que refresca
Vossos labios dessecados.

E o Soares, que jurou guerra
Ao fogo, ao sol, ao calor,
Com gelo, ananaz e outras
Mitigará vosso ardor.

Junto ao becco do Rosario
Ide, pois, e encontrareis
Ser verdade o que vos conto;
Bom cobre la' deixareis.

Vaccina.

O Dr. Joaquim d'Aquino Fonseca julga conveniente declarar, que vaccinará as pessoas que comparecerem na casa de sua residencia, mesmo quando sejam de guarda os dias designados para isto, e roga as que forem vaccinadas que não deixem de voltar nesses dias; porquanto só se póde entreter a innoculação vaccinica sendo a semente passada de um a outro individuo, e para que isto tenha lugar torna-se indispensavel que compareçam; além de que, podendo ser confundida com a falsa vaccina a verdadeira, por aquelles que as não sabem distinguir, só voltando conhecer-se-ha se estão preservados da variola.

—Precisa-se de uma lavadeira que seja boa, não demore a roupa no rio e dê fiador a sua conduta: na praça da Independencia livraria ns. 6 e 8.

O Dr. Caetano Xavier Pereira de Brito (medico), faz sciente aos seus amigos e ao respeitavel publico, que regressando de sua viagem, continua a residir no aterro da Boa-Vista n. 45, no segundo e terceiro andar, aonde sempre o encontrarão prompto aos mysteres de sua profissão.

Almanak da provincia.

Estando-se confeccionando o almanak da provincia, roga-se a todas as pessoas que costumam nelle ser incluidas, e que o não estiverem, ou houver algum erro, queiram mandar levar a livraria numero 6 e 8 da Praça da Independencia, a emenda, assim como pede-se aos senhores de engenhos, se dignem mandar igualmente as transferencias a mesma livraria.

Grande e asseiado collegio em Lisboa,

para meninas, internas e externas, cuja educação, prendas e mais vantagens, se poderão avaliar, em presença dos estatutos, que se acham na rua do Crespo loja n. 16, ou na esquina que volta para a rua da Cadeia.

Sorvetes

Na rua do Trapiche Novo n. 12, ha sorvetes todos os dias, das 11 a 1 hora da manhãa, e das 6 1/2 as 9 da noite.

— Precisa-se de costureiras: na loja de alfaiate, rua Nova, esquina da ponte.

— O Dr. Pedro de Athayde Lobo Moscozo, tendo muito breve de fazer uma viagem, roga a quem se julgar seu credor o obsequio de apresentar suas contas até o dia 10 de novembro futuro, e espera que os que lhe devem, tenham a bondade de mandar-lhe pagar até esse dia, pelo que lhes ficará muito agradecido.

LOTERIA DA PROVINCIA.

O Sr. thesoureiro das loterias manda fazer publico, que estão expostos a venda, na thesouraria das loterias, na rua da Aurora n. 26 das 9 ás 5 da tarde, os bilhetes e meios, da primeira parte da primeira loteria de S. Miguel de Barreiros, cujas rodas andam no dia 8 de novembro, e logo que se publiquem as listas, se pagam os premios incontinente, a excepção dos dous premios grandes, que são pagos logo, no salão da extracção, no convento de Nossa Senhora do Carmo.

O escrivão das loterias, José Januario Alves da Maia.

— Joaquim Pereira Rosas, subdito portuguez, vai a Europa.

Compras.

— Compram-se apolices da divida provincial, na rua das Flores n. 37 1.º andar.

TRAPOS.

Na rua Imperial, casa n. 179, compra-se toda a qualidade de trapos a 500 rs. a arroba.

— Compra-se uma casa terrea em Olinda, nas seguintes ruas: rua de S. Bento, dita de Mathias Ferreira, ladeira do Varadouro, dita da Ribeira, dita da Misericordia, pateo de S. Pedro Novo: quem tiver annuncie para ser procurado.

— Compra-se uma tipoia nova ou com pouco uso: na rua da Cadeia do Recife, loja n. 28.

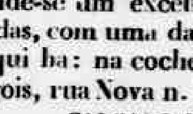
Vendas.

— Vende-se uma canoa de conduzir capim, a qual pega 250 feiches, e tambem serve para conduzir barro para olarias; sendo nova e forte e boas madeiras: a tratar na rua da Cadeia do Recife, casa numero 55, segundo andar.

— Vende-se para fóra um escravo de nação Costa, de 32 annos de idade, e entende bem do serviço de campo: na rua dos Guararapes n. 30-B.

— Vende-se na loja n. 5, proximo ao arco de Santo Antonio, damasco de seda lavrado.

Rôxo.
Azul celeste.
Encarnado.
Amarello.
Branco.



Vende-se um excellente carro de quatro rodas, com uma das melhores parelhas que aqui ha: na cocheira do Sr. Adolpho Bourgois, rua Nova n. 61.

CALÇADO BARATO.

Borzeguins elasticos de seda para senhora a 5$000 o par: na praça da Independencia, loja do Arantes.

— Na rua das Cruzes n. 22, vendem-se duas escravas, uma dellas de nação e a outra cabra, que engommam, cozinham e lavam de sabão.

— Luiz José de Sa Araujo, na rua do Brum n. 22, tem para vender retroz primeira sorte, superior, e bom sortimento, em porção, arcos novos de pa'o para pipa, ditos para barrica, que tudo se vende a preço razoavel.

THESOURO PARA O PEITO.
Superior chocolate francez.

Este excellente chocolate, feito na melhor fabrica de Paris, vende-se na casa de A. Hebrard, rua do Trapiche Novo n. 22.

A libra—1.ª qualidade	dobra	baunilla	1$920
» —2.ª	»	baunilla	1$600
» —3.ª	»	dita	1$280

As pessoas que comprarem 5 libras para cima de qualquer qualidade receberão dez por cento de abatimento.

— Vende-se sal do Assu' a bordo do hiate «Angelica»: a tratar na rua da Cruz n. 13, primeiro andar.

Obras de ouro.

Na loja da rua do Crespo n. 10, vendem-se ricas obras de ouro de todas as qualidades, por menos preço do que em outra qualquer parte, e affiança-se a qualidade do ouro.

BACALHAO DE ESCAMA.

Vende-se a doze mil reis a barrica: no caes da alfandega, armazem de Paula Lopes.

— Vende-se uma carroça nova com pipa, para vender agua, com boi ou sem elle: na rua dos Pires casa do Sr. Manoel Joaquim Carneiro Leal.

— Vendem-se saccas com farinha da terra, por preço commodo: na taberna da rua das Flores n. 21, confronte ao porto das canoas.

Chapeos para senhora.

Na loja da rua do Crespo n. 10, vendem-se ricos chapeos para senhora, grosdenaple de cores, córtes de seda e outras fazendas de bom gosto, por menos preço do que em outra qualquer parte.

NA LOJA DA BOA FE'

vende-se bom e barato madapolão muito fino n. 6 a 4$600 a peça, dito dito a 3$600, dito entre fino a 3$300, dito dito a 2$700, algodão trançado peça de 20 jardas a 3$500, dito liso muito encorpado idem a 2$880, dito dito idem a 2$240, chita fina para cobertas a 200 rs. o covado, ditas escuras de cores fixas a 160 rs., cambraia lisa muito fina a 560 rs. a vara, dita dita fina a 480 rs., dita muito fina com salpicos a 800 rs., dita preta muito fina a 400 rs., dita adamascada com uma vara de largura propria para cortinados a 7$ a peça; assim como muitas outras fazendas, que por suas qualidades se tornam recommendaveis aos amigos do bom e barato: na rua do Queimado n. 22 na loja da boa fé, defronte da da boa fama.

SAO DE BOM GOSTO.

Cambraias francezas muito finas e de lindos padrões, a 500 rs. o covado: na bem conhecida loja da boa fé, na rua do Queimado n. 22.

Na loja da boa fé

vende-se o mais barato que he possivel: chales lisos de merinó muito fino com franjas de seda a 5$000, ditos dito lisos de listas de seda a 4$, lenços de cambraia muito fina com bico de linho a 1$200, ditos de cambraia brancos com barra de côr a 240 rs., mantas de seda para gravata a 1$, peitos para camisas, brancos e de cores a 400 rs., filó de linho bordado a 1$280 a vara, dito de dito liso a 880 rs., camisas de riscado finas e muito bem feitas a 1$500, alpaca de seda de muitos bonitos padrões para vestidos a 640 rs o covado, luvas de seda para homem e senhora a 1$ o par, ditas de pellica para senhora a 1$, ditas de fio de Escocia para homem a 400, ditas de dito para meninos a 320 rs., meias pretas de seda para senhora a 2$ o par, ditas ditas de laia para padre a 1$600, ditas brancas muito finas para senhora a 240 e 320 rs., ditas pretas de algodão para senhora a 400 rs. ditas de algodão cru para homem a 200 rs, além disto muitas fazendas que se vendem muito barato, e que a vista dos preços os senhores compradores não deixarão de comprar: na bem conhecida loja da boa fé, na rua do Queimado n. 22.

A boa fama

Vende barato:

Duzias de tezouras para costura a	1$000
Ditas muito finas e grandes a	1$200
Pecinhas de bicos estreitos a	560
Caixinhas com agulhas francezas a	160
Caixas com linhas de marcar a	280
Braceletes encarnados para senhoras a	200
Meias brancas finas para senhora a	240
Meadas de linhas finas para bordar a	100
Grozas de botões madreperola finos a	600
Grozas de botões finos de osso para calças a	280
Fivelas douradas para calças e colletes a	120
Pentes finos para alizar cabellos a	300
Peças de fitas de linho com 6 varas a	50
Caxinhas com colchetes francezes a	60
Carriteis de linha fina de 200 jardas a	80
Macinhos de 40 grampos muito boas a	50
Suspensorios para homem e menino a	40
Duzias de torcidas para candieiro a	80
Carteiras finas para algibeira a	600
Canetas para pennas de aço a	20 e 40
Meias brancas e cruas para homem a	160 e 200
Trancinhas de lãa de caracóes peça a	80
Duzias de pentes de chifre para alizar a	800
Groza de botões de louça pintados a	240
Peças de fitas de cor com 10 varas a	320 e 360
Carriteis de linha autor Alexandre a	40
Meadinhas de linha preta muito boa	20
Cartas de alfinetes com 25 pentes a	140
Duzias de pentes abertos para atar cabellos a	2$200
Meias brancas e de cores para meninos a	240 e 320
Grozas de fivellas para sapatos a	560
Caixinhas de páo com palitos de fogo a	20
Castões para bengalas a	40
Sapatinhos de lãa para crianças a	300
Trancelins pretos para relogios a	140
Escovinhas finas para dentes a	120
Caixinhas com grampos a	160
Babado aberto de linho varas a	120 e 140
Dito bordado muito bonito vara a	200
Caixinhas para guardar phosphoros a	160
Carteiras com agulhas a	320
Caxinhas com obreias de colla a	160
Escovinhas para limpar pentes a	320
Agulheiros muito bonitos a	200
Peças de fitas largas lavradas com 11 varas a	2$500
Libras de linha preta e de cor a	1$200
Libras de linha fina n. 100 e 120 a	2$000
Duzias de caixas de chifre para rapé a	720
Maços de palitos para dentes a	100

Além de tudo isto outras muitissimas miudezas que se vendem muito mais barato do que em outra qualquer parte: na rua do Queimado na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

Naloja da boafé

vende-se tão barato que admira: panno fino azul a 3$ o covado, dito dito preto superior a 3$500, casemira preta fina a 2$, bombazina preta muito fina ou lapim, proprio para batinas a 1$280, sarja preta hespanhola a 1$800, setim preto macau a 2$600, cantão muito fino, fazenda preta superior propria para vestido de luto a 960, alpaca de seda de côr para palitó a 640 rs, ricos cortes de gorgurões de seda para colletes a 3$500, palitós pretos muito bem feitos a 4$, ditos de brim pardo de puro linho a 3$200, lenços pretos de grosdenaple a 2$, e outras muitas fazendas que se vendem por preços tão diminutos que ninguem deixará de comprar, na rua do Queimado n. 22, na bem conhecida loja da boa fé.

NA LOJA DA BOA FE'

vende-se muito barato córtes de calça de bonitas casemiras de algodão a 1$120, ditos de fustão para collete a 600 rs., brim trançado branco de puro linho a 1$440 rs. a vara, dito dito de cor idem a 800 rs., dito dito pardo idem a 560 rs., dito de quadrinhos miudos a 200 rs. o covado, madapolão fino n. 6 a 4$ a peça, algodão de listras a 160 rs. o covado, chales de algodão; de bonitos padrões a 800 rs., ganga amarella franceza de quadros, de listra e lisa a 320 rs. o covado, e outras muitas fazendas que se vendem por muito menos que em outra parte: na rua do Queimado n. 22, na bem conhecida loja da boa fé, defronte da loja de miudezas da boa fama.

RUA DA CRUZ N. 51.

Antonio Barbosa de Barros faz sciente ao publico que mudou a sua sala de barbear da casa n. 62 da rua da Cruz para a de n. 51 da mesma rua; na mesma sala se acham as mais modernas bichas de Hamburgo, que se vendem aos centos e a retalho, e alugam-se, tudo mais barato do que em outra parte.

— Vende-se superior linha de algodão branca e de cores, em novello, para costura: em casa de Southall Mellor & Companhia, rua do Torres n. 38.

Com toda certeza.

Aqui não ha uzura, na antiga casa desta cidade, rua estreita do Rosario, padaria n. 13, recebeu-se um novo sortimento de bichas de Hamburgo, pelo vapor que passou para o sul, por isso avisa-se aos freguezes que vendem-se aos centos e alugam-se por menos preço do que em outra parte.

Pois são boas, os freguezes
Hão de gostar; e muito mais
Gostarei eu se todos os dias alugar.

São grandes de admirar,
E para agradar os freguezes
O caixeiro vai botar.

Logo recebe o dinheiro,
O patrão não quer fiado,
Já passou ordem ao caixeiro.

Na loja das seis portas
Em frente do Livramento

Lenços de seda para pescoço de senhoras a dez tustões, chales de merinó de todas as cores a quatro mil e quinhentos, chales escuros a duas patacas, chales de cassa adamascados a sello, riscados francezes de bonitos padrões para vestidos a dous tustões o covado, chaly de flores a duas patacas, e outras muitas fazendas que quer trocar por sedulas, sendo os preços os mais commodos que he possivel, a dinheiro á vista.

Na loja das seis portas
Em frente do Livramento.

Alpaca de quadros para vestidos de senhoras a doze vintens o covado, cassas escocezas a doze vintens o covado, córtes de cassa com sete varas a quatro patacas e meia o corte, madapolões com toque de avaria a dous mil e quinhentos e tres mil reis, chitas e riscados a quatro mil reis a peça, riscado trançado para roupa de escravos a seis vintens o covado, e muitas outras fazendas que se querem acabar antes de festa; approveitem que a occasião he favoravel para se enrouparem com pouco dinheiro.

Superior cal de Lisboa.

Vende-se superior cal de Lisboa: no armazem de Novaes & C., rua da Madre de Deos n. 12, por preço commodo.

Aterro da Boa-Vista n. 60, nova loja de Gama & SILVA.

Nesta loja vendem-se por menos preço do que em qualquer outra parte, as seguintes fazendas: assevera-ndo-se que são das ultimamente chegadas ao mercado. Córtes de fustão acolchoado, e brins de linho puro para calças, cada um 2$500, superiores bretanhas de linho, cada peça de 6 varas por 3$500, melpomene para vestidos, e outras muitas fazendas finas a vontade do comprador. Todas estas fazendas trocam-se por dinheiro.

DEPOSITO DA FABRICA Industria Pernambucana,
RUA DO CRESPO N. 9.

A fabrica de sabão e velas de carnauba, estabelecida na rua do Brum, tem estabelecido um deposito na rua do Crespo n. 9, para ahi unicamente dar extracção aos seus productos, proporcionando assim a maior commodidade aos consumidores. As velas manufacturadas nesta fabrica, offerecem as vantagens seguintes: são feitas com a carnauba simples purificada pelo meio do vapor, são inodoras e bellas na apparencia, queimam com igualdede e não esborram, e não fazem murrão e dão mais luz e mais clara do que as velas stearinas ou de qualquer composição, e que se vendem no mercado. Fabricam-se de 6, de 7 e de 10 em libra, vendendo-se em caixas que contem 192, 224 ou 320 velas cada uma pelo preço de 15$.

O sabão he branco, as materias primas de que he fabricado são simples e inofensivas, o cheiro que deixa na roupa he agradavel; rivalisa com o melhor sabão hespanhol e he superior ao sabão americano, que se vende no mercado a 240 rs. a libra.

Vende-se igualmente em caixas de arroba e a preço de 160 rs. cada libra.

Os incredulos comprando reconhecerão por experiencia a veracidade do que se annuncia.

Na loja das seis portas
Em frente do Livramento

Córtes de cassa pintados com sete varas a cinco patacas, cambraia lisa com oito varas, córtes que dão para dous e tres babados a tres mil reis, lenços de retroz francezes a dez tustões cada um, lenços de seda para pescoço de senhora a dez tustões, lenços de garça o melhor que tem no mercado a dous mil reis, lenços para mão de senhora com bico largo a dez tustões: de tudo se dá amostra, levando penhor que cubra o valor do que se quer trazer.

Luvas de pellica muito novas para homem e senhora, o par a 1$280 na rua do Queimado na bem conhecida lojo de miudezas da boa fama n. 33.

Na loja das seis portas.
Em frente do Livramento.

Manguitos bordados com recorte a dez tustões, camisas para senhora bordadas a dous mil reis, collarinhos para senhora a pataca, e bordados a dez tustões, camisas de cambraia a cinco patacas, aventaes para meninas a dez tustões, filó preto para camisas e enfeites de senhoras a quatro patacas a vara, filó de linho liso e bordado, e outras muitas fazendas de algodão, de linho e seda, por preços que agradam ao comprador.

MUITA ATTENÇAO'.

Vendem-se mantinhas de seda para pescoço de senhora e meninas, muito baratas: na loja de M. Ferreira de Sá, na rua da Cadeia do Recife, esquina que volta para a Madre de Deos.

— Na rua da Cruz n. 10, casa de Henr. Brunn & Companhia, vendem-se barricas com cemento.

VASOS E ESTATUAS

Vendem-se vasos e estatuas de louça, proprios para jardim ou catacumbas: na rua do Amorim armazem n. 41.

UM VESTIDO POR 2$000.

Novo e completo sortimento de córtes de vestido de chita de differentes padrões, cores fixas, pelo diminuto preço de 2$ cada córte: na loja de 4 portas, na rua do Queimado n. 10.

— Em casa de Henr. Brunn & Companhia, na rua da Cruz n. 10, vende-se cognac em caixinhas de duzia.

Relogios

obertos e descobertos, pequenos e grandes, de ouro e prata, patente inglez, para homem e senhora, de um dos melhores fabricantes de Liverpool, vindos pelo ultimo paquete inglez: em casa de Southall Mellor & Companhia, rua do Torres n. 38.

A 1$280 o par de luva de pellica,

muito novas e muito fresquinhas, chegadas no ultimo vapor francez: na rua do Queimado, na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

Relogios de patente

inglezes de ouro, de sabonete e de vidro: vendem-se a preço razoavel, em casa de Augusto C. de Abreu, na rua da Cadeia do Recife, armazem n. 56.

— Vende-se superior café do Rio de Janeiro, por preço commodo, para liquidar: no Passeio Publico, loja n. 11, de Ferreira & Cruz.

Pekim.

Esta rica fazenda de 6 palmos de largura he inteiramente nova em Pernambuco: fabricada no celeste imperio, de cuja capital tira o nome, he de uns padrões lindissimos e ainda não vistos até agora: vende-se pelo baratissimo preço de 2$600 o covado: na rua do Queimado n. 7, loja da estrella.

— Vendem-se dous missaes romanos, novos, da ultima edicção, por barato preço: na rua estreita do Rosario n. 11.

BICHAS DE HAMBURGO.

São chegadas estas excellentes bichas pelo vapor inglez, que se vendem aos centos e a retalho, por preço commodo: na rua estreita do Rosario n. 2, loja de barbeiro.

POSTAS.

Vendem-se na rua Direita n. 27, postas de cavalla a 100 rs.. 120 e 140, manteiga ingleza a 880 e 800 rs., dita franceza a 800 rs. e 720, queijos muito novos a 1$700, ditos a 1$500, ditos a 1$400, café a 180 a libra, dito a 300 rs., batatas novas a 100 rs. a libra, 1 relogio patente suisso, de ouro, por preço commodo, e outros muitos generos por baratos preços.

—Domingos Alves Matheus tem para vender, em seu escriptorio, na rua de Apollo n. 25, o seguinte:

Superior vinho velho do Porto, em barris de oitavo.
Dito geropiga velho em ancoretas.
Dito engarrafado.
Enxadas portuguezas.
Toalhas de linho para rosto.
Lençóes de linho para casa.
Semente de linhaça.
Panno de linho do Porto.
Ricos e elegantes pianos.
Fio de algodão da Bahia.
Panno de algodão da Bahia.

Xarope do Bosque verdadeiro

RUA LARGA DO ROSARIO N. 36.

Continúa a vender-se este xarope do qual são agentes no Rio de Janeiro os Srs. Yates & Companhia, rua do Hospicio n. 40, na botica do abaixo assignado, que garante ser verdadeiro.
Bartholomeo Francisco de Souza.

VINHO DO PORTO GENUINO.

Vende-se optimo vinho do Porto em barris de quarto e oitavo, por preço razoavel: na rua da Cadeia do Recife n. 13, escriptorio de Baltar & Oliveira.

— Vende-se o sitio com casa de sobrado do fallecido George Kenworthy, no lugar de S. José do Manguinho, com arvoredos de fructo e mais bemfeitorias que nelle se acham, sendo as terras do referido sitio proprias: quem o pretender procure em casa de Samuel P. Johnston & Companhia, rua da Senzala Nova n. 42.

AGENCIA

Da fundição Low-Moor, rua da Senzala-Nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor e taixas de ferro batido e coado de todos os tamanhos para dito.

LABYRINTHOS.

Vendem-se lenços e toalhas de labyrintho, assentado em fina cambraia de linho: na rua da Cruz n. 34, primeiro andar.

POTASSA E CAL VIRGEM.

No antigo e já bem conhecido deposito da rua da Cadeia do Recife, escriptorio n. 12, ha para vender muito superior potassa da Russia, dita do Rio de Janeiro e cal virgem de Lisboa em pedra, tudo a preços muito favoraveis, com os quaes ficarão os compradores satisfeitos.

VARANDAS E GRADES.

Um lindo e variado sortimento de modellos para varandas e gradarias de gosto modernissimo: na fundição da Aurora em Santo Amaro, e no deposito da mesma na rua do Brum.

MECHANISMO PARA ENGENHO.

NA FUNDIÇAO DE FERRO DO ENGENHEIRO DAVID W. BOWMAN, NA RUA DO BRUM, PASSANDO O CHAFARIZ,

ha sempre um grande sortimento dos seguintes objectos de mechanismos proprios para engenhos, a saber: moendas e meias moendas da mais moderno construcção; taixas de ferro fundido e batido, de superior qualidade e de todos os tamanhos; rodas dentadas para agua ou animaes, de todas as proporções; crivos e boccas de fornalhas registros de boeiro, aguilhões, bronzes, parafusos e cavilhões, moinhos de mandioca, etc. etc.

NA MESMA FUNDIÇA'O.

se executam todas as encommendas com a superioridade ja conhecida e com a devida presteza e commodidade em preço.

AO BARATO.

Na rua Nova loja n. 8 de José Joaquim Moreira.

Vendem-se luvas de pellica para homem e senhora das mais frescas e novas que ha no mercado, pelo baratissimo preço de 1$280 o par.

CAL E POTASSA

Vende-se potassa da Russia e americana, chegada nestes dias e de superior qualidade; cal de Lisboa da mais nova que ha no mercado: nos seus depositos na rua de Apollo n. 1 A, e 2 B.

Cal de Lisboa e potassa.

Na rua do Trapiche armazens ns. 9 e 11, vende-se superior potassa da Russia e americana, cal virgem de Lisboa, da mais nova que ha no mercado.

Rua da Cruz N. 11.

Vende-se vinho de Bordeaux, qualidade superior.
Champagne.
Por preços commodos.

VENDE-SE

Graxa de patente, prova d'agua, para arreios de carro.

Vinho do Rheno de qualidades especiaes—Johannisberg e Marcobrunner.

No armazem de C. J. Astley & C.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixa de capim: na fundição de D. W. Bowman, na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

— Em casa de Saunders Brothers & C., praça do Corpo Santo n. 11, ha para vender o seguinte:
Ferro inglez.
Pixe da Suecia.
Alcatrão de carvão.
Lonas de linho.
Esponjas.
Drogas.
Algodão lizo para saccas.
Dito entrançado igual ao da Bahia.
E um completo sortimento de fázendas proprias para este mercado: tudo por preço commodo.

Farinha de mandioca.

Vende-se superior farinha de Santa Catharina, em saccas que tem um alqueire (medida velha) por preço commodo: no armazem de Novaes & C., na rua da Madre de Deos n. 12.

A3$500

Vende-se cal de Lisboa ultimamente chegada, assim como potassa da Russia verdadeira: na praça do Corpo Santo n. 11.

TAIXAS PARA ENGENHO.

Na fundição de ferro de D. W. Bowmann na rua do Brum, passando o chafariz, continúa haver um completo sortimento de taixes de ferro fundido e batido de 3 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidão: embarcam-se ou carregam-se em acrro sem despeza ao comprador.

—Vende-se em casa de S. P. Johnston & C., rua da Senzala-Nova n. 42, sellins inglezes, chicotes de carro e de montaria, candieiros e castiçaes bronzeados, relogios patente inglez, barris de graxa n. 97, vinho Cherry em barris, camas de ferro, fio de vela, chumbo de munição, arreios para carro, lonas inglezas.

Pechincha.

Fundas francezas do lado direito e esquerdo, pelo barato preço de 1$000 rs. cada uma: na rua larga do Rosario n. 55, loja de miudezas.

Moendas superiore.

Na fundição de C. Starr & C., em Santo Amaro, acha-se para vender moendas de canna todas de ferro, de um modelo e construcção muito superiores.

— Rua Nova n. 18 loja de M. A. Cajá & C. continua sempre a ter um grande sortimento de obras feitas de alfaiate, tanto superior, como mais inferior, camisas francezas, brancas e de cores, gravatas, colarinhos, chapéos francezes, ditos de sol, de seda e panninho, suspensorios de borracha, meias para senhoras, homens, meninos, fazendas para fazer-se qualquer obra de encommenda com a maior presteza e bom desempenho, em fim qualquer pessoa que vier a esta loja, tirará um facto completo e por preço mais commodo do que em outra qulquer parte.

XAROPE DO BOSQUE

Foi transferido o deposito deste xarope para a botica de Jose da Cruz Santos, na rua Nova n. 53, garrafas 5$500, e meias 3$000, sendo falso todo aquelle que não for vendido neste deposito, pelo que se faz o presente aviso.

IMPORTANTE PARA O PUBLICO.

Para cura de phtysica em todos os seus differentes graos, quer motivada por constipações, tosse, asthma, pleuriz, escarros de sangue, dôr de costados e peito, palpitação no coração, coqueluche, bronchite, dôr na garganta, e todas as molestias dos orgãos pulmonares.

HE MUITO BARATO.

Chales de merinó de lindas cores com ricas palmas bordadas a matiz pelo diminuto preço de 8$; na rua do Queimado n. 22 na loja da Boa Fé, defronte da loja da Boa Fama.

— A verdadeira gracha ingleza n. 97, em barricas de 15 duzias de potes: em casa de James Crabtree & C., rua da Cruz n. 42.

— Vende-se um excellente carro de quatro rodas com uma das melhores parelhas que aqui ha: na cocheira do Sr. Adolpho Bourgois, rua Nova n. 61.

SYSTEMA MEDICO DE HOLLOWAY.

PILULAS HOLLOWAY.

Este inestimavel especifico, composto inteiramente de hervas medicinaes, não contêm mercurio, nem alguma outra substancia delecterea. Benigno á mais tenra infancia, e a compleição mais delicada, he igualmente prompto e seguro para desarreigar o mal na compleição mais robusta; he inteiramente innocente em suas operações e effeitos; pois busca e remove as doenças de qualquer especie e grao, por mais antigas e tenazes que sejam.

Entre milhares de pessoas curadas com este remedio, muitas que ja estavam as portas da morte, preservando em seu uso; conseguiram recobrar a saude e forças, depois de haver tentado inutilmente todos os outros remedios.

As mãis afflictas não devem entregar-se e desesperação; façam um competente ensaio dos efficazes effeitos desta assombrosa medicina, e prestes recuperarão o beneficio da saude.

Não se perca tempo em tomar este remedio para qualquer das seguintes enfermidades:

Accidentes epilepticos	Febres intermittentes
Alporcas.	Febreto da especie.
Ampolas.	Gotta.
Areias (mal de).	Hemorrhoidas.
Asthma.	Hydropisia.
Colicas.	Ictericia.
Convulsões.	Indigestões.
Debilidade ou extenuação.	Inflammações.
Debilidade ou falta de forças para qualquer cousa.	Irregularidades da menstruação.
Desinteria.	Lombrigas de toda especie.
Dor de garganta.	Mal de pedra.
-- de barriga.	Manchas na cutis.
-- nos rins.	Obstrucção do ventre.
Dureza no ventre.	Phtisica ou consumpção pulmonar.
Enfermidades no ventre.	Retenção de ourina.
	Rheumatismo.
Enfermidades no figado.	Symptomas secundarios.
Ditas venereas.	Tumores.
Enxaqueca.	Tico doloroso.
Herysipela.	Ulceras.
Febres biliosas.	Venereo (mal.)

Vendem-se estas pilulas no estabelecimento geral de Londres n. 244. «Strand,» e na loja de todos os boticarios, droguistas e outras pessoas encarregadas de sua venda em toda a America do Sul, Havana e Hespanha.

Vendem-se as bocetinhas a 800 rs. Cada uma dellas contém uma instrucção em portuguez para explicar o modo de se usar destas pilulas.

O deposito geral he em casa do Sr. Soum pharmaceutico, na rua da Cruz n. 22, em Pernambuco.

A loja da boa fama

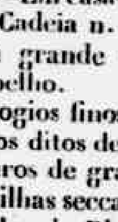
Vende muito barato:

Ricos pentes de tartaruga para atar cabello	1$500
Lencinhos de retroz de todas as cores	800
Toucas de lãa para senhoras e meninas	500
Camisas de meia para crianças	500
Meias de seda preta para senhora	2$000
Ricas caixas para guardar joias	800
Ricos estojos para costura 2$500 e	3$000
Travessas de tartaruga para cabello	3$500
Ditas de verdadeiro bufalo	1$000
Ricos leques com plumas e espelho 2$ e	3$500
Pentes de bufalo para tirar piolhos	500
Ricas bonecas francezas bem vestidas 1$280 e	1$800
Resmas de papel de peso muitissimo bom	6$000
Dito mais inferior pouca cousa	3$500
Dito almaço muito bom	3$200
Quadernos de papel paquete muito fino	80
Grozas de penna de aço bico de lança	1$200
Ditas muito boas sem ser bico de lança	500
Duzia de lapis muito finos	320
Ditos para desenho muito bons	800
Bandejas muito finas a 3$, 4$ e	5$000
Oculos de armação de aço	800
Lunetos com armação dourada	1$000
Ditas com armação de tartaruga	1$000
Ditas com armação de bufalo	500
Ricos chicotes para cavallo	800
Ricas gravatas de seda	1$000
Atacadores de cornalina para casaca	300
Pentes muito finos para suissas	500
Escovas muito finas para cabello	640
Capachos pintados compridos e redondos 700 e	800
Canetas de aço para pennas de aço	120
Escovas finas para unhas 320, 500 e	640
Ditas muito finas para roupa 1$ e	1$500
Pinceis finos para barba	500
Duzia de facas e garfos finos	3$000
Ditas cabo de balanço muito finas	6$000
Ditas cabo de marfim muito boas	10$000
Camisas de meia muito finas	1$200
Ricas abotoaduras para collete 500 e	600
Ditas para palitos 500 e	600
Estojos de navalhas finas para barba	2$000
Espelhos para parede, 500, 600 e	1$000
Caixas finissimas para rapé	2$500
Ditas redondas de tartaruga	6$000
Papel de cores em 1/4 de resma	720
Pentes de tartaruga para marrafa	1$400
Ditos para atar cabello imitando a tartaruga	2$000
Luvas brancas e de cores para montaria	800
Tapetes para lanternas, o par	1$800

e outras muitissimas cousas, que só na bem conhecida loja de miudezas da boa fama se encontram e se vende muito barato: na rua do Queimado n. 33.

Attenção!

Na rua do Trapiche n. 34, ha superior rapé Princeza do Brasil, chegado recentemente do Rio de Janeiro, em qualidade pouco differe do de Lisboa, ao passo que custa apenas 1$400 a libra; a elle antes que acabe, pois a remessa he pequena.



Vendem-se sellins com pertences, patente inglez e da melhor qualidade que tem vindo a este mercado: no armazem de Adamson Howie & C., rua do Trapiche n. 42.

—Em casa de Rabe Schmettau & C., rua da Cadeia n. 57, vende-se:
Um grande sortimento de vidros de espelho.
Relogios finos de patente inglez.
Ditos ditos de patente suisso.
Couros de graxa.
Ervilhas seccas em garrafões.
Vinho do Rheno superior.
Conservas alimentarias de boas qualidades.
Tudo por preço commodo.

Navalhas a contento.

Continua-se a vender a 8$000 o par (preço fixo) as já bem conhecidas navalhas de barba, feitas pelo habil fabricante que ha sido premiado em diversas exposições: vendem-se com a condição de não agradando poder o comprador devolve-las até 30 dias depois da compra, restituindo-se a importancia: em casa de Augusto C. de Abreu, na rua da Cadeia do Recife n. 36.

Vinho do Porto, superior chamiço.

Em caixas de 2 duzias e em barris de oitavo, recentemente chegado pelo brigue «Trovador»; vende-se unicamente no armazem de Barroca & Castro, na rua da Cadeia do Recife n. 4.

—Vendem-se dous pianos fortes de jacarandá, construcção vertical e com todos o melhoramentos mais modernos, tendo vindo no ultimo navio de Hamburgo; na rua da Cadeia, armazem n. 8.

PERFUMARIAS MUITO FINAS.

Na loja da boa fama encontra-se sempre um rico sortimento de perfumarias de todas as qualidades, sendo seu autor o melhor que ha em Paris, riquissimos frascos com extrato muito fino a 1$200, 1$500, 2$ e 2$500, jarros de porcellana delicados e de modernos gostos com banha franceza muitissimo fina a 2$ e 2$500, frascos com essencia de rosa a 320 rs., paos de pomada franceza muito boa a 100 rs., frascos pequenos e grandes com excellente agua de Colonia a 180 e 1$ e outras muitas perfumarias da melhor qualidade que póde haver, e por preços mais baratos do que em outra qualquer parte: na rua do Queimado na bem conhecida loja de miudezas da boa fama n. 33.

C. STARR & COMPANHIA

respeitosamente annunciam que no seu extenso estabelecimento em Santo Amaro, continuam a fabricar com a maior perfeição e promptidão, toda a qualidade de machinismo para o uso da agricultura, navegação e manufactura, e que para maior commodo de seus numerosos freguezes e do publico em geral, tem aberto em um dos grandes armazens do Sr. Mesquita na rua do Brum, atraz do arsenal de marinha um

DEPOSITO DE MACHINAS,

construidas no dito seu estabelecimento.

Alli acharão os compradores um completo sortimento de moendas de canna, com todos os melhoramentos (alguns delles novos e originaes) que a experiencia de muitos annos tem mostrado a necessidade. Machinas de vapor de baixa e alta pressão, taixas de todo tamanho, tanto batidas como fundidas, carros de mão e ditos para conduzir fórmas de assucar, machinas para moer mandioca, prensas para dito, fornos de ferro batido para farinha, arados de ferro da mais approvada construcção, fundos para alambiques, crivos e portas para fornalhas, e uma infinidade de obras de ferro, que sera enfadonho enumerar. No mesmo deposito existe uma pessoa intelligente e habilitada para receber todas as encommendas, etc., etc., que os annunciantes contando com a capacidade de suas officinas e machinismo, e pericia de seus officiaes, se comprometem a fazer executar com a maior presteza e perfeição, e exacta conformidade com os modellos ou desenhos, e instrucções que lhe forem fornecidos.

TAIXAS DE FERRO.

Na fundição da Aurora em Santo Amaro, e tambem no DEPOSITO na rua do Brum, logo na entrada, e defronte do arsenal de marinha, ha sempre um grande sortimento de taixas, tanto de fabrica nacional como estrangeira, batidas, fundidas, grandes, pequenas, razas e fundas; e em ambos os lugares existem guindastes para carregar canôas ou carros, livres de despezas. Os perços são os mais com modos.

Escravos fugidos.

— Ausentou-se a 28 do corrente a preta Thereza, grossa de corpo, meia fula, com talhos no rosto e braços, signaes de sua terra, costuma vender peixe pelas ruas, desconfia-se estar occulta em certa casa; recommenda-se aos capitães de campo e a policia, que a apprehendam e levem ao pateo do Carmo, quina da rua de Hortas n. 2. Protesta-se contra quem a tiver occulta.

50$000 de gratificação.

Fugio da casa do abaixo assignado, na tarde do dia 3 de abril do corrente anno um seu escravo crioulo, de nome Severino, de idade 50 annos, pouco mais ou menos, altura regular, barba branca, he um pouco calvo, levou calça e camisa de algodão branco, chapéo de palha, foi escravo do Sr. João Tavares Tolentino Vilarim, morador na villa do Pilar, Ladeira Grande; julga-se elle ter ido para esse lugar por não ser a primeira vez; o dito escravo foi depois do Sr. Antonio Ricardo do Rego: portanto roga-se as autoridades, capitães de campo, ou a qualquer pessoa que tenha delle noticia, o favor de captura-lo e leva-lo a rua do Cabugá n. 1-A, que se lhe dará a gratificação acima marcada, e se for fóra desta provincia, se pagarão as despezas da conducção d'onde elle estiver para esta.—José Ferreira dos Santos Porto.

— Fugiram no dia 1. do corrente dous moleques crioulos, Damião de 12 annos e Theodoro de 16; seguiram a estrada de Olinda em destino a Fragoso, levando camisa de chita e calça de castor com quadros, chapéo de palha cor de café: quem os apprehender dirija-se a José Luiz Pereira, na rua Nova n. 16, que gratificará.

— Do engenho Cajabussú, sito na freguezia do Cabo, fugio no dia 20 do corrente um casal de escravos, seguintes: Rozendo, de idade 40 a 45 annos, estatura regular, cor preta, sem dentes na frente, barba cerrada por baixo do queixo, e he official de pedreiro; Herculana, mulher do mesmo, idade 30 annos, baixa, secca, e com ar carrancudo, sendo cor de taioca. Estes escravos pertenceram a D. Thereza do Carmo Prudente, de Santo Antão, e ja' fallecida, e foram vendidos ao abaixo assignado pelos herdeiros da mesma, e presume-se que elles alli estejam occultos em casa de alguem: quem os pegar leve ao mencionado engenho, que será recompensado generosamente.—Manoel Barbosa da Silva.

— Ausentou-se hoje um escravo do sertão, pertencente ao Sr. Ignacio Machado da Costa, morador em Espinharas, de nome Paulo, crioulo, de 25 annos de idade, estatura regular, principiando a barbar, vista espantada, e com indicios de atrocar, tem uma marca de ferida em uma das pernas: foi vestido de ceroula comprida, e camisa de algodão da terra, jaqueta e chapéo de couro. Suspeita-se que fosse seduzido, e que esteja acoitado em alguma casa, contra o que se protesta: roga-se a todas as autoridades, capitães de campo, e pessoas do povo, queiram apprehende-lo e conduzi-lo a' rua do Crespo, loja n. 16, de Joaquim Azevedo de Andrade, que gratificará generosamente.

— No dia 18 do corrente pelas oito horas da manhãa fugio um negro por nome Antonio, o qual he de nação com os signaes seguintes: côr fula, pouca barba, puxa do quarto direito, os pés apalhetados, e no pé do lado direito tem algumas costuras imitando calor de figado, levou calça azul de riscado, camisa azul, chapéo de palha: este negro tem um irmão que he cortador de carne nos açougues da freguezia de Santo Antonio, sendo este o seductor daquelle, segundo que se tem sabido; foi escravo do Sr. academico Antonio Rogerio Freire de Carvalho, morador atraz da matriz da Boa-Vista, tendo vindo com o mesmo academico de Agua-Preta, talvez tomasse esta estrada; por tanto pede-se a todas autoridades onde o mesmo for encontrado, e os capitães de campo hajam de aprehender, ou leva-lo ao seu legitimo senhor abaixo assignado na rua larga do Rosario n. 48, que generosamente paga a quem o trouxer.—Bernardo de Cerqueira Castro Monteiro.

— Continua a estar fugido o escravo Antonio de nação Cassange, de idade de 35 annos pouco mais ou menos, altura regular, cangueiro no andar, cor preta, rosto redondo, sem barba, costas limpas, cheio do corpo, e conversa pouco; foi escravo dos herdeiros do finado Caetano Gonçalves da Cunha; ha quasi certeza de andar para as partes do sul desta provincia, se alguem acoitar o dito escravo fique certo de que o dono ha de proceder com todo o rigor das leis contra o acoitador, e a quem o capturar promette-se pagar com generosidade, sendo conduzido a rua da Guia n. 64 segundo andar nesta praça, ou no engenho Crusahy, ou Agua-Fria da freguezia de S. Lourenço da Mata.

— Fugio hontem as 7 horas da noite um escravo mulato, de nome Thomaz, alto, reforçado do corpo, com marcas de bexigas, pernas grossas e nellas marcas de cicatrizes nas canellas, falla com muita mancidão; levou camisa de panno azul grosso guarnecida de ourello branco nas hombreiras e punhos, aberta na frente em forma de palito: este escravo he natural da Parahiba, e foi escravo do Sr. Carlos Coelho que o houve por herança de seu sogro Jose Joaquim de Souza daquella cidade, e foi comprado pelo abaixo assignado ao Sr. Hilario de Athayde Vasconcellos Junior, morador no engenho Tapua, freguezia do Pilar da dita provincia: quem o pegar leve-o a rua da Concordia a Pedro Antonio Teixeira Guimarães, que será generosamente gratificado. Recife 1, de outubro de 1856.
Pedro Antonio Teixeira Guimarães.

— No dia 1.º de agosto do corrente anno, fugio do engenho Santa Rita, da comarca do Rio Formoso, um escravo, crioulo, de nome Vicente, de idade de 15 annos, com os signaes seguintes: secco do corpo, rosto comprido, cabeça um tanto grande, pernas finas, pés compridos, em todo corpo existem marcas de cicatrizes de castigos que tem soffrido pelas continuadas fugidas: quem o apprehender leve-o ao dito engenho, ou no largo do Carmo n. 16, onde se gratificará generosamente.

PERN.: TYP DE M. F. DE FARIA 1856

MUTILADO